

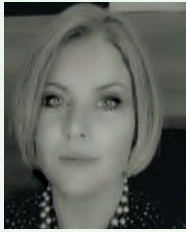
154! REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

EDIÇÃO ESPECIAL
61 ANOS DE BRASÍLIA



PARABOLOIDE.COM
WWW.PARABOLOIDE.COM



ANGELINA QUAGLIA



ANDRÉ BERÇOTT

● EDITORIAL

Há exatamente 61 anos Brasília foi inaugurada. Símbolo de uma nova era para o Brasil, a criação da nova capital federal alimentava o sonho de milhares de pessoas que viam nela a oportunidade de dias melhores. Foi nesse espírito que vimos a cidade crescer e se desenvolver, trazendo consigo inúmeros obstáculos inerentes aos centros urbanos.

Em seu sexagésimo primeiro aniversário, Brasília, apesar de todos os seus problemas, ainda apresenta muita vitalidade. Energia essa alimentada pelos seus habitantes, que a cada dia criam uma identidade própria, caracterizada pela junção das culturas de todas as partes do nosso país. Essa ecleticidade dá a nossa capital um toque diferente de tudo que já vimos e sentimos.

Da cultura nordestina encontrada na Ceilândia ao som do samba carioca, cultivado no Cruzeiro, passando por todas as delícias dos quatro cantos do país encontradas nas diversas feiras permanentes, podemos realmente perceber a quantas mãos nossa cidade foi erguida e mantida. Somos culturas múltiplas num espaço único, urbanismo (organismo e urbano), vivo e plural, que nos permite apreciar do tacacá ao chimarrão, do tereré ao peixe capixaba, do empadão ao acarajé, da fé cristã aos terreiros das religiões afro-brasileiras, do islamismo ao judaísmo, somos, aqui em Brasília, todos irmãos! Como dizia o professor Alvaro Milton Lemos Quaglia: “mundão velho sem porteira”. (1939-2015)

É o encontro dessas raízes que dá à nossa capital o selo de cidade de todos os brasileiros e cidadãos do mundo, pois somos Patrimônio mundial, expressão da cultura de um povo que agrega muitos. Como disse Leany Lemos na carta para o projeto 60 olhares sobre Brasília: “Das gentes que vivem por aqui”. Uma marca indelével, onde se forma o verdadeiro patrimônio nacional, o seu povo. Talvez possamos estar assistindo a um processo em que dessa mistura possa estar surgindo o autêntico brasileiro, aquele que representa um pouco de cada parte do país. Hoje podemos dizer que incorporamos isso tanto na nossa formação cultural, quanto na genética.

Por se tratar de um momento de bastante relevância, o aniversário de Brasília, a *Revista 15.47*, nesta edição, trará, como sempre, assuntos variados e também homenageará pessoas que nos campos da música, das artes visuais, da arte moderna da fotografia, do turismo, da arquitetura e urbanismo, do Direito, da memória, da psicologia, da fé, típica de todos nós brasileiros, que contribuem e/ou contribuíram para o desenvolvimento da nossa capital. Esta edição, caro leitor, quer transportá-lo a um assunto que muitas vezes passa despercebido, que é a alma da cidade. Alma essa que pode ser encontrada em sua memória, através das histórias contadas pelos seus pioneiros; ou pela sua arquitetura, dando à cidade um ar de empoderamento; pela sua natureza, com a resiliência do seu cerrado; ou mesmo pelo seu céu, “traço do arquiteto”,¹ apoteótico e intenso que ganha um *plus* a mais quando contrastado com a arquitetura das suas edificações.

A cidade que, injustamente, ganha o adjetivo de “fria”, em razão dos seus grandes espaços livres, é na verdade um caldeirão de espiritualidade e de liberdade, representada por uma diversidade religiosa, através de suas igrejas, santuários e templos. Como uma cidade com tamanha diversidade pode estar alheia às coisas que acontecem com seu povo?

É com essa energia que convidamos você, leitor, ao ler esta edição a fazer uma reflexão sobre como o nosso espírito pode impactar tanto no desenvolvimento da nossa cidade quanto no crescimento das futuras gerações.

Leia, compartilhem conosco a sua ideia sobre – Qual é a alma de Brasília? Nós da *15.47* e da Parabolóide Incubadora de Ideias queremos saber, pela sua experiência, o que você sente, o que você vê como alma de Brasília. Participe enviando um email para contato@paraboloides.com ou revista15.47@gmail.com.

Boa leitura!

BRASÍLIA





● ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB, pesquisa as áreas de acessibilidade/caminhabilidade, história da arquitetura, do urbanismo, das artes, representação e expressão, turístico patrimonial, acessível, e tecnologias de design dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, oferta cursos, projetos de arquitetura, design, cultura, e realiza produções cinematográficas. Na *Revista 15.47*, é diretora e coordenadora editorial, assinando as colunas UM PROJETO PARA BRASÍLIA, que busca apresentar iniciativas pensadas e aplicadas em Brasília; GASTRÔCYTIES, sobre a gastronomia icônica; e O DESIGN CRIATIVO + “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”, com temas relacionados ao design, ao urbanismo, à arquitetura e às artes urbanas.



● PATRÍCIA IUNES ÁVILA E SILVA

Historiadora da arte e *marchand*, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog “Sobre Arte e Arrepios” e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na *Revista 15.47*, além de membro do grupo diretor, assina a coluna ARTE E HISTÓRIA, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar muito próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



● JOÃO DINIZ

Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, poeta e conteudista digital, é professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP), e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produção de design, documentários e curtas, livros, dentre outros. Como escritor constam 26 livros publicados, 27 textos, fora os novos trabalhos, já iniciados. Membro do grupo diretor, também assina a coluna ARQUITETURA E PERCEPÇÃO, onde traz debates acerca dos temas que permeiam as observações sobre a cidade, a arquitetura e o indivíduo.



● MALU PERLINGEIRO

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da *15.47*, também escreve a coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



● FREDERICO FLÓSCULO

Arquiteto Urbanista, professor adjunto da Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor.

Entre suas publicações estão os livros *Metodologias da Projeção Arquitetônica: Evidências Gráficas*, *Contos de Cartomantes*, e *Thalija*, aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, este último uma belíssima história em quadrinhos.

Na *15.47* é responsável pela coluna PATRIMÔNIO BRASÍLIA, onde trata de temas relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação, legislação, percepções coletivas, dentre outros assuntos.



● RUBENS PERLINGEIRO

Historiador, geógrafo, cronista, professor, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas.

Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes comparações com situações que em algum momento podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro *A Peruca do Defunto e Outras Situações Improváveis*.

Responsável pela coluna CRÔNICAS DO RUBENS, e também um dos membros da equipe editorial, trará bons textos sobre temas divertidos do cotidiano, permitindo-nos boas risadas e muita sabedoria.



● ANDRÉ BERÇOTT

Historiador e pedagogo, trabalha na Rede SARAH de Hospitais desde 2005.

Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias e na *Revista 15.47*.

Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada.

Na revista, traz a coluna HISTÓRIAS DE BRASÍLIA, onde aborda temas relacionados à História de Brasília e de suas Regiões Administrativas, trazendo curiosidades e fatos no processo de produção de uma historiografia com um enfoque mais atual da nossa capital.



● JORGE NASSAR

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA.

Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto CRIATIVAMENTES, direcionado à área de entretenimento digital.

Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial e responsável pela coluna MÚSICA EM BRASÍLIA – O TOM DA CONVERSA, onde entrevista músicos brasileiros atuantes na capital e fora dela, a partir de 10 perguntas, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal.



● MARIA HELENA COSTA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, e despertar em pessoas, formam times e empresas. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despontar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na *Revista 15.47* é responsável pela coluna SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR.



● LUCIANA AZEVEDO

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto com Jézer Junior, é a responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde são tratados os assuntos relacionados à fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.



● JÉZER JUNIOR

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, é escritor, atua como palestrante, e é professor no curso Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Hoje é responsável por conduzir dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto com Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde são tratados os assuntos relativos à fé cristã em Brasília e no mundo, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.



● MARIA LUIZA JUNIOR

Formada pela Universidade de Brasília – UnB, em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo – USP, especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo – USP, e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília – UnB. Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros – CEAB, e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal – MNU-DF. Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe-de-Preto. Na *15.47* assina a coluna FEMININOS MÚLTIPLOS.



● VIVI MANZUR

Formada em publicidade e propaganda, é produtora de conteúdo, empreendedora, e fotógrafa na empresa Vivi e Luiz Foto, onde realizam trabalhos que sensivelmente registram partos e eventos em que a família comemora a vida, como aniversários, casamentos, batizados, dentre outros tantos belos momentos da vida. E é mãe de três belos filhos, que junto a ela produzem conteúdos digitais semanais (quase diários) sobre viver em família. Inquieta por aprender e passar conhecimentos, na *15.47* assina a coluna FOTOGRAFIA E OLHAR, onde traz assuntos que se relacionam à fotografia, e às situações inusitadas do cotidiano, ensinando-nos que a importância do extraordinário, em especial se registrado!



● JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a história da alimentação brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA, onde são tratados assuntos ligados à memória e às tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal, o calor do fogo cozinha junto com as panelas, e mantém aquecido o coração.



● BEATRIZ BERÇOTT

Fotógrafa e designer gráfica, é uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, sendo uma das responsáveis pela formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, da *Revista 15.47*, dentro outros. Atua nas áreas de fotografia e criação, desenho com softwares de arte, criação de maquete 3D e produção de artes visuais a partir da fotografia e montagem. Também é sócia fundadora da Bia's Fotos, onde atua no segmento de fotografia e criação fotográfica, com contratos voluntários e particulares.

Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis pela diagramação e orientação referente a pesquisa de fotografia e design, bem como pela coluna FOTOGRAFIA E ARTE.



● ALEXANDRE GUERRA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília – UnB, realizador de projetos ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento.

Na 15.47 é responsável pela coluna GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



● MARTA ROMERO

Graduação pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia, USP de São Carlos (1980). Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985) e Doutorado em Arquitetura – Universitat Politècnica de Catalunya (1993), Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília.



● LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília – UnB, dezembro de 1993; Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Distrito Federal, inscrito sob o número 11.457, prestando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário, Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Luso-Brasileira de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA.



● LEONARDO BRANT

Em Brasília desde 64. Bacharel em turismo e pós-graduação em didática do ensino superior. MBA em Gestão do Turismo. Guia de turismo. Organizador de Eventos. Professor de turismo, consultor em turismo. Trabalhou na Cia aérea Transbrasil como despachante de voo, na ABAV – DF como supervisor e coordenador de CATS, na UPIS com marketing, na Embratur como gerente, na ONU/Pnud como consultor, no MTUR como sub-gerente do Prodetur e como chefe do inventário da oferta turística. Foi chefe de segmentação da BrasiliaTur, Diretor de turismo da SETUR - DF e Assessor da SETUL – DF.



- FRANCISCO JOSÉ ALENCAR DE ARARIPE

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de teapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana.



- CAROLINA SENA

Relações Públicas e Jornalista, pós-graduada em Assessoria de Comunicação Pública pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Especialista em redação de textos para jornais, revistas, redes sociais e web. Fez parte da equipe de comunicação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) de 2005 a 2007. Trabalhou em eventos esportivos internacionais como a Copa do Mundo FIFA Brasil em 2014, Jogos Olímpicos Rio 2016 e na Copa do Mundo FIFA sub-17. Colabora com a Revista 15.47 na coluna PAPO CANDANGO, uma conversa descontraída sobre diversos assuntos como família, cultura e entretenimento.



PEDRO TORRES



ARTHUR NONATO

- GRUPO FLUG

Empresa voltada para a utilização da tecnologia no ramo da construção civil, que visa democratizar o acesso ao uso de ferramentas de ponta.



10 ARTE • ARQUITETURA • DESIGN • FOTOGRAFIA

- 10 O DESIGN CRIATIVO – “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”
- 15 ARTE E HISTÓRIA
- 19 NOVAS ARTES EM BRASÍLIA
- 24 VERA CRUZ – URBANISMO
- 25 ARQUITETURA E PERCEPÇÃO
- 27 O AMBIENTE E O CLIMA NA CIDADE DE BRASÍLIA
- 32 GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE
- 34 FOTOGRAFIA E OLHAR

35 ARQUITETURA • PATRIMÔNIO • TURISMO • HISTÓRIA • LEGISLAÇÃO

- 35 FLUG
- 37 TIPOLOGIA DOS ESPELHOS D’ÁGUA DE NIEMEYER
- 42 PATRIMÔNIO BRASÍLIA
- 44 HISTÓRIAS DE BRASÍLIA
- 46 PARA VERA BRANT, COM CARINHO – CARTAS
- 48 O SIGNIFICADO DE BRASÍLIA – CARTAS
- 49 IMPENHORABILIDADE DE BEM DE FAMÍLIA DO FIADOR

50 FÉ • BEM-ESTAR • COTIDIANO

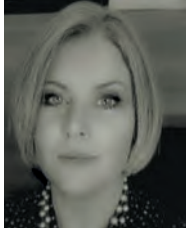
- 50 SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR
- 52 FEMININOS MÚLTIPLOS
- 54 MATERNIDADE NA PANDEMIA
- 55 BRASÍLIA EM ORAÇÃO
- 57 PANDEMIA E NEGAÇÃO – PSICOLOGIA

58 GASTRONOMIA AFETIVA • CIDADES

- 58 GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRIA
- 59 GASTROCITIES

60 MÚSICA • CRÔNICAS • CHARGES

- 60 O TOM DA MÚSICA – HOMENAGEM I
- 61 UM PROJETO PARA BRASÍLIA – ROTAS DE TURISMO
- 63 RADIO ROCK BRASÍLIA – 15.47 ENTREVISTA
- 67 LEI DO ENGASGO – CRÔNICAS DO RUBENS
- 68 UM OLHAR SEMPRE POSSÍVEL – HOMENAGEM II
- 69 CHARGE



ANGELINA QUAGLIA

● DESIGN CRIATIVO, ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA

FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA, ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA. AS BRASÍLIAS DE GAUTHEROT - MONUMENTAL E REAL

Parte essencial na narrativa histórica contemporânea, a fotografia é capaz de influenciar o imaginário social sobre diversos aspectos, até mesmo manipulando-o. Como instrumento de observação histórica, ajuda-nos a compreender a cidade e a sociedade, permitindo-nos a criação do significado a partir dos signos nela apresentados.

Ao avaliarmos uma fotografia, observamos o ponto de vista do fotógrafo e aquilo que pretende nos transmitir, diferenciando os seus significados, em grande parte das vezes, sob a ótica das nossas vivências. Por “congelar” o momento histórico, social e político, toda fotografia é temporal como signo, e atemporal em seus significados. A interpretação caberá ao tempo histórico (Burke, 2011).

Vale lembrar que a partir do surgimento da arte fotográfica, em meados do século XIX, outra forma de contar a história é difundida, permitindo o estudo iconográfico das cidades, e uma construção mais fidedigna de suas narrativas. Entretanto, é preciso compreender que a fotografia apresentada como signo é uma imagem temporal que necessita de uma avaliação especulativa e mais aprofundada sobre a história que nos é apresentada. A princípio poderá ilustrar uma realidade, porém, corre-se o risco de desvirtuar sua função enquanto relato, caso não tenhamos mais informações sobre seu significado. Para Benjamin (1994), “qualquer construção fotográfica corre o risco de permanecer vaga e aproximativa”, se desprovida de uma legenda, levando o observador a uma interpretação equivocada acerca do seu significado.

Para seguir lendo este texto é preciso manter os olhos atentos, entender a poeira vermelha, típica do cerrado, colorindo tudo a sua volta, lembrar que Brasília enquanto canteiro de obras foi por três anos a casa de muitos alojamentos, barracos, e a vida daquele lugar que está no passado, mas faz parte do presente, e que só podemos relembrar e compreender historicamente graças aos registros fotográficos do período.

Brasília não é uma cidade para vermos com os olhos apenas, mas sim com a alma, antropológicamente, como fez Marcel Gautherot! É uma metrópole tímida, porém grandiosa, monumental, dispersa e dicotômica! Para entendê-la temos que vivenciar seus caminhos, perder-se em suas quadras, em seus iguais, em seus vazios. Aqui temos que compreender suas esquinas, inexistentes, seu passado modernista e candango, e seu futuro capitalista! É sentir a transição entre as escalas propostas em projeto por Lucio Costa e apostar que o coração e o cérebro, com a sua plasticidade, compreenderão os argumentos que o fizeram criá-la! Antes de seu “nascimento” (inauguração), tudo era aberto, incerto e difícil. Para os operários, sonhos, para seus idealizadores, a propagação de um Brasil frutífero. Tudo era banzo e dobrado, uma bebida feita pelos candangos à base de álcool, água e açúcar, para calar a dor da saudade do sertão, da família, dos amigos, do passado, que naquele momento já não era mais.

Ouso dizer que Brasília, de fato, é para poucos, gestada por enormes sonhos que aqui nasceram, mesmo no árduo dia a dia dos anos de sua construção. A cidade é repleta de signos e significados, captados pelas lentes de Gautherot e de tantos outros que se encantaram por vê-la nascer.

Não resta dúvidas acerca da monumentalidade da cidade de Brasília, que em seus 61 anos de inauguração merece ser comemorada. No entanto, ao iniciar o processo de pesquisa para realizar este artigo, deparei-me com uma série de imagens que costumo utilizar para ilustrar minhas aulas e palestras, que mostram uma cidade imaculada, perfeita, modernista, mas também fui levada a enxergar o outro lado dessa utopia simbólica que é Brasília. A cidade que gostamos de ver e falar é aquela que estrangeiros enxergam. Peça a qualquer estrangeiro, ou até mesmo brasileiro, para desenhar Brasília, e o que verá como signo é o Eixo Monumental, belamente descrito por meio das maravilhosas obras de Oscar Niemeyer, e o espaço

monumental proposto por Lucio Costa, representando-nos como nação. Isso não é ao acaso!

Então, para este artigo, não falarei das belezas da criação de Brasília, ou do quanto admiro Lucio Costa, Niemeyer ou Juscelino Kubitschek. Falarei sobre a fotografia de Gautherot e sua representatividade enquanto historicidade.

Para Leitão (2003), a cidade foi criada “sob o discurso de forte misticidade, apoiado pelos agentes de comunicação, criando um imaginário construído no decorrer de sua história”. Segundo Pinto (2011) “a cidade é sim um monumento, um museu a céu aberto, uma cidade que parece intocável, porém, desde o início, suspeitava-se que por trás de toda a formalidade, de toda a monumentalidade existia outra Brasília ou, quem sabe, outras Brasília’s”.

De fato eu queria falar da cidade das escalas, dos ipês, do Eixão aos domingos, da minha normalidade comum. Entretanto, ao deparar-me com duas das fotografias de Gautherot, transporte-me para um passado duro, numa cidade onde a construção ocorreu após uma terra arrasada, e sem nenhuma árvore, nenhuma sombra, e mesmo assim abrigou um grande número de operários, alguns vindos com suas famílias. Não deixarei de afirmar que Brasília é grandiosa, magnífica, monumental, única e bela, e nada que falarei aqui desmerecerá esta joia do século XX. Mas ainda hoje há uma Brasília invisível aos nossos olhos, com ocupações irregulares muito próximas às que existiam por aqui.

Comemorar o aniversário da única cidade modernista do mundo, primeira a tornar-se Patrimônio Cultural da Humanidade no século XX (1987), e recém-titulada Cidade Criativa do Design (2017), ambos os títulos entregues pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), é não apenas falar de seu urbanismo inusitado e de seus belos edifícios, mas também relembrar do sacrifício feito por muitos operários, engenheiros, arquitetos, dentre tantos outros, que por su-



as mãos permitiram a transferência da capital, prometida por JK. É memorar os processos de criação do urbanismo e da arquitetura, não esquecendo da arte da fotografia, que guardou em rolos de filmes, e em impressões de revistas, tal como a Revista MÓDULO¹, a salvaguarda das memórias verídicas da cidade, como pode ser observado nos registros de Gautherot, sobre a dura realidade dos candangos², e a beleza da arquitetura.

Comemorar Brasília é entender suas gentes e sua natureza. Temos que entender a seca, saber quando o ipê floresce enfeitando a cidade com seus conhecidos amarelos; e saber receber seus galhos secos no período de “frio”, quando caducifólia³, esta árvore que é bela, nos lembra Jung, quando sentimos, através de sua perda de folhas, o esvaír-se na impermanência⁴.

Tal qual num repente, onde tudo se completa, vivenciar Brasília é saber que a cidade representa o país, não por “impostamente” ser a Capital Federal, mas pelas muitas regiões que por aqui foram representadas ainda em sua construção. Volto novamente o pensamento às imagens, às fotografias, que nos permitem a memória.

Dentro desse contexto, podemos concluir que existiram duas Brasília, ao observarmos as fotografias de Gautherot: A monumental, utópica, igualmente relatada por imagens de diversos fotógrafos que aqui registraram a integração das muitas classes sociais em torno de um objetivo comum, a CAPITAL DO PAÍS; e uma Periférica, real, pouco divulgada, que mostra a verdadeira essência da criação da nossa cidade.

Como cidade, a impermanência é algo inevitável, pois morrem os humanos que nela habitam, morrem alguns edifícios, casas e espaços que são transformados, morrem sonhos, assim como a florada dos ipês. Mas aqui revivem, quando a chuva chega, assim como a nossa grama batatais (a melhor para cá), e seu verde! Por aqui também se revivem histórias e memórias, que só foram possíveis, digo de novo, a partir dos rela-

tos fotográficos ocorridos ao longo do tempo, iniciados pelos realizados em sua construção.

Vale, a título de complementação ao meu devaneio logo acima, afirmar que Lucio Costa ao pensar Brasília foi um grande maquis⁵, pois nos deu um jardim coletivo, e um bouquet de flores. Ouso dizer que ele sabia que a cidade seria fotogênica. Teria ele continuado a pensar na esposa e nas filhas, ao criar essa escala bucólica, por aqui, tão bela, permeando todos os espaços? Teria entendido que as flores das árvores aqui plantadas iluminariam de cor a cidade, que é “um véu branco, uma tinta formal, pousado no chão”? (QUAGLIA, 2021). Brasília é como uma pintura em aquarela, tem vida própria!

Segue um desabafo. Mesmo tão bela, os mais entendidos sabem que num país onde não há a valorização do patrimônio, também não se mantêm memórias, edifícios, calçadas, e a própria cidade. Em comemoração aos seus 61 anos de nascida, e 64 de gestação, essa Brasília que é poesia sente a dor de todas as mudanças e da falta de manutenção e consciência sobre a sua importância! Se é que, porventura, existe alguma pouca consciência referente à conservação e manutenção dos pontos de memória coletiva e histórica, sem muita luta dos preservacionistas, ou interesse escusos, neste país!

Peço perdão pelo tom agressivo, insolente e duro, mas a verdade é uma pedra, um asfalto rachado, um viaduto quase caindo, uma ponte sem manutenção, uma mudança sem sentido, uma queda de cabeça dentro do Lago Paranoá. A verdade mata, assim como o descaso!

Faz-se necessário o reconhecimento da memória dos signos que nos fizeram mundialmente conhecidos por nossa arquitetura e urbanismo. Um cartão postal, propagando um Brasil onde havia boa arquitetura, e bom urbanismo. Bem como cabe compreender os significados coletivos e pessoais, permitidos pelo trabalho minucioso e periódico de fotógrafos, realizado por aqui desde seu primeiro momento de existên-

cia. Só faltou aquela foto de Lucio Costa desenhando sua ideia, mas, neste caso, o devaneio é meu!

Proponho que mergulhemos numa viagem iconográfica, a fim de entender os primórdios de uma cidade que “já nasceu pronta”⁶. Uma pérola à frente de seu tempo, mesmo em seus tenros 61 anos. As construções, os operários, e os que aqui vieram depois, tudo uma realidade fascinante, porém, nem tudo era revelado. Brasília é bela, foi desde sempre, mas também é dura como aquela queda que citei, de cabeça, no Lago Paranoá, de Glaziou.

Dito isso, parto do princípio onde enxergar uma fotografia é VIVENCIAR UM TEMPO, perceber seus significados, o princípio do reconhecimento de tudo. São luzes e sombras, focos, enquadramentos e visão pessoal, que podem, ou não, trazer ao observador o mesmo significado que desejou quem a criou. Significados geram conceitos, e nas artes em geral, ele é subjetivo. Ele é objetivo na cabeça de quem cria, porém, subjetivo para quem a avalia, para quem a vê. Compreender, reconhecer, pertencer àquilo, é parte do reconhecimento semiótico. Porém, temporais revelam realidades que não podem ser caladas, porque ali ficaram imortalizadas.

Diante do exposto, falemos das memórias e temporalidades a partir dos olhares de Gautherot para a Brasília MONUMENTAL utópica, e para a Brasília REAL, a partir de duas de suas representações, a fotografia que propaga o modernismo ao mundo, e a fotografia que revela a realidade dos operários na sua construção.

MARCEL GAUTHEROT E A CONSTRUÇÃO SOCIAL SOBRE A IMAGEM DE BRASÍLIA

Marcel André Félix Gautherot, francês nascido em Paris no ano de 1910, veio ao Brasil inspirado pela leitura do romance Jubiabá – *Bahia de Todos os Santos*⁷ (em francês *Bahia de Tous les Saints*), escrito por Jorge Amado. Sua jornada



Figura 1: Marcel Gautherot – Sem título, 1946/ Coleção Marcel Gautherot. Acervo Instituto Moreira Salles



Figura 2: Marcel Gautherot documentando carrancas de proa em barcos do Rio São Francisco.

Bom Jesus da Lapa, Bahia, 1946. Fotografia de Pierre Verger/Acervo IMS

relativamente longa levou-o ao “pouso final” no carnaval de 1940, no Rio de Janeiro, onde se radicou até seu falecimento, no ano de 1996.

A sua produção fotográfica era notavelmente diferenciada (SEGALA. 2005), e foi de extrema relevância, tendo contribuído em especial para o registro de nossa cultura imaterial e da produção da arquitetura moderna brasileira. Marcel Gautherot possui um olhar apurado para a fotografia relacionada ao patrimônio cultural, tendo realizado trabalhos importantes na França e no México. Segundo Lygia Segala (2005) “[...] Gautherot trabalha na fronteira entre a respos-ta estética que absolutiza a cena e as especificidades dos lugares, das expressões e das interações sociais temporalizadas”.

No Brasil, seu trabalho como apoiador do recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, onde realizou inúmeros trabalhos registrando a cultura imaterial brasileira (cultura popular e folclórica em especial). Um de seus mais belos trabalhos com viés antropológico, sedimentando um bem imaterial brasileiro, foi retratado ao longo do Rio São Francisco, sendo responsável por apresentar as carrancas (Fig. 1), elementos figurativos colocados à frente de embarcações a fim de protegê-las dos maus espíritos. Junto a Marcel neste trabalho para captura cultural esteve o fotógrafo Pierre Verger (1902-1996), com quem trabalhou por inúmeras vezes, inclusive em Brasília. Verger immortalizou Gautherot quando em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, fotografaram a cultura ribeirinha (Fig. 2).

O fotógrafo iniciou seus registros sobre a construção de Brasília contratado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, para quem já havia realizado tra-

balhos anteriores, na década de 40. A intenção do contrato era retratar a monumentalidade das construções na Nova Capital, para expô-las propagando a cidade na revista MÓDULO (Fig.3), fundada e dirigida por Oscar Niemeyer, e demais revistas nacionais e internacionais (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2007; BENJAMIN,1994). Foram ali registrados desde a construção até alguns anos após sua inauguração, gerando cerca de 7.000 negativos com fotografias que compreendem desde representações sociológicas, até imagens da monumentalidade da cidade. Para tanto, o fotógrafo permaneceu na cidade entre os anos de 1958 e 1962.

O Eixo Monumental e a porção da orla do lago onde se construiu a residência presidencial foram os locais mais retratados, pois, de produção arquitetônica notória, apresentavam uma maior carga simbólica de representa-

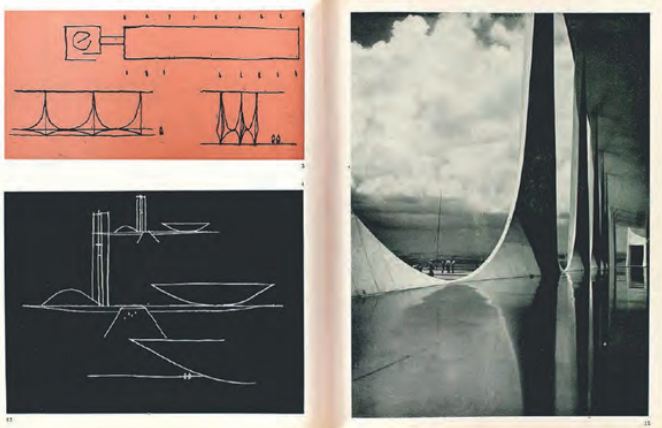


Figura 3: Páginas do artigo “A imaginação na arquitetura”. Módulo: Revista de Arquitetura e Artes Plásticas, Rio de Janeiro, n. 15, out. 1959, pp. 12-13. Desenhos de Oscar Niemeyer; fotografia de Marcel Gautherot



Figura 4: Marcel Gautherot, 1959. Brasília, DF – Brasil. Fonte: Instituto Moreira Salles



Figura 05: Palácio da Alvorada – Marcel Gautherot. Brasília, DF – Brasil – 1962

ção dos poderes, como foi o caso do Congresso Nacional (Fig. 4), do Palácio da Alvorada (Fig. 5), e demais edificações monumentais (ROSETTI, 2012).

No entanto, as fotografias que registraram o dia a dia das construções (Fig. 6) e o início do habitar na cidade (Fig. 7) imortalizaram a percepção da cidade real, que foi além da monumental. Seus registros diferenciados apresentaram uma produção de imagens focadas nos personagens, nas gentes dali, numa visão antropológica, incomum junto aos seus pares,

fora dos padrões fotógrafos do período. Seu interesse foi além da cidade que pretendiam propagar, a monumental capital do país, com seus poderes representativos; mostrou-nos o início do que se tornaria o primórdio cultural brasiliense, com forte influência dos candangos. Dilacerando as vísceras sociais, imortalizou uma das maiores favelas (assim foi descrita), a Sacolândia, que ocupava a gleba onde hoje estão as águas do Lago Paranoá (Fig. 8).

Pode-se afirmar que a fotografia de Gautherot referente à Brasília Monumental, utópica, re-

presentou o que falamos anteriormente como o imaginário comum, criado a partir do conjunto de bens simbólicos produzidos pela sociedade, definindo os espaços com o objetivo de construir uma realidade comum, de fato, para poucos. Como exemplo podemos citar a construção dessa utopia no ano de 1958, quando suas imagens da cidade monumental compuseram uma série de painéis na porção interna do Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas (Fig. 9), o que lhe garantiu grande visibilidade e reconhecimento, rendendo à Nova Capital o prestígio desejava-



Figura 6: Congresso Nacional, c.1959. Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF – Brasil.



Figura 7: Início do habitar informal em Brasília. Fotografia: Marcel Gautherot (S.N.)

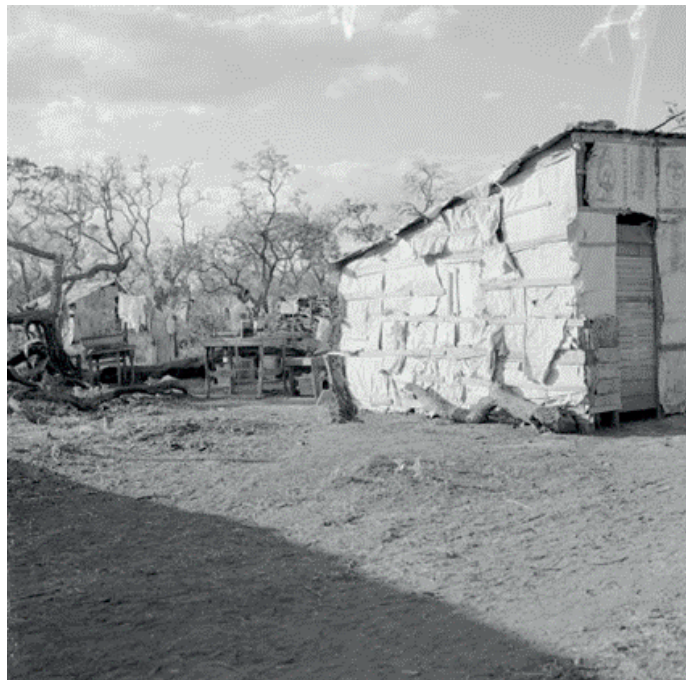


Figura 8: O candango – Vila Sacolão. Fotografia: Marcel Gautherot (s.d.)



Figura 9: Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas. Fotografia: Marcel Gautherot (s.d.)

do por Oscar Niemeyer (1907-2012) e Juscelino Kubitschek (1902-1976), bem como ocorreu com seu acervo iconográfico exposto em revistas internacionais e nacionais, ilustrando “tempos extraordinários de realização da cidade e da excepcionalidade da cidade em si, edificada no meio do nada” (VIDESOTT, 2010).

Por outro lado, os registros referentes à Brasília informal, real, comunicam claramente a desigualdade socioeconômica durante a construção, uma situação que infelizmente permanece ainda hoje em nosso país. Esses fatores surgiram muito antes da construção de Brasília, entretanto aqui se mostraram agressivamente, a partir da organização política do espaço e em especial sobre os aspectos sociais da construção.

Brasília é feita de memórias e lembranças, sejam essas de fonte oral ou iconográfica, porém precisam ser significadas, para que não deixem de ser signos importantes em nossa sociedade.

“De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismo no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória.” Henri Cartier-Bresson. ●

1 A revista MÓDULO foi criada em 1955. A revista MÓDULO foi criada em 1955.

2 Candango era o nome dado aos trabalhadores que vieram para o Centro-Oeste construir a cidade de Brasília.

- 3 As árvores caducifólias perdem suas folhas no inverno, e as recobram na primavera.
- 4 O psicanalista Jung tratava da morte com o termo impermanência.
- 5 Uma planta caducifólia é aquela que perderá suas folhas durante o período de frio, e as receberá logo após a passagem do período de seca, característico no cerrado nos períodos frios.
- 6 Lucio Costa escreveu, no texto que apresentou junto ao júri, para o projeto de Brasília, que ele era apenas um MAQUIS, um desenhista, por isso a citação.
- 7 O romance Jubiabá foi traduzido para o francês em 1938, segundo a pesquisadora Heliana Angotti-Salgueiro (2014). A diversidade cultural exposta no livro atraiu na época muitos antropólogos, historiadores, dentre muitos pesquisadores a conhecer o Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana (org.). O olho fotográfico: *Marcel Gautherot e seu tempo*. São Paulo: Faap, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BURKE, Peter. *A escola dos anais*. 2011.
- ITAÚ CULTURAL *O Olho Fotográfico. Marcel Gautherot e seu Tempo* (2007 : São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021.
- LEITÃO, Francisco. *Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

- PINTO, Francisco Ricardo Costa. Um caso peculiar de unidade do diverso: um olhar sobre a apropriação de espaços públicos em áreas residenciais do Plano Piloto. 2011
- QUAGLIA, Angelina Nardelli. *Cartas para Brasília*. 2021. p. 10
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Arquiteturas de Brasília*. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- SEGALA, Lygia. *A coleção fotográfica de Marcel Gautherot*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 13, n. 2, 2005.
- SEGALA, Lygia. *O Clique Francês do Brasil – A fotografia de Marcel Gautherot*. In: Acervo, Rio de Janeiro, v. 23, nº1, jan/jun, 2010.
- VIDESOTT, Luísa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. In: RISCO – Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. EESC USP, 2010

Por estarmos comemorando Brasília, a Coluna **O DESIGN CRIATIVO – “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”** tem um ANEXO para falarmos sobre a história de Brasília, suas escalas, seus personagens...

Siga pelo link:

<https://paraboloide.com/editora-paraboloide#e-20fe37e-76af-42d8-8fec-a12f03b546ae>

ESTAMOS COMEMORANDO
BRASÍLIA

Por este motivo a coluna

O DESIGN CRIATIVO - “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”
preparou um ANEXO com
a história de Brasília, suas escalas,
pessoas queridas... design, arte,
turismo...homenagens... !



1541 + 61 de Bsb =

Siga pelo link:
<https://paraboloide.com/editora-paraboloide>
e busque por ANEXO 15.47

Ou pelo QRCode:





PATRÍCIA IUNES

● ARTE E HISTÓRIA

MERCADO DE ARTE | PARTE II: O ARTISTA, PROCESSO CRIATIVO E ALGUMAS DIGRESSÕES

Com a intenção de prosseguir em minha arriscada viagem por entre os labirintos do mercado de arte, inicio esta já anunciada parte II, expondo um pouco das peculiaridades de um dos seus principais expoentes: o artista. Como atua, o modo como se interrelaciona com outros agentes e algumas impressões pessoais comporão o eixo central de uma parte considerável das reflexões ora iniciadas.¹

A estrutura do mercado de arte deve seu pleno funcionamento a um conjunto de atores: artistas, *marchands*, curadores, colecionadores, galeristas, *art advisors*, críticos, gestores públicos, produtores, educadores, montadores, arquitetos e outros mais. Contribuem, cada um com seu quinhão, para que o percurso da tinta em estado natural à parede do cliente aconteça de maneira não apenas viável, mas eficiente e vantajosa para todos. Distante do país fantástico de Alice, repleto de momentos inverossímeis, arrisco a indagação: será que o desejo de que seja “vantajoso para todos” é uma constante perfeitamente exequível em nosso mundo real?

Veremos que a resposta a essa indagação passeia livremente entre correntes opostas. Mas, antes de nos debruçarmos sobre ela, permitam-me algumas digressões.

Desde tempos imemoriais a criatividade humana e o processo pela busca do conhecimento técnico caminham juntos. O domínio do fogo, no paleolítico, estabeleceu nova ordem de poder entre tri-



Arte colagem de Angelina Quaglia, baseado nos originais de Sir John Tenniel do livro Alice no País das Maravilhas

bos e remodelou hierarquias dentro de um mesmo clã. Em um salto no tempo histórico, aterrissamos nas Corporações de Ofício onde a lógica da divisão do trabalho migrou, paulatinamente, das produções individuais difusas para ambiente único, otimizado pela figura burguesa emergente. Estou a falar do período de transição do sistema feudal para o capitalista (século XIV), uma condição embrionária, mas que, uma vez fora do ventre, já demonstrava seu potencial de longevidade.

Grosso modo, a história da humanidade tem repetido modelos alternados ou concomitantes de especialização e de generalização das formas de trabalho. Fato é que, nos últimos 100 anos, aproximadamente, o ritmo acelerado das relações interpessoais, a difícil administração do tempo e os avanços tecnológicos imprimiram nova configuração na maneira de como os papéis, antes previsíveis e direcionados a pessoas específicas, têm se renovado e se multiplicado em suas atribuições.

Facilitaria nossa análise, sobremaneira, se o esquema didático professoral pudesse explicar, de modo estanque, agentes e suas respectivas atividades. Repentinamente, veio-me à lembrança a professorinha primária a classificar em seu quadro negro: Arquitetos desenham casas e edifícios, engenheiros civis as constroem. Um líder religioso reza (faz oração ou medita) e cuida de seu rebanho, escritores escrevem livros e políticos representam e arbitram em favor da vontade do povo. Bancários trabalham em bancos, banqueiros são os donos dos bancos. E seguem as tentativas de categorização e organização do mundo infantil.

Mas, o imperativo de transformar e explorar as múltiplas aptidões ou pendores retirou o homem de suas pequenas caixas de afazeres habituais e o lançou (por *hobby*, desejo pessoal ou genuína necessidade de sobrevivência) em um ambiente

cada vez mais competitivo, múltiplo e repleto de ansiedades. Desta forma, um líder religioso pode ser um administrador de empresas ou cabeleireiro. Um escritor, executar uma função metódica e burocrática em determinada repartição pública, e um político... bem... qualquer um deles pode vir a se tornar um político. Perdoem-me, não resisti ao impulso da observação clichê.

Poderíamos entrar em uma espiral longuíssima com análises complexas a respeito do mundo do trabalho e da busca contemporânea por bem-estar, o que tornaria outro o objeto deste artigo. Portanto, ao concluir minhas digressões, valho-me da *indagação contemporânea*: afinal, esse conjunto de mudanças foi para o bem ou para o mal das criaturas? Quiçá os filósofos existencialistas possam nos fornecer boas pistas enquanto estivermos a sós, introspectivos, sem que o maldito coelho controlador do tempo nos incomode “corra, Alice, estamos atrasados...”.

A partir dos pensamentos expostos, não seria muito difícil concluir que os meandros das relações profissionais no meio artístico seguem a mesma tendência de hibridização de papéis. Dessa maneira, galeristas são também curadores e críticos. Leiloeiros atuam como *marchands* ou galeristas e colecionadores tornam-se *marchands*, aliás, um caminho não muito difícil de prever. Nesse universo de relações intercambiáveis, há também os artistas que assumem as funções de gerentes, divulgadores, curadores e *marchands* de suas próprias obras. Citaria, no ce-

nário internacional, Jeff Koons e Banksy. Em nossa Capital Federal, os artistas Sanagê Cardoso e Taigo Meirelles, verdadeiros CEOs (*Chief Executive Officer*) de suas próprias profissões.²

Posicionemos agora nossa lupa sobre os artistas, os mais importantes agentes do mercado. São eles os responsáveis por deixarmos o solo árido de nossos cotidianos, nutrímos nossas mentes, duvidarmos de nossos padrões e por nos sentirmos desconfortáveis com algo que nos é apresentado de maneira inédita e surpreendente. São também os encantadores, os provocadores das emoções su-

blimes, os tradutores da linguagem do universo.

Interessante como essa mescla de sensações pode ocorrer, de modo simultâneo, e diante de obras diversas. Longe de seguir um padrão, diria que o arrebatamento que

nos causam determinados trabalhos artísticos provém de nossas próprias experiências pessoais e ocorre quando nos deparamos com obras singelas (de fácil execução, na aparência) ou cuja produção tenha demandado pesquisa sofisticada. Fato é que, ao expor seu mundo interior, o artista acaba por incomodar algo do nosso. São as gratas e paradoxais relações que surgem entre o criador e seu público, terreno fértil para pesquisas também nas áreas da psicologia e da psiquiatria.

Por esse motivo, ter a ousadia de tentar compreender os intrincados processos criativos é um ato perigoso que minha natureza investigativa impõe, apesar dos riscos. Isso porque seu idioma é de outro

planeta, suas metáforas são ininteligíveis à primeira vista e o simbolismo de suas obras traz a carga de vivências pessoais do passado (às quais o próprio artista não tem acesso em algumas circunstâncias). Esse mundo interior complexo é lançado ao plano consciente por intermédio de telas, madeiras, restos de jornais, aço, gestuais e outras formas que sustentem essa avalanche de expressividade. Qualquer veículo que sirva às suas manifestações será bem-vindo e bem utilizado. É o Chapeleiro Maluco do mundo de Alice a nos convidar para o chá, criativo, caótico, enigmático ou simplesmente um esteta.³

Parece-me quase consensual o fato de o processo criativo de muitos artistas ser elemento de grande atração e interesse por considerável parte das pessoas; não me refiro às questões relacionadas a gosto ou preferência artística, mas ao inevitável magnetismo que nos leva a inquirir por quais motivos ou de quais maneiras o artista realizou esta ou aquela tarefa. Mesmo os observadores que não resistem ao pensamento (desinformado, para dizer o mínimo) “isso até uma criança faria” realizam, intuitivamente, comparações e associações mentais que dependem de atividade do intelecto e demandam certo nível de interesse, em outras palavras, envolvimento pessoal com a obra.

Acredito que um dos segredos para se compreender o processo criativo deva ser, exatamente, a noção de como ocorre o processo. Todos os passos, desde as escolhas iniciais, passando pela execução à finalização de determinada obra, indicam as inúmeras possibilidades que foram abandonadas pelo caminho. Ao enveredar por certo percurso, o artista deixou à margem, descartou, muitas outras possibilidades e tantos outros experimentos. Refiro-me à tentativa de compreensão do processo, e não necessariamente de privilegiá-lo em detrimento do resultado fi-

O primeiro *insight*
do artista já
nos revelará algo
da construção
que está por vir,
ainda que o resultado
seja diverso
do esperado.



Henri de Toulouse-Lautrec
Fotomontagem - Jô

nal. É esse um dos recursos metodológicos utilizados por curadores e críticos de arte ao iniciarem suas pesquisas. Quem poderia afirmar que o ensaio de uma orquestra não seja quase tão interessante quanto o próprio concerto em dia de estreia?⁴

O primeiro *insight* do artista já nos revelará algo da construção que está por vir, ainda que o resultado seja diverso do esperado. Cecília Almeida Chaves sintetiza o tema ao afirmar que "Por necessidade o artista é impelido a agir. Uma ação com tendência complexa que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos do processo (...) que envolve seleções, apropriações e combinações, gerando transfor-

mações e traduções." O processo criativo pode ser entendido também como "a convivência de mundos possíveis".⁵

Mas essa aura supra-humana pode ser tisonada quando surgem, certas, as particularidades e os imperativos do mercado. Muitos futuros artistas aportam às universidades repletos de expectativas quanto ao desenvolvimento de suas habilidades técnicas, teóricas e algumas dúvidas sobre aquilo que os aguarda no ambiente profissional. Certos estudiosos do tema afirmam, em tom categórico, que nenhuma instituição do país orienta, de maneira adequada, o artista para o mercado de arte. Diria que a observação corresponde sim à realidade, mas, felizmente, o panorama tem se modificado, de alguma sorte, nas duas últimas décadas.

Os próprios artistas, em sua larga maioria, têm optado por afastar a ainda existente imagem estereotipada da figura típica do Romantismo, do boêmio que foge à realidade de maneira passional e que não "suja" as mãos com questões menores como o dinheiro, por exemplo. Por sua natureza especial, aguardam o momento de serem descobertos e de terem suas obras disputadas. Alguns levam ao extremo as pulsões de suas artes estimulados por certo charme urbano de indiferença. Têm grande dificuldade de estipular um preço para seus trabalhos e demonizam outros atores do mercado: aqueles infames que ousam conspurcar suas obras.⁶

Que fique claro, posiciono-me longe da pretensão de fazer juízo de valores e de apontar o modo correto ou equivocado de como cada artista deverá conduzir seu trabalho; trata-se, primordialmente, de uma questão de absoluto foro íntimo, que poderá funcionar para alguns e ser desastrosa para outros. Mas considero fundamental que certos procedimentos sejam observados, tanto como diretrizes gerais de auxílio, quanto como elementos nor-

teadores para que a atividade se dê de forma minimamente equilibrada. Elevemo-nos aos céus, gratos por essas criações sublimes, mas retornemos ao solo seguro de nossas realidades, pois ainda mais esse sacrifício nos é exigido pelo varejo da vida.

Portanto, administrar uma carreira artística não é exatamente fácil, quer para os que frequentaram escolas específicas, universidades ou para autodidatas. Tarefa repleta de nuances, subordinada a uma série de elementos, alguns deles pouco objetivos. Normalmente, os humores do ofício estão sujeitos à inspiração, às boas escolhas, ao senso de oportunidade, ao estudo e ao trabalho contínuo e sistematizado. Ainda assim, existem os que, a despeito de um vasto cabedal teórico e de ostentarem habilidade técnica aprimorada, não conseguem fazer com que suas obras adquiram o reconhecimento e os valores desejados. Mais uma vez, surge o embaraço na fixação de preço. A equação foge do raciocínio matemático lógico. Segundo a conhecida galerista Luisa Strina, "Valor é o que a gente gostaria que custasse, o preço é o que pagam. O galerista faz o preço, mas é o mercado, o cliente, que confirma."⁸ Como vimos, mesmo atributos mensuráveis acabam por perderem-se nas especificidades etéreas do mercado.

Diante de questões tão pouco explícitas, algo de fundamental pode ser feito mais assertivamente: a comunicação oral ou escrita. Procurar compreender sua própria obra e tentar transmitir suas percepções ao público é tarefa de grande relevância. Caso o artista não tenha nítido o seu modo de criação (o que não é um problema), que estejam claras essas dificuldades: "meu processo é ainda objeto de investigação para mim, algo que emerge quando manuseio a espátula...". Nem sempre há consciência objetiva do motivo pelo qual usa-se o verde e não o violeta. O mais importante, nessas situações, é que a

comunicação e a interação com o outro ocorra com alguma fluidez. Imprescindível lembrar que o comprador (ou colecionador) aprecia essa interação. Conhecer mais detidamente o artista e sua obra pode fazer inclusive com que um novo olhar por parte do interessado seja o elemento pontual que faltava para a concretização da venda.

Entretanto, há profissionais que optam pela discrição quase absoluta, o que também é legítimo. Talvez por acanhamento, timidez ou estratégia de marketing. Nesse caso, o trabalho auxiliar do galerista ou *marchand* mostra-se de grande utilidade, pois serão os responsáveis por acompanhar o artista na organização de portfólios, divulgações, exposições e outras atividades correlatas. Esses profissionais geralmente têm inserção na comunidade artística e uma boa rede de contatos. Têm acesso a compradores, colecionadores, *art advisors*⁹ e, o fundamental, usufruem de suas confianças conquistadas com muita dedicação e trabalho sério. Na realidade, as atividades desempenhadas por galeristas têm se modificado nas últimas décadas; galerias associadas a outras do mesmo ramo ou apoiadoras de coletivos de artistas, galerias que investem na formação educacional do artista e do público, galerias que privilegiam um mercado específico, como o mercado internacional, apenas alguns exemplos.

Mas não sejamos ingênuos, há galeristas e galeristas. Já testemunhei relatos de artistas (iniciantes ou experientes) que foram lesados financeiramente por profissionais que conspurcaram uma parceria inicialmente promissora. Atrassos, calotes ou alteração nas comissões acordadas figuram entre as principais queixas. Os criadores das obras sofrem exploração e certa coerção psicológica quando são pressionados a produzirem sob demanda, por exigência do galerista ou *marchand*. Lamentavelmente, esses profissionais são os antípodas do processo criativo, ao

minarem, em sua nascente, o que distingue o exemplar único da produção de massa.

A comunicação visual é também elemento imprescindível para que o artista inicie a construção da identidade de seus trabalhos. Refiro-me a certos detalhes que são encontrados em suas obras com alguma recorrência. É um processo de experimentação (que poderá ser lento), de auto-observação, mas também de percepção do trabalho de outros artistas. “Entretanto, a identidade artística é algo mais sutil do que a simples aparência. Alguns artistas possuem um estilo único facilmente reconhecível – como a artista inglesa da *Op art* *Bridget Riley* – enquanto outros são mais reconhecidos pela sua maneira de pensar ou pelos conceitos por trás de uma obra – como o artista chinês *Ai Weiwei*.”¹⁰

Finalmente, deve o artista, a bem de sua própria tranquilidade e equilíbrio, tentar livrar-se do fardo do ineditismo a qualquer custo, em suas criações e propostas. É sinal de perigo quando essa busca tresloucada por realizar algo que nunca foi feito torna-se uma prioridade, o que poderá conduzi-lo às excrescências que temos visto em alguns trabalhos de arte contemporânea. O mercado é exigente, algumas vezes “corta cabeças” como a Rainha de Copas na nossa história ficcional de Alice, mas não se pode ceder a todas as suas imposições. Quando o escritor francês *Gabriel Fredet*, em entrevista ao jornal *Valor Econômico*, foi perguntado a respeito de qual seria a receita para um artista “virar ouro” no mercado, a resposta foi cortante, como o fio da navalha do carrasco: “Há um percurso mais ou menos conhecido. Se você é um artista, seja um tanto disruptivo e cause algum escândalo. Em seguida, deixe-se levar por um *marchand* habilidoso e um galerista que lhe prometa montar uma exposição (...) finalmente, soam trompetes da mídia: o artista é apresentado como fenômeno,

o crítico diz que é preciso segui-lo pois ali está o futuro da arte. É assim que as coisas funcionam, como um *showbiz*.”¹¹

Expressões como: “a arte virou um *showbiz*”, “o mercado é a nova academia”, “os ambientes interativos têm algo de fliperama, algo de instalação de arte” e “imagem e marca são tão importantes para artistas hoje quanto para qualquer outra empresa multinacional” foram escritas por autores diferentes, em obras distintas e a respeito das quais conversaremos na próxima edição da revista, quando trataremos de assuntos pertinentes à arte e ao marketing.

Sem quaisquer pudores, devo confessar que a intenção inicial do artigo foi comentar a atuação dos diversos agentes no mercado específico da arte. Mas, após entrar por portas pequeninas ou assustadoramente largas, estar com seres híbridos falantes e encontrar um ambiente tomado por encantos e propenso a inquirições de todas as ordens, optei por concentrar a narrativa nos artistas. São relevantes demais para que lhes relegue apenas algumas poucas observações. Deixei-me guiar pela sensação de liberdade que a própria ideia de arte inspira. O contrário seria negar a mais ancestral condição humana. Se escrever é também uma forma de expressão artística, quem poderia me privar desses momentos de prazer pessoal? ●

- 1 O artigo refere-se à atividade artística em sentido *lato*, mais extenso, geral. Abordar os muitos nichos existentes nessa profissão (artista primitivista, artista autodidata, artista digital etc.), tornaria este artigo demasiadamente longo, fora dos padrões estipulados pela editora.
- 2 O marketing no mercado de arte será tema desta coluna na próxima edição, em junho 2021. Entraremos mais detidamente no mecanismo que alavanca algumas carreiras e expõem, de modo excessivo e algumas vezes prejudicial, outras.

O *Chief Executive Officer* (CEO) é o Conselheiro ou Diretor Executivo responsável pela gestão e direção administrativa de uma empresa.

- 3 Escrita por Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson), publicada em 4 de julho de 1865, a obra *Alice no País das Maravilhas* já foi traduzida para vários idiomas e instiga, até hoje, gerações de crianças e adultos por meio de situações lúdicas, repletas de simbolismos e de personagens arquetípicos. A narrativa começa com a queda da menina Alice em um buraco, após perseguir um coelho branco que está sempre a conferir as horas. A história já foi objeto de estudos psicanalíticos que tinham como foco o inconsciente.
- 4 Citaria o teórico alemão Erving Panofsky como grande expoente do método iconológico e iconográfico, utilizado, inicialmente, para analisar as artes no período da Renascença. Ao observar aspectos particulares de cada obra, Panofsky desmembra e depois reagrupa as características inerentes à obra observando o tempo e o espaço nos quais foram executas.
- 5 Conforme Cecília Almeida Salles, In: *Gesto Inacabado*, processo de criação artística.
- 6 Certa artista amiga revelou-me a orientação recebida de boa parcela dos professores, na década de 1980, em uma das mais prestigiadas universidades do Brasil. A informação de que seria mais vantajoso e digno se o artista voltasse suas habilidades para a área da educação ao invés de render-se ao mercado, um tirano cruel e ameaçador. Aqueles que assim o fizessem seriam vistos pela classe artística como um pária ou um traidor. Alguns de seus amigos, assim como ela própria, optaram por exercer outras profissões e têm a arte apenas como *hobby*.

- 7 Henri de Toulouse-Lautrec foi um pintor profícuo, desenhista, caricaturista e litógrafo francês. Tido como artista pós-impressionista retratou em inúmeras obras a vida boêmia de Paris no século XIX. Temas como prostitutas, dançarinas, beberrões, teatro e circo foram

recorrentes em suas obras. Ele mesmo, um boêmio, faleceu precocemente, aos 36 anos, vítima do alcoolismo (absinto) e da sífilis. Seus trabalhos são conceituados e reconhecidos como verdadeiras obras-primas da história da arte.

- 8 Luisa Strina, Expansão de valor. In: *O Valor da obra de arte*. Entrevistadora, Angélica de Moraes.
- 9 *Art advisors*: Profissional que faz a mediação entre comprador e a obra de arte, onde quer que ela esteja. É uma espécie de consultor, orienta a formação de acervos, de coleções, organiza visitas a ateliês e galerias, no país ou no exterior. Segundo uma das mais influentes *art advisors* do Brasil, Camila Yunes, da Kuraart, mais importante que formar consumidores, é formar conhecedores, apreciadores da arte.
- 10 Conforme Rosalind Davis, Annabel Tilley. Tudo aquilo que você não aprendeu na escola de artes: mas que precisa saber para sobreviver como artista. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2017, p.16.
- 11 Entrevista publicada no jornal *Valor Econômico* em 28/06/2019. Bolha de arte é a próxima a estourar, segundo autor francês. Por Laura Greenhalgh, em 28/6/2019.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉS, Maria Helena. *Os caminhos da arte*. 3ª edição, Belo Horizonte: C/Arte, 2015.
- DAVIS, Rosalind. Tudo aquilo que você não aprendeu na escola de artes: mas que precisa saber pra sobreviver como artista. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- QUEMIN, Allain *[et alia]*. *O valor da obra de arte*. São Paulo: Metelivros, 2014.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 5ª edição, São Paulo: Intermeios, 2011.
- TRIGO, Luciano. *A grande feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2014.

Sites na Internet

www.sothebysinstitute.com

“What you should know if you want to be an Art Advisor?”



MALU PERLINGEIRO

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA

THÉA SISSON

Na 3ª edição da Revista Virtual 15.47 lançada em março, a entrevistada foi Théa Sisson, representando a Associação Candanga de Artistas Visuais – ACAV, detalhando informações de interesse público.

Para a 4ª edição, novamente a *Revista 15.47* entrevista THÉA SISSON, desta vez, como artista visual, focando em sua atuação no cenário artístico da cidade e em suas obras com a temática Brasília.

1 – Conte-nos um pouquinho de sua história. Onde você nasceu? Seu dom artístico está no sangue, é hereditário? Há outros artistas em sua família?

Sou Alzira Théa Sisson Fortuna, nasci em Belém do Pará e em 1960, com um ano de vida, cheguei a Brasília com meu pai, médico da Aeronáutica, e minha mãe, bailarina clássica ex-integrante do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Vi essa cidade maravilhosa crescer, mudar, atravessar todos os fatos históricos e políticos, conheci e participei da vida de músicos famosos, como todos os jovens da minha época.

A arte sempre fez parte de minha vida, na música clássica com as histórias dos balés e com minha avó Elsa, uma senhora boliviana de inúmeros talentos como artesã e que tinha imenso prazer em me ensinar a pintura em tecido e outros tipos de artesanato. Meu avô paterno era cartógrafo e artista autodidata, trabalhava com corrosão



de metais e texturização em pinturas, com todo material que pudessem achar.

Em 1967, minha mãe inscreveu a mim e minhas irmãs no CAMPO, Centro de Artes Nize Poggi Obino, onde tínhamos aulas de balé, inglês, francês, canto, piano e pintura. Muitas vezes tivemos oportunidade de ouvir ao vivo Arthur Moreira Lima e Nelson Freire, quando as aulas eram ministradas na residência de D^a Nize.

Estudei Pedagogia na AEUDF. Depois entrei para Faculdade de Educação Física Dom Bosco.

Em 1991 surgiu a oportunidade de trabalhar na Casa Thomas Jefferson e a prova para entrar era produzir um painel de 200x300cm para o teatro que tratava sobre céu, purgatório e inferno. Então pintei com tinta guache uma cena da Divina Comédia, de Dante.

Trabalhei lá por dez anos maravilhosos. Quando meu filho entrou para a universidade achei que era hora de voltar a pintar, então comprei algumas folhas de papel Canson e tinta de tecido, fiz algumas pinturas e levei ao professor Flávio Sinício, que me incentivou a continuar.

Foi ele quem me deu a ideia de participar do Concurso Prêmio Sesc de Pintura Candido Portinari, edição 2014, e minha obra *Seriedade* foi uma das 20 selecionadas para a exposição.

Também nessa época fui selecionada para uma exposição na Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, que não aconteceu porque foi fechada para reforma e só recentemente reaberta.

2 – Qual sua formação profissional além de ser artista visual? Em que trabalhava antes de se dedicar à arte? Continua exercendo essa/s profissão/ões? Consegue conciliar

as profissões? Ou a arte é apenas um hobby?

Como já falei anteriormente, trabalhei em muitas atividades. Algumas ajudaram a construir quem sou hoje. Fui voluntária para trabalhar no SARAH com crianças, fazendo teatro, contando histórias. Durante o curso de educação física estagiei no CIEF, com o professor Minho, e fizemos várias competições entre pessoas com necessidades especiais, cegos e com capacidade intelectual limitada. Também fui voluntária para trabalhar com alguns alunos da APAE na natação durante o tempo em que dei aulas lá. Fiz vários cursos de especialização de natação para pessoas amputadas. Não precisei conciliar a arte com a profissão que segui porque a arte nunca me abandonou, mas quando decidi voltar a pintar tive a oportunidade de conhecer e ser acolhida pela ACAV.

Ainda não dei entrada em meu cadastro como artista plástica profissional.

3 – Quando começou a se interessar por desenvolver sua arte? Há quanto tempo a exerce e a aprimora?

No Centro de Artes CAMPO eu participava das aulas de pintura a óleo com a professora Maria Theresza. Na juventude fiz curso de artesanato e pintura na Casa das Artes.

Somente em 2014 voltei a pintar, incentivada pelo professor Flávio. Fiz uma exposição intitulada *Primeiro*, na qual pintei 23 telas com temas muito variados e ainda com tinta de tecido. Nesse local o artista tem que ficar presente para comercializar seu trabalho, então o retorno foi impressionante. Depois dessa experiência fui pesquisar para entender o que era de fato uma exposição. Naquele instante tudo que estava dentro de meu coração foi pintado: cavalos, praias, pessoas, gatos e cachorros. Então



pesquisei a respeito de tintas, técnicas e texturas.

Em 2016 minha irmã me falou sobre a Associação Candanga de Artistas Visuais – ACAV. Associei-me, e daí para a frente, fui conhecendo outros artistas, informando-me sobre técnicas, materiais e sempre buscando aprimorar meu trabalho, sempre

buscando fazer o melhor, já que hoje a arte é também uma fonte de renda para mim.

4 – Qual sua formação como artista visual?

Não tenho formação universitária como artista, apenas muita curiosidade e um coração cheio de histórias para contar.





Fiz curso de pintura acrílica sobre tela com o professor Wellington Mangelo, em 2016.

Participei do projeto 40 Horas de Arte no Atelier Lourenço de Bem. Recentemente participei do curso de modelagem e escultura no Espaço Astrea, com os professores Carlos Wolfgram e Valmir Candi-do.

5 – Existe alguma temática de sua preferência? Quando idealiza uma exposição individual costuma construir uma história detalhada e coerente sobre o tema escolhido, abordando todas as facetas de cada assunto?

Para a construção de uma exposição lanço mão de tudo a meu al-

cance, fotos minhas ou de amigos, vou a locais, faço entrevistas, busco parcerias.

O realismo é o que me seduz, a acrílica é a escolha técnica, a emoção é sempre o ingrediente mais importante e o tema depende sempre da história a ser contada.

A exposição é a parte mais importante, e para mim ela se inicia quase como “uma gravidez”. Primeiro, identifico uma necessidade. Depois faço várias redações, sempre com início, meio e fim.

O objetivo, a quem alcançar, formas para que isso aconteça e, por último, avaliar se a meta foi alcançada. A partir daí, falo com muitas pessoas, procuro diversas parcerias para alcançar o maior número de pessoas. O tema escolhido depende de uma necessidade detectada.

6 – Quais as técnicas que utiliza em suas obras? Tem preferência por alguma delas?

Hoje sou apaixonada pela acrílica sobre tela, mas lanço mão de todo material que possa representar a mensagem que desejo passar.

7 – Com frequência seus trabalhos são expostos em galerias, espaços culturais, ou também em espaços alternativos?

Pintar é uma necessidade, como respirar, acordar, viver. Então, sempre que surge uma oportunidade, apresento meus trabalhos seja em espaços culturais e galerias, ou em espaços alternativos, como, por exemplo, na feirinha de hortifruti, junto com outros amigos músicos, e artistas performáticos.

Em bares, no Centro Clínico Sul, praças etc. Basta surgir a oportunidade.

8 – De quantas exposições coletivas participou até março de 2021? Presenciais ou virtuais? Realizou exposições individu-

ais? Quantas? Em que locais e datas? Virtuais ou presenciais?

De março de 2016 até março de 2021 participei de cerca de 30 (trinta) exposições coletivas presenciais. Na maioria delas como artista associada da ACAV.

Foram realizadas no late Clube de Brasília, no Espaço Cultural do Liberty Mall, no Espaço Cultura da Codevasf, na Galeria TBV, no Hotel Grand Mercure, no Museu do Divino em Pirenópolis, na Pátio Galeria de Arte, no Foyer do Plenário da Câmara Legislativa do DF, dentre outros locais em Brasília. Participei de coletivas também na The Gallery, na Art&Art Galeria e na Galeria Studio Art MD’Azevedo.

No momento, participo da exposição *Nós, Mulheres Artistas de Brasília*, na Pátio Galeria de Arte. Essa exposição está sendo apenas virtual enquanto o Pátio Brasil Shopping está fechado por causa do lockdown, mas, assim que liberado, será aberta ao público com visitas presenciais.

De fevereiro de 2015 até 2019 realizei 10 (dez) exposições individuais presenciais. Foram realizadas no Espaço de Arte do Centro Clínico Sul, no “Espresso” Cultural Mogiana Café, na Galeria do Teatro Garagem SESC 913/713 Sul, na Escola de Artes Mangelo’s, na Pátio Galeria, no Hospital da Criança José de Alencar, no Apetitá Bistrô, no SESC Estação 504 Sul e na Galeria de Artes da Casa Thomas Jefferson.

9 – Participou de salões de arte? Quais salões? Participou de algum concurso de Arte? Recebeu alguma premiação?

Em novembro de 2015 conquistei o primeiro lugar no Salão de Artes Plásticas da AABB - DF com a obra *Primavera das Palafitas*.

Em maio de 2016, no Salão de Artes Riachuelo (7º Distrito Naval – Marinha do Brasil), fui premiada



com o terceiro lugar com a obra *A Espera*.

Em setembro de 2016, no Prêmio SESC de Pintura em Tela Cândido Portinari, fui finalista com a obra *Gerardo o Piscineiro*.

Em maio de 2019, no XLI Salão de Artes Riachuelo, tirei o primeiro lugar com a obra *Paz*.

10 – Fale sobre os trabalhos mais importantes, que lhe trouxeram mais satisfação ao realizá-los ou pelo reconhecimento que recebeu do público.

CERRADO ESPERANÇA foi o trabalho que me deu maior satisfação de realizar. Foi um ano de pesquisas e muitas entrevistas. Hoje esse trabalho consta no Google para pesquisas e visitações.

Mas o trabalho que envolveu maior emoção foi a exposição *Infância*, apresentada no Hospital da Criança José de Alencar, porque consegui tocar a alma de uma criança e modificar sua vida.

Durante o período da exposição, planejei um dia de atividades para as crianças que estavam esperando para serem atendidas. A cada criança foram dadas tintas guache e pincéis. A todos que tinham curiosidade eu explicava a técnica e o nome de cada obra.

Fiquei surpresa na parte da tarde, quando um menino se aproximou e me perguntou qual emoção eu tinha sentido ao pintar cada obra e lhe expliquei o que senti.

Depois ele se sentou e eu o ensinei a usar as tintas, as cores e como lavar os pincéis. Ele então pintou e depois feliz me contou que a partir daquele momento havia descoberto uma forma de se expressar.

Só por isso, valeu muito. Fiquei muito emocionada, porque consegui alcançar a alma daquele pequenino. É por isso que eu pinto.

11 – Sabemos que, antes de acontecerem os problemas trazidos pela pandemia, você fez parte da sociedade de quatro artistas que se responsabilizavam pela Pátio Galeria, no Pátio Brasil Shopping. Conte-nos sobre sua experiência como galerista. Gostaria de voltar a cuidar de um espaço de arte e cultura?

Foi puro sonho! Fazer parte da sociedade que ergueu a Pátio Galeria foi uma experiência fantástica. Serei sempre muito grata às minhas sócias pela oportunidade, a qual me agarrei com todo meu coração.

Ver crescer, ajudar a montar, depois participar da montagem de tantas exposições, conhecer mais a fundo vários artistas e seus trabalhos maravilhosos, dar oportunidade a muitos novos artistas de mostrar seus trabalhos, conhecer o passo a passo do funcionamento de uma Galeria tornaram essa experiência uma das épocas mais felizes de minha vida. Tantos vernissages, premiações, acompanhar cursos, workshops e palestras, receber os visitantes e responder suas perguntas, mostrar todos os tipos de arte ali apresentadas, me trazia muita alegria.

A Pátio Galeria muitas vezes foi cenário para a realização de entrevistas, as quais tive o prazer de presenciar. Dentre os entrevistados tivemos o grupo de comédia Os Melhores do Mundo, a cantora sambista Di Ribeiro e o Secretário de Saúde Osnei Okumoto.

Participar do sonho de cada uma de minhas sócias acrescentou muito à minha vida e por isso serei eternamente grata à Malu Perlingeiro, Stella Lopes e Socorro Mota.

Ainda não me considero apta a assumir sozinha um espaço de galeria. Acredito que requer muito mais conhecimento, mas o que te-

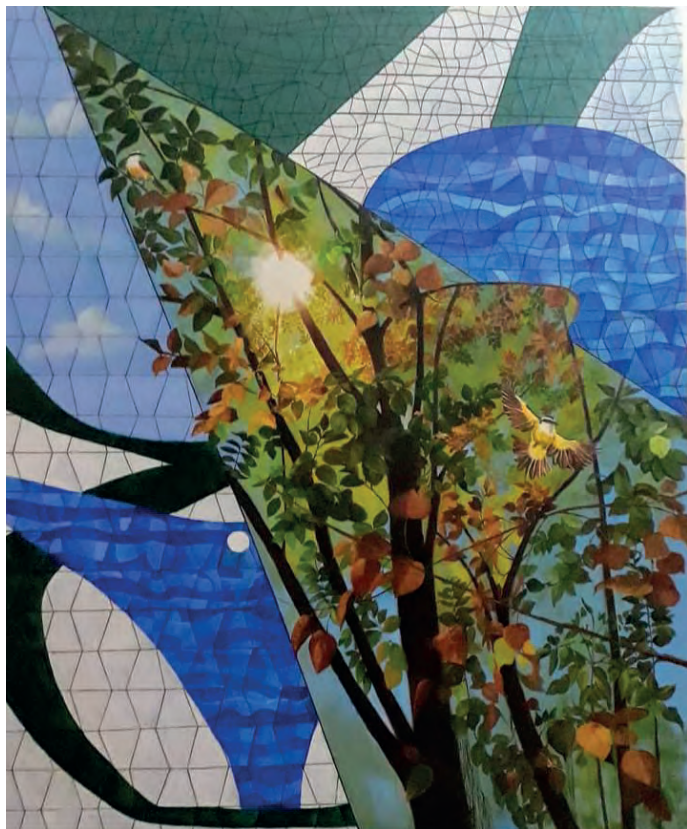


nho a dizer de importante é que é maravilhoso respirar arte em tempo integral.

12 – Sabemos que exerceu a função de presidente da ACAV na gestão de 2019/2020 e estará transmitindo o cargo em maio de 2021. Conte-nos sobre sua experiência à frente da associação.

Minha participação na ACAV sempre foi de aprendizado, primeiro como associada e, com maior conhecimento, passei a admirar e amar a associação. Antes de ser presidente, exerci uma função na Diretoria de Artes, com a colega artista Fernanda Curado. Com ela aprendi muito, conheci muitas pessoas e espaços importantes para exposições. Quando assumi a





direção da ACAV, quis colocar em prática várias ideias que acreditei serem muito importantes para os associados, como o oferecimento de cursos, palestras e workshops.

Um dos workshops que foi ministrado foi o de preparação de currículo artístico, ministrado pela artista Lu Gonçalves.

Durante meu período na presidência realizamos algumas exposições, que acabaram por ser prejudicadas pela pandemia.

Durante essa época difícil, mesmo com o confinamento e a suspensão dos eventos, ainda conseguimos receber alguns novos artistas, interessados em fazer parte da associação. Diante de todas as dificuldades que enfrentamos, fico muito feliz por dar continuidade à ACAV e manter viva essa entidade de classe.

A partir de maio, quando muda a gestão, passarei a função para uma nova diretoria, que, com certeza, novas ideias e ações muito acrescentarão à nossa querida ACAV, dando continuidade ao que foi realizado desde sua fundação em 2009, ajudando e facilitando o acesso de novos artistas para expor seus trabalhos e aprimorar sua arte.

13 – Seus recentes trabalhos sobre Brasília têm sido muito elogiados, não somente pela técnica e a temática, mas, principalmente, pelo enfoque que dá às imagens retratadas, realçando a presença humana em diferentes pontos turísticos e recantos não tão conhecidos do público.

Com a chegada da pandemia e o aniversário de 61 anos de Brasília eu quis fazer uma série de quadros que intitulei simplesmente *Brasília*.

Nessas obras apresentei a cidade com muitas pessoas, porque só os monumentos vazios não represen-

tam a alegria que é morar e viver na capital do Brasil.

14 – Fale-nos sobre seu trabalho atual. Quais seus planos artísticos em relação ao futuro? Como gostaria que sua arte se desenvolvesse de agora em diante?

Meu atual trabalho apresenta uma série de passarinhos, à qual dei o título *No Jardim do Meu Amigo*, baseada em uma sequência de fotos do artista Glenio Lima e de outros amigos que têm o privilégio de morar em casas nesta época em que estamos confinados.

A inspiração e as ideias estão amadurecendo. Alguns planos já povoam meu pensamento, como as possibilidades de parcerias, os prováveis locais para a realização.

Como sempre, para a construção dessa exposição, obedecerei minha característica como artista, que é usar a pintura figurativa com uma sequência de detalhes realistas em mais uma história contada com emoção e encantamento.

Estou fazendo várias pesquisas para um novo projeto, ainda em estudo para se adaptar aos novos tempos. O que posso adiantar é que será uma exposição inclusiva para pessoas com necessidades especiais.

15 – Deixe aqui uma mensagem para Brasília pela comemoração de seus 61 anos.

Para Brasília, desejo que, no futuro, os governantes disponibilizem recursos para restaurar espaços culturais, tão necessários. Não sei como será este tempo de “novo normal”, mas Brasília, desde o início, sempre se mostrou resistente.

Que no futuro Brasília volte a brilhar pelo céu maravilhoso, pela música, pela arte e pelas pessoas especiais que nela habitam. ●





RUBENS PERLINGEIRO

● URBANISMO

VERA CRUZ: A BRASÍLIA NÃO CONSTRUÍDA



Para ler o artigo na íntegra

Quando se conta a história de Brasília, raramente se comenta que o Plano Piloto de Lucio Costa¹ foi antecedido por outro, criado por uma equipe de arquitetos-urbanistas liderados pelo marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, então presidente da Comissão de Localização da Nova Capital, que pretendia dar à cidade o nome de Vera Cruz.

Quando se buscam as causas para a pouca divulgação desse plano, pode-se inferir que houve intenção de se preservar o culto à personalidade de Juscelino Kubitschek como mentor absoluto da iniciativa de construir Brasília, uma cidade que teria nascido “do nada”, que “partiu do zero”, que não teria se apoiado em trabalhos anteriores, além de ter sido construída de forma surpreendente em pouco mais de três anos. Na verdade, seria praticamente impossível Brasília ter-se tornado realidade sem que a infraestrutura prevista para Vera Cruz houvesse nela sido aproveitada.

Cabe lembrar que o fator tempo foi preponderante para que a construção de Vera Cruz não ocorresse. Desde que assumira o compromisso de transferir a capital para o Planalto Central, o presidente Juscelino Kubitschek havia demonstrado sua intenção de inaugurá-la ainda em seu governo, sem permitir que os louros dessa realização fossem usufruídos por quem o sucedesse na Presidência da República.

Havia, também, a preocupação de que, ao não concluir a transferên-

cia da capital ainda em seu mandato presidencial, as providências já adotadas e as obras iniciadas viessem a ser abandonadas.

O plano de Vera Cruz foi intitulado “Memorial do estudo preliminar para a cidade de Vera Cruz, futura capital do Brasil”, assinado pelos arquitetos Raul Penna Firme, Roberto Lacombe e José Oliveira Reis. Segundo esses autores, a cidade seria “orgânica, monumental, política e administrativa”. Deveria destacar-se “no centro de onde irradiam as nascentes das três grandes bacias: do Amazonas, do Prata e do S. Francisco”.² Quanto ao funcionamento, enfatizava que “tudo se processa no nosso plano segundo a expressão de Le Corbusier: deve-se separar o pedestre da ronda infernal dos automóveis que circulam livremente”.³



O plano de Vera Cruz foi elaborado de forma gratuita, fruto do patriotismo e da abnegação do marechal José Pessoa, dos arquitetos anteriormente mencionados, além de haver contado com a colaboração de engenheiros e técnicos de diversas áreas integrantes da Comissão de Localização da Nova Capital. Se o plano não foi levado em consideração por ocasião do estabelecimento de um concurso que definiria o Plano Piloto da Nova Capital, pode-se inferir que essa decisão se apoiou mais em motivos políticos do que em técnicos ou econômicos. Como o plano de Vera Cruz previa seu autofinanciamento por meio da venda antecipada de lotes, em prazo

previsto para até 20 anos, seria impossível atender a intenção do presidente Juscelino de inaugurar a Capital ainda em seu mandato.

Ao se comparar o plano de Vera Cruz com o de Brasília, pode-se constatar que o primeiro antecedeu-se ao Edital do Concurso do Plano Piloto para a Nova Capital, pois atendia a todas as exigências que nele foram posteriormente estabelecidas. Observa-se, também, que Vera Cruz estava em dia com o “estado da arte” da arquitetura e do urbanismo, particularmente quanto aos parâmetros incluídos na “Carta de Atenas”, de 1933, e que as providências tomadas na elaboração do plano de Vera Cruz foram fundamentais para a construção de Brasília, particularmente quanto ao planejamento da infraestrutura da Nova Capital.

O plano completo e detalhado de Vera Cruz pode ser lido na publicação intitulada *Nova Metrópole do Brasil*, editada em 1958 pela Biblioteca do Exército.⁴

Na foto ao lado pode ser visto um esboço do plano de Vera Cruz. ●

1 Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa.

2 ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. *Nova Metrópole do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1958.

3 Le Corbusier era o apelido utilizado pelo arquiteto suíço, radicado na França, Charles-Edouard Jeanneret-Gris

4 ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti de. *Nova Metrópole do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1958.



JOÃO DINIZ

● ARQUITETURA E PERCEÇÃO

MOD(ET)ERNO

Do livro AURORA
de João Diniz para 2021

... neste canto moderno

a casa é a letra
a rua é a frase
a cidade é o texto
o país a estória

não fomos medievais
clássicos ou góticos
o Brasil se descobriu
num toque de caravelas

mas antes já existiam
a floresta a montanha
as tribos e linguagens
uma paz interrompida

em tempos coloniais
capitanias e degredos
onda império flutuante
da coroa ultramar

as costas em monólogo
metrópole que ordena
enquanto vozes descobrem

novo ouro interior

gerais são outras minas
de brilho e de sangue
não perde o que evolui
na trilha da liberdade

e na riqueza degredada
num soldo compulsório
omundo se transforma
em indústrias e ferrovias

o aço a velocidade
arranha-céu ponte pênsil
telégrafo e dirigíveis
transatlântico desafio

fenômeno modernidade
Europa em convulsão
nestas lutas de influências
e o mundo em atenção

do lado de cá na praia
na montanha ocidental
sambávamos com gosto
num tempo que era imposto

quem não é eterno
existe só no momento
em que nasce e delicia
a fruta do dia a dia

curto passado convém
ao desafio do presente
fênix recém-nascida
numa chama tropical

a história instantânea
bem nova e já moderna
a bordo do século XX
ancora na sulamérica

na terra das guanabaras
guararapes alterosas
pampas amazônicos
plagas e serrados

re-enxergar o barroco
a trova o rococó
com lente de velho mundo
em olho Xingu Tupiniquim

na depressão do pós-guerra
e um governo autoritário
o concreto é ondulado
na trama contraditória

internacionais interações
com Bauhaus, Corbusier
Manhattan, Champs-Élysées

ibero-américas e áfricas

heróis da epopeia
Warchavchik, Mario de Andrade
Tarsila, Villa-Lobos
Artigas e Capanema

Lucio Costa, Drummond
Prestes, João Gilberto
Darcy, Caymmi, Pagu
Cardoso e Bernardes

Reidy, Guimarães Rosa
Bandeira e Artigas
Murilo Mendes, Radamés
Carmen Miranda e Pelé

Oswald e Maysa
Portinari, Niemeyer
Athos Bulcão, Burlle Marx
JK, Vinicius, Tom Jobim

e muitos muitos outros
que são luz tão forte quanto
mas que ficam no seu canto
brilhando por própria conta

todos com sua sina
lições do Aleijadinho
soar a nação mestiça
para si e para tantos

dos locais da invenção
do Rio bossa nova
de São Paulo industrial
Curral não só d'el Rey

nós do norte este sul oeste
críticos e regionais
atenção que refloresce
pós Pampulha e Brasília

nossa roupa é a pele
indígena, negra, mulata
branquela, nipo, cristã
portuguesa e pagã

alma é a coragem
neste país do futuro
(e de presente convulso)
de explodir esperanças

cansadas de aguardar
e promover as mudanças
com materna sabedoria
nestes passos de agora

será tolo o otimismo
do que veste para a festa
e logo de saída
leva uma bala na testa?

será justa a ira
de quem reclama de tudo
calando seu próprio grito
que impõe e não propõe?

faz sentido tanto amar
e ao mesmo tempo odiar
o sal de hoje e amanhã
na terra que é sua mãe?

vestir e comer
a pátria e a gente
a roupa é o corpo
a pele é a fome

encontro de partes
de escuta e falas
a tolerar construir
em grupo as diferenças

melhor da roupa é despir
passar para fora a alma
sentir do vestido de cor
uma luz no coração

moderno é modo
um mote a mais
muito mais que moda
um mito quiçá um moto

oBrasil é moderno
oBrasil é de novo
oBrasil é seu povo
oBrasil é de hoje...



nesse canto de mundo
um cântico que entoamos
com a fé deste segundo
e um sentir de muitos anos





MARTA ROMERO

● ARQUITETURA

O AMBIENTE E O CLIMA NA CIDADE DE BRASÍLIA

A forma como fabricamos o urbano é um dos principais motores da mudança climática. O excessivo avanço do urbano no território fragmenta a paisagem, exerce pressão sobre os ecossistemas, tornando essenciais as políticas de mitigação dos efeitos das mudanças no clima. Isso fica muito evidente no espaço que abriga a capital da República. Em Brasília atualmente percebem-se algumas diferenças no clima do sítio após mais de 60 anos de urbanização acelerada.

O lugar de Brasília foi escolhido para sede do governo desde o final do século XIX principalmente por suas condições climáticas (Romero, 2011), pois as características bioclimáticas do Plano Piloto desenvolvido pelo urbanista Lucio Costa propiciavam uma vastidão de lições para o planejamento urbano resiliente ao calor extremo. Porém, o crescimento desordenado tem alterado sensivelmente o clima do DF.

Segundo estudos da Secretaria do Meio Ambiente¹, significativas mudanças no clima do DF e na Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (RIDE) vêm sendo detectadas nos últimos 60 anos, confirmando as previsões, tanto estatísticas quanto dinâmicas, das projeções climáticas. Verifica-se, assim, que aumentou o número de dias com umidade relativa abaixo de 30%, que aumentou a temperatura mínima em 2,1°C e a temperatura máxima em 0,85°C e que diminuiu a amplitude térmica entre as temperaturas máxima e mínima. O clima está mudando e intensificando seus eventos: os verões têm sido mais quentes e os invernos mais secos. Houve um evento de chuva extrema em 2016 e, nos últimos anos, também sofremos com ondas de calor. Esses sucessivos recordes de calor e falta de umidade facilitam a combustão da vegetação típica do cerrado, intensificando os incêndios florestais.

O ambiente das cidades, ao contrário do natural, ganha em fragilidade à medida que se torna mais complexo. A intervenção urbana causa alterações no clima de uma região, pois os

materiais que constituem a superfície urbana possuem capacidade térmica mais alta e são melhores condutores do que os materiais encontrados em superfícies não construídas, dando origem a um clima local específico – o clima urbano.

A ocupação do solo numa cidade é fundamentalmente caracterizada por uma elevada densidade edificada e área de pavimentação asfaltada. Esses elementos, por si só, podem dar origem a uma elevação na temperatura de alguns graus centígrados. Esse efeito, associado à poluição, à redução dos espaços verdes e ao calor antropogênico libertado pela indústria, veículos, equipamento e atividades humanas, contribui para o estabelecimento de um campo mais elevado de temperaturas, designado por ilha de calor urbana.

Esse fenômeno agora está presente no Plano Piloto dado o aumento do poder aquisitivo dos moradores do Plano Piloto que forçaram a ampliação do número de vagas para carros, as garagens dos edifícios não foram suficientes, a solução foi mais uma vez a retaliação do solo público e o avanço para além do perímetro da projeção, eliminando assim o solo natural, necessário para o plantio das árvores.

O asfalto também contribui para formar ilhas de calor entre os edifícios. Nesse sentido, desde o ponto de vista das áreas expostas a radiação solar e que aumentam a temperatura do ar, as garagens subterrâneas são menos impactantes porque elas não afetam o microclima das superquadras e resolvem o problema dos estacionamentos.

Os materiais de construção são também, tal como a vegetação, elementos com uma elevada absorção e baixa refletividade e, como tal, uma grande parte da radiação solar que neles incide é absorvida. Os fenômenos evapotranspirativos são, no entanto, consideravelmente reduzidos, devido à impermeabilidade e ao baixo teor de umidade dos materiais.

A radiação solar refletida pelos edifícios de uma densa estrutura urbana sofre ainda fenômenos múltiplos de reflexão, sendo apenas uma pequena parte refletida para o céu. A radiação absorvida pelo espaço urbano transforma-se em calor sensível, com um conseqüente aumento de temperatura dos próprios materiais em que parte desse calor é dissipado por convecção para o ar circundante, originando um acréscimo da temperatura do ar.

BRASÍLIA E O SÍTIO AMENO

Brasília foi concebida dentro dos cânones da modernidade. Aproveitou, de forma feliz, as modernas técnicas de análise do sítio e, em consequência, obteve-se uma cidade localizada num sítio ameno que não apresenta extremos climáticos.

O estudo do desempenho do espaço urbano nos permite alertar para os possíveis impactos negativos que áreas fortemente adensadas e sem cobertura vegetal podem gerar, tanto ao nível urbano como às Ilhas de Calor (Romero *et al*, 2019) demandando um alto consumo de energia para o resfriamento dos ambientes internos.

O sítio de Brasília é um sítio convexo, aberto a todas as influências dos ventos predominantes, sendo a área do sítio bem drenada. A apreciação climática dos sítios foi baseada nas características de temperatura, umidade, precipitação, vento, cobertura de nuvens, altitude e conformação; um nível macroclimático, mesoclimático e microclimático. Pode ser descrito por três fenômenos principais, a massa contínua de chapadas elevadas formando um espaço geograficamente delimitado; uma colina de encostas suaves centralizada nesse espaço; a rede hidrográfica introduzindo elementos naturais de centralização e direcionamento. Esses fenômenos configuram o relevo da cidade permitindo a visão de um horizonte de 360°, além disso, em Brasília é possível acompanhar o trajeto do sol ao longo da abóbada celeste. Essa configuração urbana da cidade garante um forte sentido de orienta-

bilidade, que resulta do princípio de localização dos lugares em relação aos quatro pontos cardeais. O plano da cidade soube acomodar o seu traçado à paisagem, valorizando as perspectivas e elementos físicos e ambientais do lugar.

Brasília requer cuidados especiais, uma vez que apresenta exigências próprias dos climas quente secos ao mesmo tempo que as dos climas quente úmidos. O clima deve ser tratado como um dos condicionantes da forma e variedade do espaço habitado. A sua importância vai depender do grau de tensão térmica que o ambiente natural impõe sobre os indivíduos. As condições climáticas de Brasília são bastante favoráveis, na maior parte do tempo as variáveis climáticas se encontram na faixa de conforto.

LUCIO COSTA FEZ UMA ACERTADA LEITURA DO SÍTIO

Lucio Costa fez uma acertada leitura do sítio e acomodou seu projeto à forma do mesmo. Estabeleceu um vínculo com o espaço e escolheu para a localização o triângulo contido entre os braços do lago (Romero, 2011). Esse triângulo ergue-se ligeiramente sobre os terrenos laterais mais baixos que chegam até ele. Na linha do espigão estabeleceu o eixo Monumental e acompanhando as curvas de nível que descem acomodou o eixo Rodoviário. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo que define a área urbanizada. Se as intenções iniciais foram cuidadosas com o sítio, o que veio a seguir não mais foi acompanhado desse espírito. Especialmente as últimas intervenções no Plano Piloto, a criação recente de dois novos bairros: Sudoeste e Noroeste nas respectivas orientações. Este último, sem a infraestrutura de águas pluviais construídas, já tem 60% dos edifícios construídos, pela pressão das imobiliárias em liberar o habite-se. A imediata consequência foi o assoreamento do lago Paranoá e a diminuição da umidade do setor, que provocaram alterações substantivas nas temperaturas urbanas da cidade e que essa situação acarretou a criação de novas ilhas de calor urbanas no território.

Com as nossas pesquisas identificamos em Brasília diferenças reais de temperaturas nas áreas que têm maior presença de vegetação. Por exemplo, observando transecto em Brasília², temos nas faixas de vegetação (Parque Olhos D'água e áreas arborizadas) e na água (Lago Paranoá) temperaturas entre 19°C a 26°C, en-

quanto nas faixas de vias asfaltadas, estacionamentos, edifícios das superquadras e no atual adensamento do Setor Noroeste encontramos temperaturas entre 27°C a 35°C. Os cursos d'água evidenciam temperaturas menores em todas as escalas de visualização das imagens obtidas utilizando a banda termal do Landsat 8³.

As verificações nas áreas centrais da cidade, em espaços com grande fluxo de pessoas, atividades e carros, fazem-se necessárias, particularmente pelas lacunas nas pesquisas em relação ao impacto dos estacionamentos no desenho e da paisagem urbana.

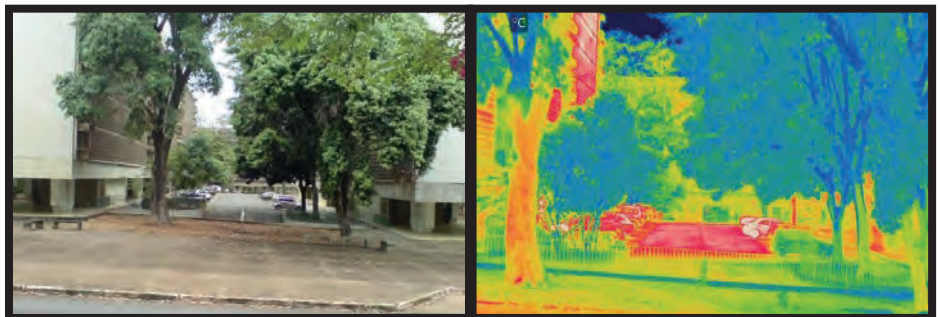
Setores do centro da cidade como os setores comerciais Sul e Norte, nos espaços totalmente pavimentados encontramos até 3°C a mais que as áreas lindeiras. E isso é particularmente preocupante nas áreas próximas dos estabelecimentos de saúde que se localizam nessas áreas centrais, onde os planos que se discutem são deixar por 30 anos carros estacionados, quer dizer metal aquecendo exposto diretamente a radiação solar e reirradiando para as edificações vizinhas.

Nota-se, a título de exemplo, a elevada demanda por estacionamentos nas proximidades da área ao leste do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) e pelo canteiro central arborizado dos espaços de saúde (via W1 constituída pelos edifícios Dr. Crispim e Cléo Otávio), com grande concentração de atividades e pessoas que, nesta época de pandemia e de Pós COVID-19, devem ser objeto de maior tratamento diferenciado ambiental.

Nas nossas pesquisas⁴, identificamos o uso de materiais que contribuem para o aquecimento do espaço público (baixo albedo, alta reflexibilidade da radiação solar, alta emissividade), além de pouca permeabilidade do solo e vegetação, observando-se o aumento da temperatura local e a incapacidade dos materiais de liberar, durante a noite, todo o calor absorvido ao longo do dia, assim acumulando calor para o dia seguinte.



Estacionamento do Dr Crispim. Imagens da câmera termográfica. Diferença de temperatura entre o asfalto diretamente exposto à irradiação solar e o sombreado por árvores, cuja diferença é de 21°C



As mudanças nas cidades pós-pandemia têm o pedestre como ponto focal da cidade. A solução não é migrar para o carro individual e sim buscar alternativas, criar novos hábitos, evitando situações que cristalizem o espaço como um depósito de carros. Busca-se o desenho saudável para suas cidades. Quer dizer elaborar políticas públicas de como se pode reduzir sua vulnerabilidade nos cenários de mudanças climáticas assim como incentivar a sua manutenção nos processos de requalificação de áreas urbanas e programas e políticas públicas de mobilidade sustentável.

No centro da cidade as discontinuidades no trato do espaço público impedem a leitura do espaço e consequentemente a apropriação prazerosa dele, quer dizer, existe um espaço raso sem sombrea-



Imagem fotográfica e termal do comércio local da SQN 206. Verificam-se temperaturas mais amenas devido à presença de vegetação (16°C) nas áreas próximas às fachadas dos edifícios residenciais – cerca de 24°C – e temperaturas mais elevadas – até 30°C – no estacionamento (asfalto)

mento, sem umidificação na seca, sem proteção dos ventos indesejáveis, ou amenização dos ruídos advindos das vias periféricas, enfim, carece de medidas bioclimáticas amenizadoras mínimas imprescindíveis neste clima tropical do Planalto Central. Sem pensar ainda no uso de tecnologias inovadoras de pavimentos resfriados, refletância e absorvência da carga térmica, galerias técnicas, zonas de pedestres potencializando os percursos e passagens cobertas com o intuito de criar zonas de sombras durante o dia e luminosas durante a noite, que a capital modernista e museu de arquitetura a céu aberto mereceria.

ALERTAS SOBRE O CONFORTO

Em 2021 Brasília comemora 34 anos como cidade Patrimônio da Humanidade com um alerta sobre o aquecimento nas superquadras. Excessivo número de carros estacionados desbordando do comércio local, edifícios mais largos, descaracterização dos pilotis, apartamentos não vazados, sacadas fechadas, falta de brises, fachadas espelhadas, arborização escassa e com árvores ornamentais que não fornecem sombra. O paisagismo abandonou os elementos básicos de Lucio Costa, “árvores de grande porte”, ao implantar uma vegetação pouco adequada ao lugar, já que não fornece sombra, nem frutos, nem o deleite visual ao alinhar desajeitadamente uma série de palmeiras em uma composição estética duvidosa. Todos esses elementos, permitidos por lei, prejudicam a circulação de ar nos apartamentos e aumentam a temperatura do ar nos prédios. Há ilhas de calor entre os blocos residenciais.

No Plano Piloto, houve o plantio de 4 milhões de árvores, onde 400 mil frutíferas e outras espécies exóticas e nativas, segundo o Departamento de Parques e Jardins de Brasília, 249 espécies foram utilizadas na arborização das

superquadras. Os benefícios da vegetação em relação ao microclima podem ser indiretos, através da evapotranspiração, que mitiga as superfícies e o ar adjacente devido à troca de calor; e diretos, através do sombreamento, que reduz a conversão de energia radiante em calor sensível e diminui a temperatura de superfície (ROMERO, 2011). A absorção da radiação solar pelas folhas das plantas é um dos benefícios das áreas verdes sobre as áreas não plantadas. Deve-se levar em conta que a radiação de onda longa das folhas é mais lenta que a das superfícies dos arredores, por isso, as pessoas nas áreas verdes estão mais sujeitas a menor pressão do calor radiante. Além disso, a arborização também desempenha um papel fundamental: a probabilidade de deslocamento a pé é três vezes maior em rotas para pedestres sombreadas e com vegetação (FARR, 2011).

Se fosse retirada a cobertura arbórea das superquadras e colocado asfalto no lugar, teríamos um aumento de até 5°C na temperatura. Alertamos para uma mudança pouco perceptível para os leigos: a espessura das paredes externas que antes eram de 15cm passaram a ter 9cm, o que não é mais suficiente para retardar a passagem da radiação e diminuir o calor no interior.

Lembrando que Lucio Costa criou para Brasília o conceito de cidade-parque, a cidade deveria ser coberta por um grande tapete verde, com muitas árvores proporcionando sombras e um cinturão verde em torno da quadra para proteger de ruídos e umidificar o ambiente. Com o princípio do solo público aberto, arborizado, gramado, permeável e desimpedido para o ir e vir, a originalíssima concepção de Lucio Costa outorga ao espaço urbano significado, ajudando assim o homem a morar e desenvolver sua relação com o ambiente. Concebido inicialmente como prolongamento dos jardins oferecendo sombra e proteção da chuva, o térreo vem sendo

tratado cada vez mais para estabelecer fronteiras mais nítidas entre o público e o privado no interior das superquadras.

A paisagem é valorizada a partir do contraste que apresentam os espaços construídos sobre o espaço natural. Pode-se destacar a presença do céu como protagonista na paisagem da cidade. Não é fácil ignorá-lo: o céu está presente em cada perspectiva e em cada olhar. Os edifícios foram projetados para ter como fundo as mudanças de cores do céu. Os vazios estão compostos de pedaços deste céu limpo e generoso. No Plano Piloto de Brasília, o verde é também uma presença constante, seja por sua presença na época das chuvas ou por sua ausência na época seca. Estudos mostram que a população do Distrito Federal tem uma variação de verde por habitante que vai de 0,91m²/hab. em Sobradinho II até 18,24m² no Lago Sul (Camarogo, 2015), ainda encontramos nas pesquisas de (Silva, 2018) uma grande concentração dos Espaços Verdes Urbanos no Plano Piloto, variando entre 60% a 94%.

Na linha do impacto no conforto térmico do pedestre, nossos estudos mostram diferenças de temperaturas significativas para a ambiência e para as atividades cotidianas dos habitantes de Brasília. Por meio da técnica de georreferenciamento das imagens, no software ENVI, ao observarmos as imagens termais de sensoriamento remoto do ano de 2018, em relação às imagens de 2016, detectamos que as temperaturas das superfícies urbanas foram elevadas em 1°C nas Superquadras da Asa Sul do Plano Piloto, nos últimos dois anos (Romero *et al*, 2019).

Observamos, ainda, que as temperaturas foram elevadas em 0,5°C nas superfícies urbanas das Superquadras da Asa Norte do Plano Piloto, nos últimos dois anos⁵. No mesmo estudo verificamos que, assim como a SQS 108, a SQS 203 é também uma típica Superquadra da Asa Sul, apresentando, contudo, cerca de 1°C a menos que aquela em relação à temperatura nos períodos seco e chuvoso do ano. Entre outros fatores, o principal motivo identificado para essa diferença de temperatura está na porcentagem de copas de árvores, a qual na SQS 108 é 33,73% e na SQS 203 é 38,61%, diferença que sugere ser essa uma diferença sensível no conforto térmico urbano proporcionado pela arborização.

Nossos estudos ainda mostram na área dos ministérios e na 207 Norte (quadra não construída do Plano Piloto) que a porcentagem de vegetação rasteira e asfalto é maior e consequente-

mente as temperaturas são maiores. No Noroeste encontramos percentagem maior de solo exposto e consequentemente temperaturas mais altas, mostrando uma correlação alta tendo em vista que os materiais contribuem para o aquecimento. Na 203 Sul a percentagem é maior de copa de árvores (38,61%) assim como a 213 Norte e a temperatura é mais amena, mostrando uma correlação alta, devido ao caso da quadra norte estar na proximidade d'água. Na 108 Sul, quadra modelo, a proporção encontrada de verde foi de 56%⁶, asfalto 17%, edifícios 27%, percentagem de copa de árvores 33,73%. Nessa superquadra existem, de acordo com o cadastro fitogeográfico realizado pelo Departamento de Parques e Jardins de Brasília, aproximadamente, 760 árvores de 68 espécies. Esses números demonstram que a quadra em questão é densamente arborizada e possui um número muito grande de espécies.

Dos Setores Comerciais o SCN 205/206, que possui arquitetura diferenciada no Plano Piloto, se apresenta como o mais quente⁷. Na Asa Sul as quadras que apresentaram as menores temperaturas foram as 206/207 e 308/309. Assim, segundo as nossas pesquisas, podemos concluir que a Asa Norte é mais quente que a Asa Sul, com exceção da quadra 412 Norte, vizinha do Parque Olhos D'Água.

O Lago está inacessível pela apropriação privada do solo público. Sabiamente Lucio Costa tinha estipulado no item 20 do Relatório “evitou-se a localização dos bairros residenciais na orla da lagoa, a fim de preservá-la intata, tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana” (COSTA, 1957).

Uma das consequências geradas pelo processo de ocupação e desenvolvimento nas metrópoles é o fenômeno da ilha de calor urbana já mencionada. Quantidades de ar quente se fazem presentes em maior concentração no centro das cidades, que sofrem com esse desequilíbrio. E essa condição dificulta a evaporação, reduz o poder de dispersão dos poluentes atmosféricos gerados trazendo complicações para a vivência. Nesse sentido é que se faz tão importante o acesso ao Lago, que na distância fica visível, mas é inacessível. O que dá ao “homem de Brasília” a sensação de segurança no lugar e no domínio visual sobre a paisagem e a facilidade que a paisagem oferece se fazer compreender através de relações espaciais claras entre os seus elementos, ou seja, sua legibilidade. Essa dupla função constitui o elemento defini-

tor da relação entre o céu e a terra no sítio de Brasília.

ESTRATÉGIAS PARA A OBTENÇÃO DO CONFORTO

Nas regiões tropicais, a ventilação natural é um processo pelo qual é possível resfriar os edifícios tirando partido da diferença de temperaturas existente entre o interior e o exterior, em determinados períodos. O movimento de ar efetivo através dos edifícios, gerado por pressão de vento, depende de duas condições básicas: primeiro, deve existir zona de alta pressão e zona de baixa pressão em torno do edifício e, segundo, devem existir aberturas de entrada na zona de alta pressão e aberturas de saída na zona de baixa pressão. Para atender a esses requisitos mostram-se fundamentais a forma do urbano e o desempenho da estrutura da cidade.

Nesse sentido mostra-se fundamental que analisemos o impacto da Quadra 500 Sudoeste, localizada em uma área frágil ambiental e sem previsão de ocupação no planejamento da cidade. Uma ocupação de alta densidade construtiva e desenho urbano sem qualidade impacta tanto na infraestrutura do bairro como também no conforto microclimático da região. A deturpação do planejamento urbano inicial e a supressão da vegetação nativa tornou o que antes era solo permeável em superfície impermeabilizada.

Ao longo de um ciclo diário, as superfícies que constituem as vias experimentam diferenças espaciais e temporais de temperatura, devido aos diferentes níveis de exposição solar. Os materiais de construção são também, tal como a vegetação, elementos com uma elevada absorção e baixa refletividade e, como tal, uma grande parte da radiação solar que neles incide é absorvida. A elevada capacidade térmica dos materiais de construção promove o armazenamento de calor que, posteriormente, é emitido por radiação de elevado comprimento de onda para o céu, solo e elementos circundantes. Os fenômenos evapotranspirativos são, no entanto, consideravelmente reduzidos, devido à impermeabilidade e ao baixo teor de umidade dos materiais. A proporção entre as alturas dos edifícios e os espaços existentes entre eles exerce influência direta sobre o impacto da radiação solar no clima urbano.

Como os 22 edifícios residenciais de seis pisos da Quadra 500 Sudoeste terão 48 apartamentos, a média do local atingirá 1.056 apartamentos e quatro vagas para garagem, ou seja, estima-se

que morarão quatro pessoas por apartamento. Com isso, as nossas pesquisas⁸ chegam ao resultado de aproximadamente 4.224 novos habitantes para a região. Esse valor de mais de 4 mil pessoas corresponde a quase 1,7 vez do previsto no estudo de impacto ambiental realizado em 2010, em que se previa o aumento de 2.500 habitantes com o novo empreendimento.

Observamos que os prédios ficaram mais próximos uns dos outros, o que dificulta a circulação de ar. A ventilação também fica prejudicada e o ar aquecido fica estagnado na cavidade que se forma entre os edifícios próximos. Além disso, o que era para ser um espaço de circulação dos pedestres – o chão embaixo dos pilotis – acaba sendo uma obstrução não somente à passagem e sim às brisas do lugar.

No local antes da implantação da Superquadra 500, segundo as pesquisas citadas, o local apresentava ao longo do dia temperaturas que variavam de 37°C a 42°C⁹. Analisando o gráfico da temperatura da Região Administrativa de Brasília para o mesmo dia, percebe-se que a temperatura mínima de superfície que a região atingiu é 4°C maior do que a máxima indicada no dia. Essa diferença é ainda maior quando foi analisada a região mais central do terreno, que atinge a temperatura de aproximadamente 42°C, 9°C a mais da indicada pelas estações meteorológicas. Isso se deve às massas vegetativas que estavam presentes na região. Segundo demonstram as pesquisas (Romero et al, 2019, p. 64), a vegetação rasteira e típica do cerrado na seca (em setembro) comporta-se de maneira semelhante ao asfalto – com temperatura de superfície mais alta – e, por isso, pode-se ver que o interior do terreno apresenta temperaturas mais altas, corroborando os dados pesquisados.

Além da temperatura elevada, a implantação dos edifícios da Superquadra 500 prejudicará a ventilação urbana tanto no interior da própria quadra, como também no seu entorno imediato. Os edifícios serão barreiras para a ventilação predominante (direção Leste–Oeste), para os ventos de Seca (direção Sudeste–Noroeste) e para os ventos de chuva (direção Noroeste–Sudeste).

A vegetação do Parque dos Sucupiras, localizado no entorno imediato Noroeste da Superquadra 500, terá seus efeitos inibidos, pois além da sua ventilação que adquirirá menor velocidade no período da noite, a ventilação do período da tarde, que é intensificada pela vegetação do parque, será barrada pelos edifícios da Su-

perquadra 500 e não chegará com velocidade ao Sudeste da quadra. Os parâmetros analisados indicam, portanto, a nova Superquadra como uma área potencial de ilha de calor urbana para o bairro existente, que já apresenta padrões menores de sustentabilidade que os projetados por Lucio Costa. ●

- 1 Mudanças climáticas no DF e Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno –RIDE. Secretaria de Meio Ambiente – GDF, Brasília, 2016, páginas 90 e 91.
- 2 Pesquisa realizada em 2019 ao longo das Asas Norte e Sul pelos pesquisadores coordenados por Daniela Werneck, Erondina Azevedo, do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo – LaSUS que coordeno e descrita no e-book citado nas referências por Romero et al, 2019.
- 3 Pelo portal do Earth Observing System para a Região Administrativa de Brasília, foi extraída a imagem do LandSat 08, bandas 4, 5 e 10, e os metadados. O Satélite registra as imagens quinzenalmente.
- 4 Pesquisa realizada em 2017 do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo – LaSUS que coordeno pelas pesquisadoras Talyta Rodrigues Pereira e Bruna Campos Gonçalves. Estudo do

aumento da temperatura devido ao comportamento de reflexão da radiação solar dos materiais usados no entorno do Setor Hospitalar Norte. Estudo de caso: HRAN. Iniciação Científica. FAU – UnB – CNPq.

- 5 Pesquisa realizada ao longo de dois anos (2016-2018) pela pesquisadora Elen Vianna do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS que coordeno e descrita no e-book citado nas referências por Romero et al, 2019.
- 6 Pesquisa realizada ao longo de dois anos (2007-2009) pela pesquisadora Lorena Mileib Burgos. Microclimas Urbanos no Plano Piloto de Brasília: O caso da superquadra 108 Sul. Dissertação FAU-UnB. 2009 do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS que coordeno.
- 7 Dados da pesquisa realizada pela pesquisadora Daniela Werneck. Estratégias de mitigação das ilhas de calor urbanas: estudo de caso em áreas comerciais em Brasília. Dissertação FAU – UnB 2018 do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo –LaSUS que coordeno.
- 8 Dados da pesquisa “Análise da ventilação urbana em Brasília: um estudo de caso das novas quadras 500 do setor Sudoeste” realizada pela pesquisadora Nathália de Mello Faria (2019-2020) do Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS que coordeno

- 9 Dados obtidos pelo freeware Qgis versão 2.18 e as simulações Software Envi-Met versão 4.4.3.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Lucio, “Memória descritiva do Plano Piloto”. 1957
- CAMARGO, Márcia. A Sustentabilidade Ambiental das Cidades sob a Ótica do Sistema Verde e da Pegada de Carbono de Brasília. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS. Universidade de Brasília – UnB, 2015.
- FARR, D. **Sustainable Urbanism: Urban Design with Nature**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2011.
- ROMERO, M. A. B.; BAPTISTA, G. M. de M.; LIMA, E. A. de; WERNECK, D. R.; VIANNA, E. O.; SALES, G. de L.. **Mudanças climáticas e ilhas de calor urbanas**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. v. 1. 151p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34661>
- ROMERO, M. A. B.: **Arquitetura do Lugar. Uma visão Bioclimática da Sustentabilidade em Brasília**, Nova Técnica Editorial, São Paulo, 2011.
- SEMA-DF. **Mudanças Climáticas no DF e RIDE**. Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Distrito Federal. [S.l.], p. 173. 2016.
- SILVA da, Romero Gomes Pereira. Cenários dos espaços verdes urbanos no Brasil. Tese de Doutorado – CDS UnB, Brasília, 2018.

Foto: Arquivo Público





ALEXANDRE GUERRA

● GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE

EXPLORANDO OS MODAIS DE TRANSPORTE

Por que ir até lá? Como é a chegada? O que sentir quando os planos começam a tomar forma e você desembarca numa porção de terra específica, com costumes e dialetos próprios?

As perguntas são muitas, mas a resposta é só uma: dê abertura a qualquer que seja o contexto a ser desbravado. Observe em volta, encoste nas paredes, olhe a mancha enorme de infiltração na fachada do prédio, veja se as janelas estão abertas, enxergue as portarias se abrindo para um condômino que sai, um que chega. Analise o que faz daquele momento único e quais características dão personalidade para a localidade. Há uma dinâmica interligando os comportamentos?

Eu senti um estranhamento muito expressivo no que concerne à utilização dos espaços públicos em Berlim, por exemplo. Há várias nuances na forma como as pessoas lá interagem silenciosamente em algumas situações como: dentro do metrô, no ponto de ônibus, andando na rua ou em qualquer fila. E eu, vendo tudo isso de fora, me senti o suprássimo do *outsider*, porque eu sentia os puxões de orelha imaginários por não entender como todas as dinâmicas sociais se dão, e é impossível que, em tão pouco tempo, você se encaixe completamente numa posição dentro desse sistema, e eu tomei uns sustos!

– Tá, Alê, mas o que rolou?

Quando eu fui para a Alemanha, descobri que se você anda livremente sem medo pelas ruas de Berlim, você está fazendo isso errado, porque você sempre deve se man-

ter atento, porque nunca se sabe de onde pode surgir uma bicicleta.

Eu sempre respeitei os ciclistas [*inclusive, sou ciclista! Respeitem os ciclistas, galera!*] e acho que as cicloviárias abrem várias novas possibilidades na utilização dos espaços, quaisquer sejam eles. Em algumas cidades há um investimento maior em infraestrutura cicloviária; em outras há a cultura da bicicleta como um meio de transporte que realmente precisa ser levado em consideração e, para que isso seja atingido, haverá cicloviárias! Mas o que vem à cabeça de um humilde BR colonizado ao pensar em cicloviária?: “Ah, talvez tenha, mas não sei onde”; ou “Tem, mas é muito arriscado por estar tão perto dos carros”; e ainda “Não sei para quê, se andar de carro é tão mais fácil”. Então, por que devemos limitar nossas percepções por algo já previamente posto? Por que não podemos engajar mais gente a lutar pelo mesmo que nós? Por que não é tão mais fácil olharmos para algo já feito e aceitá-lo dessa forma?

Sabemos que poderia ser melhor, e a cicloviária é apenas um exemplo de como nós viajamos para longe para aprender a valorizar o que é nosso. Conhecer outros lugares não deve apenas te fazer pensar em como a sua vida seria melhor se você tivesse nascido na Alemanha, mas em como a sua vida em qualquer lugar pode ser otimizada, sobretudo no Brasil. É muito fácil reproduzir o complexo de vira-lata e só reclamar daqui, mas o sentimento a ser inspirado deveria ser o de engajamento, o “pegar para si um problema que afeta muitos, e tentar solucionar da maneira mais simples e menos onerosa”. Roteiros de viagem bem feitos deveriam nos inspirar muito mais política e civicamente.

– Quando o sino do TRAM tocar, permaneça alerta! [e não se trata de medo, mas de um cuidado geral]

Algo com o que eu me deparei pela primeira vez em 2012, mas que só fui compreender puramente em 2019, é a via de uso compartilhado (predominantemente pedonal).

Ela consegue centralizar vários usos num mesmo local, e serve de suporte para tornar um espaço mais seguro para o pedestre, mas ela envolve um refinamento a mais no quesito de organização interpessoal de quem está ali usufruindo daquele espaço, porque seu uso pressupõe uma visualização geral d’o que se passa ali e quais são suas opções enquanto usuário. O mais curioso não é ver uma via de uso múltiplo apenas construída, mas a observar sendo utilizada! –[bicicleta passando, ônibus, moto, sinalização, os fluxos sendo interrompidos, gente pra todo lado...]– Você precisa estar atento a quaisquer possíveis movimentos dos envolvidos, porque TUDO ALI FUNCIONA, e se você estiver ocupando um local indevido, atrapalhando o fluxo, você será prontamente repreendido, o que não é de todo mal, sabendo que, antes de mais nada, todo mundo quer que o sistema funcione.

Imagina o susto que é: você chegar numa rua movimentada de Berlim



Confesso que fiquei perdido no conceito de “onde podemos circular?” dos alemães, porque a resposta é: onde você quiser, desde que na calçada. Mas... qual?

com uma configuração mais adensada, com espaços muito bem definidos e uma bicicleta buzina DO NADA quase em cima de você! Daí depois do susto você percebe que o calçamento possui colorações diferentes, fluxos demarcados, e você precisa estar no lugar destinado ao fluxo o qual você representa.

Não ache que a discussão deve se concentrar apenas nas miudezas acerca de “qual lugar você ocupa” porque ela vai além! O que une todos os usuários em prol de fazer o espaço funcionar, ainda mais quando este foi remodelado para comportar esse HUB, é o cuidado que você quer que tenham contigo. Crescemos achando que o lugar de carro é na rua e pedestre na calçada, mas como agir quando a rua é para TODOS? A formação das cidades brasileiras só tendeu a um certo nível de adensamento em centros urbanos, o que não facilita que seja comum encontrarmos vias que consideram vários modais, aí você viaja e tem que aprender a usar a cidade de formas diferentes, com meios de transporte diferentes, e o mais querido de todos: o Tram.

No Brasil ele chegou com outro nome: o Veículo Leve sobre Trilhos. O bom e velho bonde! Em algumas localidades, a abrangência da malha do Tram não é tão surpreendente, mas a forma como ela pode se



Acho incrível que nesse trecho passa tudo: pedestre, bicicleta, caminhão, tram... inclusive, olha ele aí!

integrar a outros modais é incrível e MUITO INTELIGENTE, porque não é qualquer lugar que comporta a construção de um sistema de metrô, e a longo prazo, o impacto ambiental da aplicação de um sistema de VLT é tão menor que o de uma frota movida a motor a combustão, o que me faz amar o Tram incondi-

cionalmente! *[se eu pudesse, compraria o meu próprio Tram]*

A via que é adaptada para ser múltipla vai receber várias formas de locomoção, em mais de uma escala, e todos os usuários precisam entender como se usa, o que demanda uma disposição maior de ele-

mentos de sinalização, tanto visual quanto sonoro, admitindo que absolutamente qualquer pessoa possa usar o espaço. Eu considero o Tram uma revolução na locomoção urbana contemporânea, por ocupar menos espaço e poder compartilhar a mesma via que qualquer outro meio de transporte e ser robusto, consumindo apenas energia elétrica.

Então, o que você vai fazer na próxima viagem? Isso mesmo, vai observar os fluxos que você usa para se locomover dentro da malha urbana e vai discorrer um processo crítico para entender como cada solução é executada e, sem julgamentos, focar em analisar:

- como as vias se conectam;
- como você consegue transpor obstáculos;
- quais são os meios de transporte disponíveis para ir de um ponto a outro;
- sinalização;
- e o que poderia ser melhor, não um “melhor” enquanto juízo de valor, mas enquanto atendimento às necessidades locais de locomoção.

A buzina (ou sininho também) do Tram, faixa de pedestres elevada, ponto de ônibus com re-cuo, placa e pintura no chão para indicar a passagem de uma ciclovia (ponto de interseção entre dois modais) é tudo cuidado. É a infraestrutura da cidade dizendo: “usa assim que vai dar tudo certo!” e eu gosto muito de, durante a viagem, ir fazendo umas anotações, gravando vídeos, áudios e tirando muitas fotos. E o que eu mais gosto é usar referências de projetos que visitei em elaborações minhas, porque não é apenas um desenho, uma forma ou um material, porque eu fui lá! Eu sei como se parece, e eu quero poder no futuro aplicar aqui no Brasil tecnologias que podemos importar de fora, ou só algumas lógicas de organização social que podem nos permitir funcionar melhor enquanto usuários de um mecanismo enorme chamado: Cidade. ●



Olha mais um tram, mas esse é português



VIVI MANZUR

FOTOGRAFIA E OLHAR

PARTO

vivieluiz.com.br

Hoje eu queria conversar com vocês sobre o nascimento. Mas não tem como pensar em nascer sem lembrar do morrer na época em que estamos vivendo. Outro dia ouvi a seguinte frase: "Estamos deixando de viver com medo de morrer." Confesso que nesse momento me senti uma tola por ter medo, logo eu que sempre tive a coragem como uma das minhas virtudes. Verdade seja dita, a maioria de nós tem medo da morte. Enfrentamos neste momento a dor da perda e é justamente essa dor que nos faz temer a nossa própria morte.

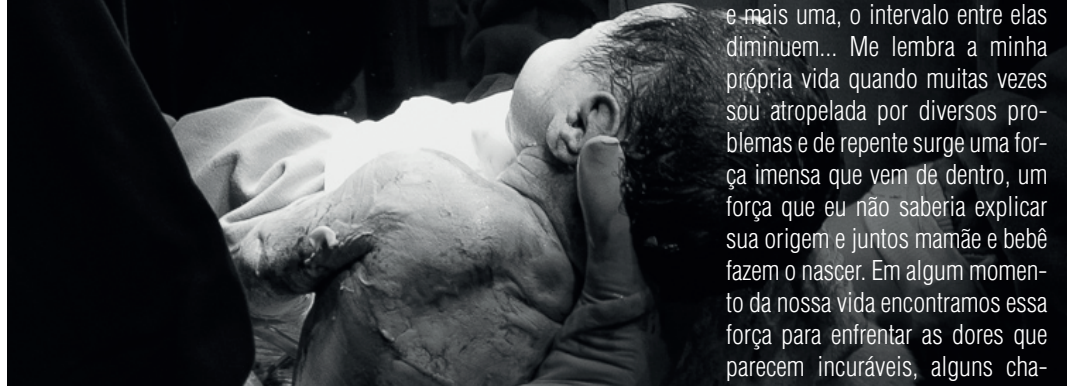
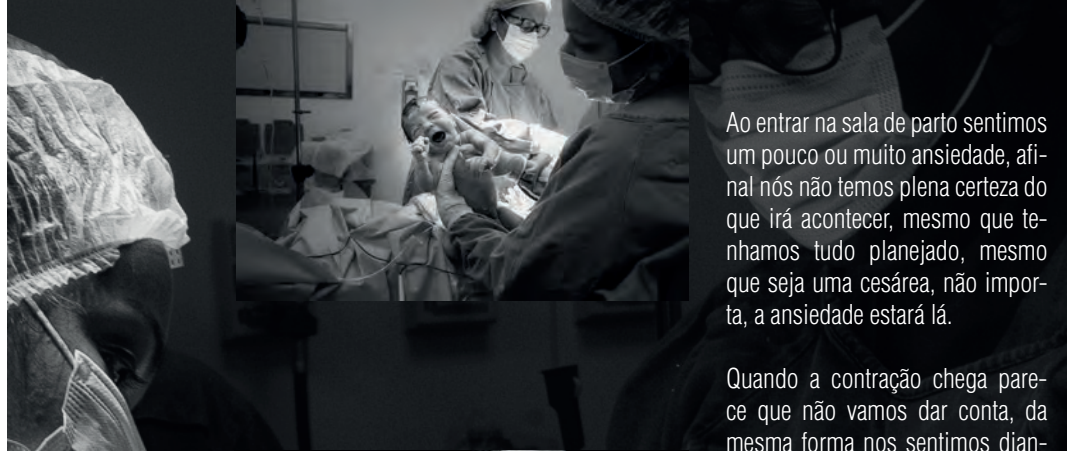
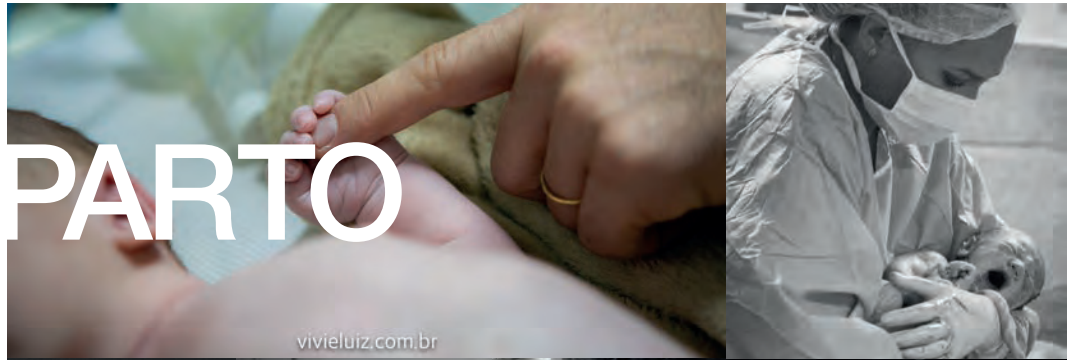
Assim também é o nascer, a dor de deixar o ventre seguro da nossa mãe e o temor dela de que algo dê errado e ela possa nos perder. A dor da mãe é também a de ser mãe, o medo vem do desconhecer o que está por vir.

Acompanhar esse nascer e poder registrar cada emoção em forma de fotografia torna as minhas fotos uma verdadeira poesia. Porque, impressionantemente, o nascer e o morrer trazem consigo a esperança.

Quando chego ao hospital e encontro a gestante que não sabe se está alegre, ansiosa, com medo ou tudo junto... certeza que é tudo junto!

Porque assim é a vida.

Podemos refletir que o momento do parir é como nossa própria vida em seu decorrer.



Ao entrar na sala de parto sentimos um pouco ou muito ansiedade, afinal nós não temos plena certeza do que irá acontecer, mesmo que tenhamos tudo planejado, mesmo que seja uma cesárea, não importa, a ansiedade estará lá.

Quando a contração chega parece que não vamos dar conta, da mesma forma nos sentimos diante das dificuldades da vida. E incrivelmente damos conta! Entre uma contração e outra podemos quem sabe dançar... Foi assim outro dia em um parto que fotografei, entre os espaços das contrações, a música tocava, papai e mamãe dançavam.

Logo as contrações aumentam e o medo também aumenta, vem mais e mais uma, o intervalo entre elas diminuem... Me lembra a minha própria vida quando muitas vezes sou atropelada por diversos problemas e de repente surge uma força imensa que vem de dentro, um força que eu não saberia explicar sua origem e juntos mamãe e bebê fazem o nascer. Em algum momento da nossa vida encontramos essa força para enfrentar as dores que parecem incuráveis, alguns chamam de Deus, outros de energia, não importa o nome, importa que, assim como no nascimento, a origem dessa força é o amor.

Por isso que eu amo fotografar partos, eu me emociono, e percebo todas as vezes o tamanho da força do amor. ●



PEDRO TORRES



ARTHUR NONATO

ARQUITETURA

NOVAS TECNOLOGIAS NA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O desenvolvimento da metodologia BIM (*Building Information Modeling*) pode ser considerado, talvez, a mais recente grande revolução dentro do mercado da construção civil. Durante séculos, toda a informação que se teve acerca de um edifício se resumia a linhas riscadas sobre um papel, fossem elas desenhadas manualmente com lapiseira e esquadros ou impressas a partir de um desenho digital — a tão conhecida tecnologia CAD (*Computer Aided Design*, ou desenho assistido por computador). Mas não passavam disso: linhas.

A possibilidade de se ter um modelo virtual de uma edificação, contendo todo o arsenal de informações automatizadas sobre os seus mais diversos aspectos, passou a permitir um processo de projeto muito mais ágil e preciso, uma construção mais racionalizada e a manutenção desses dados ao longo de todo o ciclo de vida de um edifício.

Com o passar dos anos e a popularização do sistema BIM, logo se percebeu o quão proveitosa seria a aplicação dessa tecnologia na área de preservação e restauração do patrimônio construído. De um lado temos uma área de estudo que carece de documentação adequada, que trabalha com dados



Foto: Arquivo Público

minuciosos, mas sofre com a inexistência de um sistema de cadastramento e gestão efetivos — especialmente no cenário brasileiro. Do outro lado, temos a ascensão de uma tecnologia que pode suprir, por meio de suas ferramentas, todas essas necessidades. É a união perfeita da fome com a vontade de comer. Ou melhor, da fome com um jantar completo, com entrada, prato principal e sobremesa! E a esse banquete foi dado o nome de HBIM (*Heritage Building Information Modeling*, ou modelagem da informação do patrimônio construído).

Porém, todo o processo de modelagem da informação de um edifício já construído dentro de um

software BIM começa, inevitavelmente, por um levantamento daquela edificação, e em se tratando de edifícios seculares, construídos e reconstruídos com técnicas muitas vezes rudimentares, já é de se imaginar que só com trena e fita métrica em mão não é possível fazer um levantamento preciso. É aí que entra em cena uma outra tecnologia fundamental para que o HBIM aconteça: a captura da realidade a partir de nuvens de pontos. Para isso são utilizados scanners a laser ou drones, que emitem milhões de raios que capturam as superfícies daquela edificação e geram, como o próprio nome já diz, uma massa de pequenos pontos que desenharam aquele edifício, nos

permitindo perceber, mensurar e registrar com precisão milimétrica qualquer detalhe, imperfeição, adorno ou patologia.

Temos aqui então o fluxo de trabalho do HBIM: o levantamento daquela obra a partir de um escaneamento e a geração da nuvem de pontos, a utilização dela para modelar o edifício dentro de um software BIM, adicionando informações ao modelo para, ao final, podermos fazer a sua gestão, planejamento de restauro e coordenação das manutenções.

Em Brasília, não há muitas empresas que trabalhem com essa tecnologia, de modo que a Flug pode ser considerada uma das pioneiras no assunto. Apesar de nova, possui projetos de grande relevância para o patrimônio histórico nacional em seu portfólio.

A Flug nasceu em 2019 com a missão de mudar o mundo através de suas tecnologias buscando, com o uso dos drones e scanners a laser, novas soluções para problemas antigos. Ao longo dos últimos dois anos, temos desenvolvido projetos que variam desde pequenas casas a grandes edifícios, mas um dos nossos principais interesses são projetos de grande impacto social e cultural, atuando justamente no universo do HBIM.

Um dos casos mais significativos foi o levantamento *as found* (conforme encontrado) do Museu Nacional do Rio de Janeiro, antiga residência da família real brasileira e que teve seus 215 anos de história arrasados por um incêndio



Grupo Flug

em 2018. O levantamento feito em parceria com a Unesco possibilitará a realização do projeto de restauro e gestão do edifício por meio de metodologias BIM.

Enquanto a ideia de HBIM fica muito clara nesse caso de um palácio bicentenário, ao trazer essa ideia para Brasília, uma cidade com apenas 61 anos de existência, um olhar mais simplista poderia pensar que ainda não há espaço para esse tipo de tecnologia. Efetivamente, a preservação do patrimônio moderno é um assunto ainda em desenvolvimento, mas dentro da Academia esse estudo tem ganhado amplo espaço de discussão. E foi a partir de

pesquisas dentro da Universidade de Brasília que surgiram dois projetos nos quais a Flug teve a honra de colaborar.

Em primeiro lugar, cooperamos com um grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura (FAU-UnB) formado por alunos de iniciação científica e pós-graduação que tinha como objeto de trabalho a Igreja Nossa Senhora de Fátima, a conhecida Igrejinha de Oscar Niemeyer no Plano Piloto de Brasília. Orientados pela Prof^a Dr^a Vanda Zanoni, os pesquisadores seriam capazes de realizar, a partir da nuvem de pontos, diversas análises sobre o edifício, desde o mapeamento de patologias até as dife-

ferenças geométricas identificadas entre as intenções do projeto original e a obra construída.

O segundo caso que podemos citar é o levantamento do Catetinho, primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek durante a construção da nova capital e que hoje abriga um museu. O escaneamento e a modelagem em BIM do museu servirão de base para trabalhos de graduação da Faculdade de Tecnologia (FT-UnB) sobre as potencialidades do HBIM e utilização de Realidade Virtual para passeios virtuais. Temos muito orgulho de, ao longo desses dois anos de existência, ter podido colaborar com dife-

rentes entidades para documentar e preservar o patrimônio nacional, em especial quando se trata da cidade em que nascemos. Em cada tijolo assentado está um pouco da trajetória de Brasília. As paredes desses edifícios guardam os capítulos mais marcantes da história da nossa cidade, e a Flug tem a honra de poder usar a tecnologia para registrá-la.

Se quiserem saber mais, sigam a página no Instagram @grupoflug, em breve contaremos um pouco mais sobre a nossa estrada e os projetos que temos desenvolvido. E caso tenha ficado alguma dúvida estamos sempre abertos a conversar, mande uma mensagem! ●



JAIR LUCIO

● ARQUITETURA

TIPOLOGIA DOS ESPELHOS D'ÁGUA NAS OBRAS DE OSCAR NIEMEYER EM BRASÍLIA

Um reflexo às vezes expõe mais realidade do que o objeto que ecoa.

O gato de Cheshire¹

Água, além de ser uma substância fundamental para a vida e decisiva em qualquer ecossistema. é também um elemento paisagístico crucial: ela pode servir como barreira ou ligação entre diferentes lugares no espaço; permite a interação dos seres humanos com o ambiente; produz uma sonoridade agradável, reverberada e multiplicada, a depender das características do ambiente; gera a ruptura dos espaços fechados, restituindo a dimensão do vazio; possui potencial arquitetônico nato, na forma de espelhos d'água, chafarizes, fontes, entre outras aplicações; e possibilita a amenização do clima, contribuindo para a umidificação do ar circundante².

Ao longo da história da civilização, as cidades tradicionalmente se desenvolveram próximas a corpos de água diversos (rios, lagos, mares), os quais terminaram por se mesclar com a paisagem urbana ou mesmo vieram a defini-la. Brasília, por exemplo, se descortinou ao redor de um grande lago artificial –

seu espelho d'água fundamental, o Lago Paranoá, que podemos entender como um dos principais elementos da fisionomia da cidade. As obras de represamento do Rio Paranoá para a instalação do lago se iniciaram em 1956, antes mesmo da escolha do projeto urbanístico da cidade, com vistas à amenização do clima local, já conhecido desde então por sua estígia de longa duração.

Em um diálogo (o qual não tenho como atribuir como intencional, apesar de ser esta a nossa firme crença) com esse espelho d'água primário, o arquiteto Oscar Niemeyer incluiu diversas lâminas de água em suas criações para os edifícios públicos brasileiros, em especial alguns que se tornaram referências da arquitetura moderna nas décadas seguintes. Algumas dessas estruturas já estavam presentes nos projetos originais, tais como os espelhos do Palácio do Itamaraty ou do Palácio da Alvorada, enquanto outros foram incorporados *a posteriori*, normalmente por razões de segurança da edificação. Este é o caso do Palá-

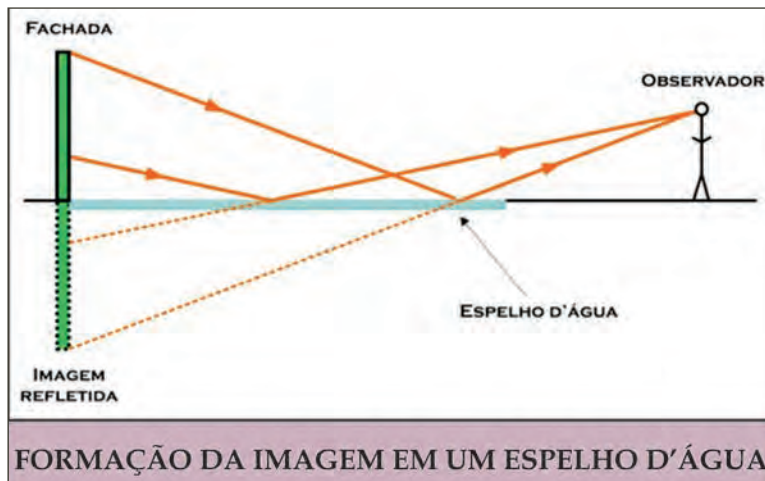
cio do Planalto, edifício projetado em 1958 para ser a sede do poder executivo federal, mas cujo espelho d'água foi adicionado em 1991.

Espelhos d'água não têm a onipresença que os vidros refletores possuem na arquitetura atual das grandes cidades, mas são abundantes os exemplos de ícones arquitetônicos mundiais nos quais esse elemento paisagístico está incluído, como o mausoléu indiano Taj Mahal (finalizado em 1653) ou o Obelisco de Washington (completado em 1884), além de diversos exemplos brasileiros, os quais passo a discutir.

Minha percepção é que Niemeyer não percebia os espelhos d'água como elementos puramente estéticos, mas também os encarava como uma proteção física da edificação, pois sua instalação previne a instalação de grades ou outros elementos contentivos que tanto estragam o encanto de uma obra arquitetônica. Ressalta-se também o fato de um espelho d'água não bloquear a visão do observador, mantendo um “horizonte livre” e

colaborando para a escala de monumentalidade, defendida por Lucio Costa para a nova capital. Não à toa, os espelhos d'água continuaram presentes em algumas das obras mais tardias que Niemeyer desenvolveu para a cidade, com destaque especial para o Complexo Cultural da República.

Em termos físicos, para que um espelho d'água “funcione” como componente estético, a lâmina líquida deve ter uma profundidade adequada e estar livre de lixo ou com coloração inadequada. Limitar a formação de ondas na superfície líquida também é fundamental – pode-se, por exemplo, fazer com que a profundidade da água não apenas seja pequena (diminuindo assim a velocidade das ondas) mas também variável, o que ajuda a dissipar as ondas formadas pelo vento. Na ausência de vento, o resultado é uma imagem refletida simétrica à fachada do edifício, a qual pode ser observada com bastante nitidez. Esta imagem é similar àquela obtida na reflexão em um espelho plano comum disposto na horizontal.



- 1 Electronic Arts (2011) Alice: Madness Returns [Disco] Playstation 3. Londres: Electronic Arts Inc
- 2 Cesar, L. (1997) Princípios paisagísticos. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Planejamento Urbano, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, pp. 101-106.



O vocabulário de formas livres da arquitetura de Oscar Niemeyer começa a se manifestar nas obras que o artista criou para a Pampulha, bairro de Belo Horizonte, nos anos 1940. Nessas obras na capital mineira, Niemeyer quis que a sinuosidade das construções dialogasse com a natureza – representada, no caso, por um grande lago ao redor do qual o conjunto arquitetônico foi desenvolvido³.

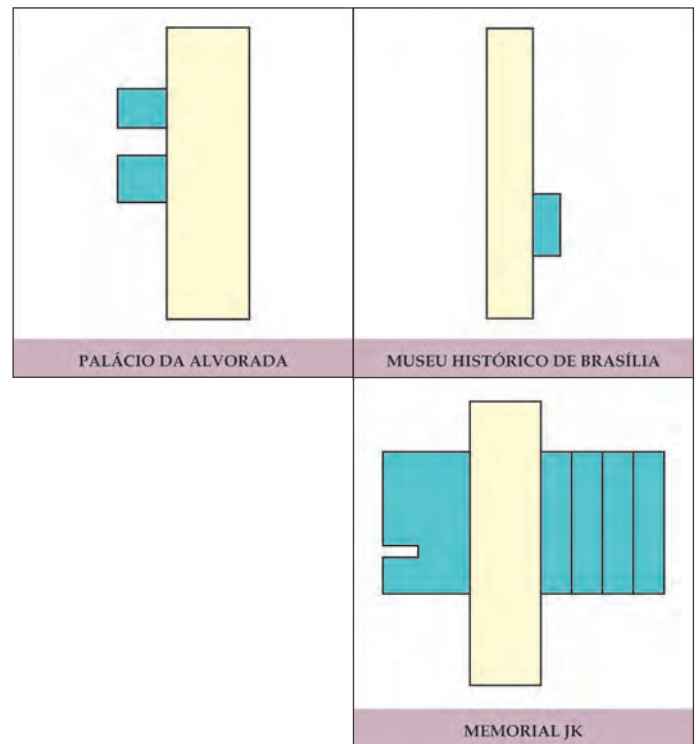
A construção de Brasília, entretanto, ofereceu uma liberdade sem precedentes para Niemeyer. A predileção do então presidente e fundador da cidade, Juscelino Kubitschek, pelo nome do arquiteto como projetista principal dos edifícios públicos foi fundamental: em Brasília, Oscar Niemeyer pôde, enfim, se libertar de qualquer amarra (por vezes, até mesmo das restrições orçamentárias) e aproveitou a oportunidade única que se apresentava para o exercício da criatividade⁴.

Há cerca de duas dezenas de obras projetadas por Niemeyer para Brasília que contam com espelhos d'água. Alguns projetos, inclusive, não chegaram a ser edificados. Elaborei neste texto um inventário (o qual não imagino como exaustivo) tentando apresentar, assim, um panorama de seus projetos para a cidade. As datas de elaboração dos projetos apresentados neste artigo foram obtidas na página oficial dedicada ao legado do arquiteto⁵.

Como não encontrei na literatura uma classificação tipológica específica para espelhos d'água, decidi pela criação de minhas próprias categorias. O critério adotado foi classificar as lâminas de água por sua posição em relação à edificação. Vale ressaltar, antes que minha classificação seja contestada ou virtualmente aniquilada pelos leitores arquitetos desta publicação, que apesar de ser um engenheiro civil de formação, minha área de atuação e doutoramento é o Ensino de Física, em particular as interações entre o ensino dessa disciplina e as Artes – entre as quais, lógico, a Arquitetura. Assim, ficarei feliz em receber as inconsistências que apenas o olhar de um especialista pode detectar.

ESPELHO D'ÁGUA CONTÍGUO FRONTAL PARCIAL

Nessas edificações, a lâmina de água é contínua à fachada (ou a distância entre a fachada e a lâmina pode ser desprezada), mas não a protege como um todo. Nessa categoria, estão incluídos o Palácio da Alvorada (1957), a pequena lâmina à frente da escultura do rosto de Juscelino no Museu Histórico de Brasília (1958) na Praça dos Três Poderes e os dois espelhos do Memorial JK (1980). Em particular, vale notar que o espelho d'água à frente da fachada leste do Memorial JK foi construído em quatro níveis, ou seja, há quatro lâminas de água, as quais foram dispostas em degraus.



3 Frampton, K. (2010) *O destino de Brasília*. In: Xavier, A.; Katinsky, J. (org.) (2012) *Brasília: antologia crítica*. São Paulo, Cosac Naify, 1ª ed., pp. 434-441.

4 Lemos, C. (1980) *O que é arquitetura*. São Paulo, Brasiliense, 1ª ed., p. 75.

5 www.niemeyer.org.br

ESPELHO D'ÁGUA CONTÍGUO FRONTAL E LATERAL

Nessa categoria, estão incluídas as obras em que o espelho d'água reveste duas fachadas em ângulo reto. Observa-se tal tipologia no Palácio do Planalto (1958) e no Palácio da Justiça (1962). No caso da sede do Executivo federal, o espelho foi adicionado em 1991, após um curioso caso de colisão de um veículo contra o edifício. Já no caso da sede do Ministério da Justiça, a lâmina só funciona como espelho d'água quando as monumentais cascatas artificiais da fachada estão desligadas.

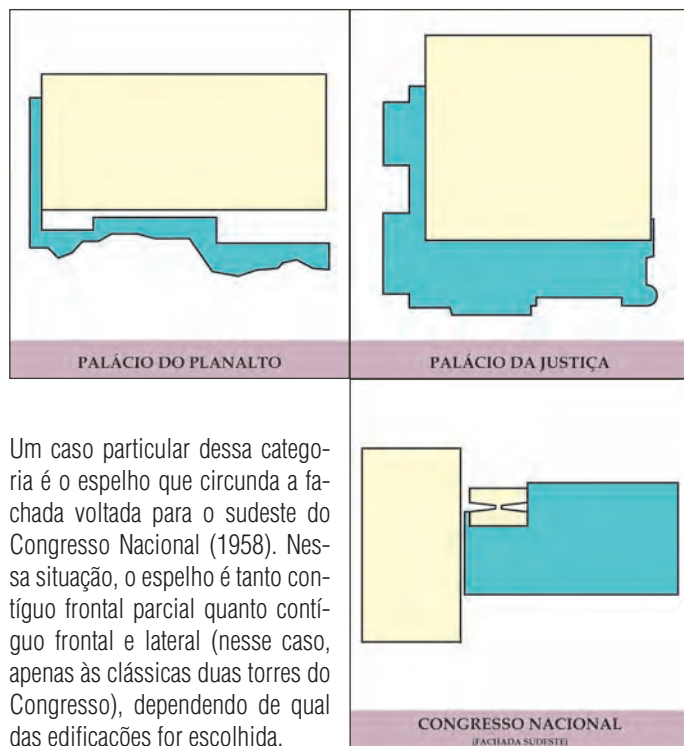


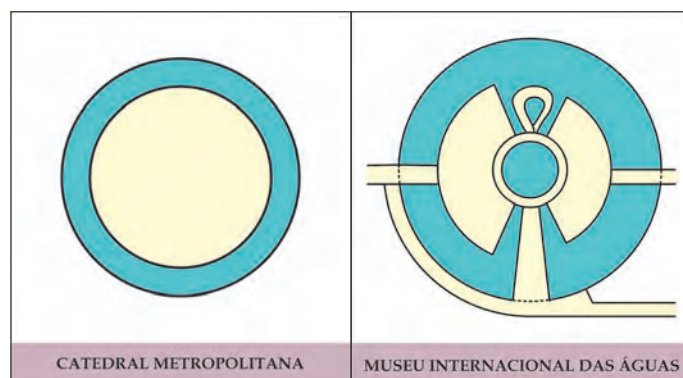
Foto: Arquivo Público



ESPELHO D'ÁGUA ENVOLVENTE CONCÊNTRICO

Essa tipologia foi usada por Niemeyer apenas nas suas obras brasileiras cuja planta é circular. Esse é o caso da Catedral de Brasília (1957), da Torre de TV digital (2008) e de várias obras não edificadas, tais como o Museu Internacional das Águas (2003) e o Memorial João Goulart (data do projeto indefinida).

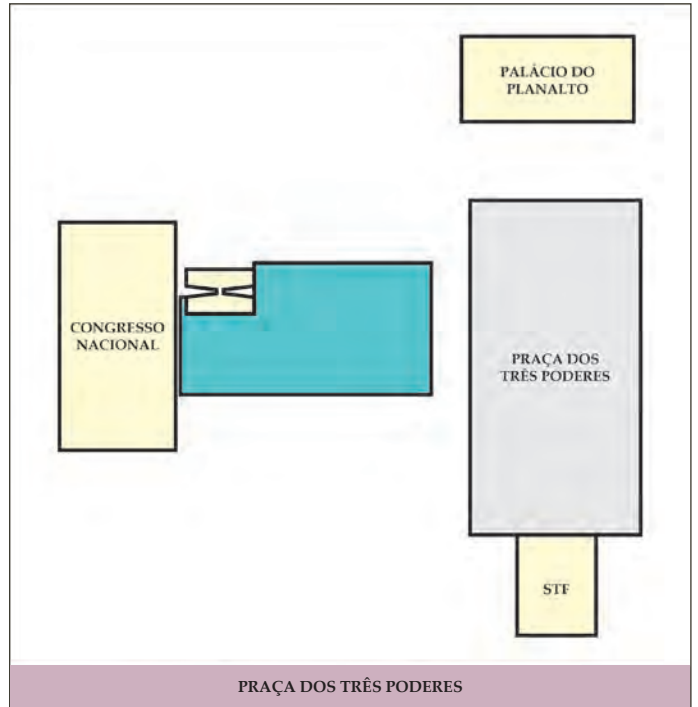
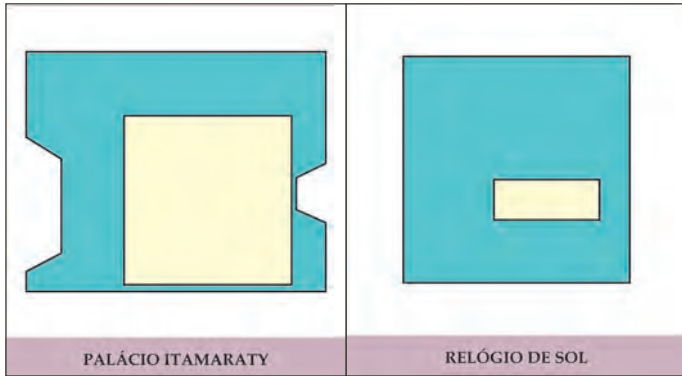
Também incluí nessa categoria um dos projetos iniciais para o Museu de Arte Moderna de Brasília (1997) – o qual, à época, fazia parte do Complexo Cultural da República João Herculino, que não foi edificado. Para esse museu, Niemeyer concebeu uma cúpula hemisférica de 90 metros de diâmetro, a qual repousaria no centro de um espelho d'água envolvente.



ESPELHO D'ÁGUA ENVOLVENTE NÃO CONCÊNTRICO

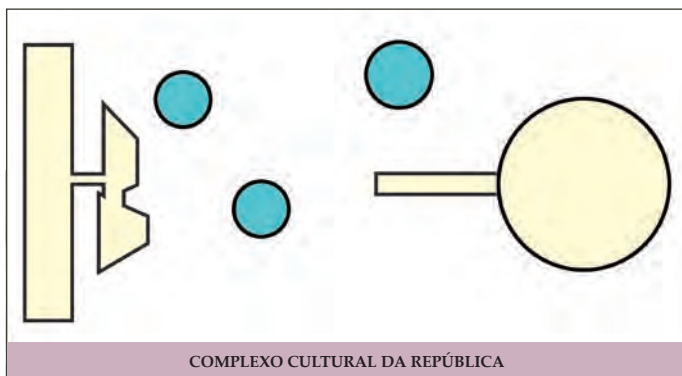
Assim como na categoria anterior, a lâmina de água protege todas as fachadas da edificação, mas a mesma não se encontra centralizada no espelho. Esse é o caso do magnífico Palácio Itamaraty (1962), cujo espelho inclui o paisagismo exuberante de Burle Marx, e também do Relógio de Sol do Parque da Cidade (1987).

Na realidade, entendo que esse e tipo de configuração pode ser estendida a outras das lâminas de água já citadas. Por exemplo, o grande espelho da fachada sudeste do Congresso Nacional também gera imagens refletidas dos outros edifícios da Praça dos Três Poderes (Palácio do Planalto, Superior Tribunal Federal e Panteão), dependendo da localização do obser-



ESPELHO D'ÁGUA NÃO CONTÍGUO AO EDIFÍCIO

Nessa tipologia, a lâmina de água está implantada distante da edificação. A principal aplicação dessa configuração está no Complexo Cultural da República (1999), onde foram implantados três grandes espelhos d'água circulares entre o Museu Nacional da República (em formato hemisférico, remanescente dos projetos iniciais para o museu) e a Biblioteca Nacional, em formato prismático.



vador. O mesmo acontece no espelho d'água que circunda o Palácio Itamaraty, o qual permite a observação de imagens refletidas do Ministério da Saúde ou do Congresso Nacional. A meu ver, essas possibilidades de múltiplas imagens refletidas mostram o quanto Niemeyer tinha uma preocupação com o todo do espaço urbano, não se concentrando apenas em uma edificação em si.



ESPELHO D'ÁGUA INTERNO

Nessa categoria, estão os edifícios nos quais a lâmina de água foi construída no térreo da própria edificação, sendo a mesma recoberta total ou parcialmente por uma laje pertencente ao edifício. O principal exemplo dessa classificação é o Superior Tribunal de Justiça (1989), mas também seria possível incluir aqui o espelho interno do Museu Internacional das Águas (não edificado).

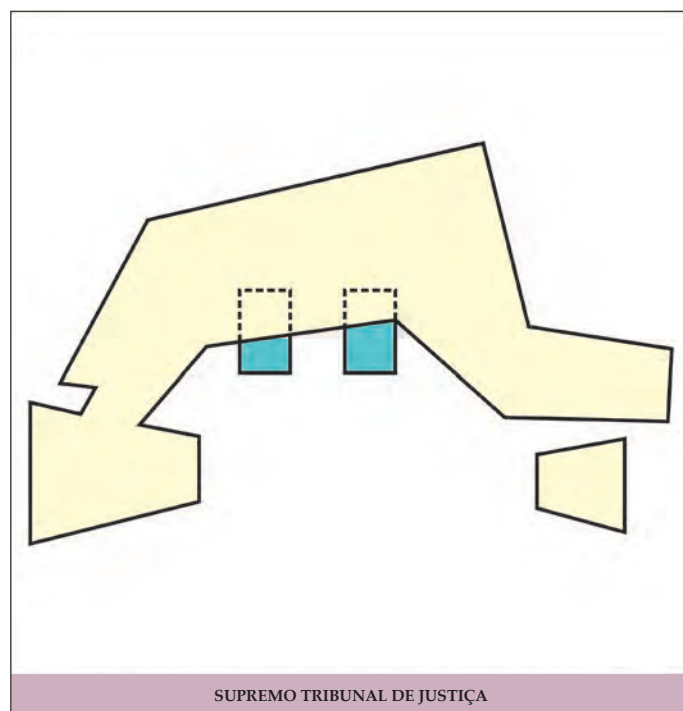


Foto: Arquivo Público



Classificar ou categorizar entidades diferentes é, em geral, uma das primeiras etapas de um processo de racionalização na ciência.

Dessa forma, espero que, ao encerrar este texto, o leitor o tenha percebido como uma nova leitura possível sobre a arquitetura de Brasília, uma cidade singular na literatura acadêmica. Mesmo antes da construção da capital, já havia uma polarização feroz entre defensores e críticos do seu projeto urbanístico, de seus monumentos e de suas pretensões sociais.

A leitura de alguns artigos da antologia elaborada por Xavier e Katinsky⁶ por ocasião do cinquentenário da cidade, em 2010, assim o demonstra: as mazelas da metrópole vêm sendo ressaltadas na literatura com tanta veemência quanto seus triunfos, desde seu momento de concepção urbanística, nos anos 1950. As discussões sobre seu plano urbanístico e sua arquitetura não são restritas a tais campos de pesquisa, e tendem a assumir um caráter interdisciplinar.

Acreditamos que este trabalho, ao apresentar uma nova maneira para se interpretar elementos da cidade, contribui para o caráter holístico do pensamento crítico sobre a capital brasileira. ●

6 Xavier, A.; Katinsky, J. (org.) (2012) *Brasília: antologia crítica*. São Paulo, Cosac Naify, 1a ed.



FREDERICO FLÓSCULO

● PATRIMÔNIO BRASÍLIA

CURSO PARA GOVERNADORES

A sucessão de governadores do Distrito Federal já diz muito do caráter do eleitor brasileiro: temos tentado. Examinem, um a um, e tirem as suas conclusões. As conclusões que tiro aqui são devastadoras. Temos tentado, mas não temos aprendido a evitar os histriões, os mentirosos, os propagadores de falsas promessas, os incapazes de cumpri-las. Parece inevitável que o próximo governador aja como se desconhecesse o Distrito Federal, seu papel histórico (não falo de “vocação”, mas de papel histórico mesmo, como sede da capital da República).

Acredito que deveríamos ter um “Curso para Governadores”, preparatório para o exercício do cargo. Ao final do curso, provas com direito a notas numéricas, nos diversos campos de responsabilidade do Governo do Distrito Federal: saúde... educação... segurança... sustentabilidade ambiental... economia... administração pública... cidadania... história!

Essas notas numéricas de cada candidato, claro, não implicariam o seu impedimento, mas, “apenas”, enunciariam a sua (des)qualificação. Todos saberiam o que o candidato sabe e o que não sabe, de antemão. Não nos espantaríamos com a grossa ignorância que a maioria demonstra sobre Brasília, capital da República, Patrimônio Cultural da Humanidade – e Cidade Cerratina, epicentro da maior devastação ambiental em uma única unidade da Federação.

Foto: Agência Brasília



Um curso desses não privilegiaria “acadêmicos”: já tivemos um governador que foi reitor da UnB e representou imensa decepção administrativa e política. Um reitor que se revelou governador imaturo e ignorante – e que não deixou sua marca sequer na ciência, na tecnologia, na preservação. Foi salvo por seu secretário da Educação (criador da Bolsa Escola) e pelo diretor do Detran (o homem das Faixas de Pedestres). A lista de impropriedades facilmente evitáveis por esse magnífico governador e pelos demais, contudo, é imensa, e nunca é examinada. Continuamos, no GDF, às escuras.

O TESTE DO CARRINHO DE PIPOCA

Em 1998, quando da sucessão do governador reitor, eu imaginei um “Teste Definitivo para o Cargo de Governador do DF”. Consistia numa prova mínima de atenção e competência. A cada candidato seria dada uma carrocinha de pipoca (dessas ambulantes, às antigas, com janelinhas de vidro que mostram os borbotões da pipoca branquinha).

Teriam uma semana para sair pela cidade, conquistar eleitorado e, evidentemente, vender pipoca. O candidato deveria demonstrar a sua capacidade de (a) fazer pipoca consumível, sem queimar, sem grãos duros e crus ao final; (b) fazer pequenos cálculos e passar o troco certo, tudo isso como muita higiene, enquanto enchia os saquinhos sem derramar (importante); (c) não perder a carrocinha, em hipótese alguma (exigência associada à de “jamais terceirizar o trabalho que tem que fazer”).

Caso o candidato PERDESSE o carrinho – totalmente, sem saber explicar onde e como o perdeu, e quando –, também seria excluído da corrida eleitoral. Essa cláusula foi pensada em homenagem ao governador reitor. Eu tinha a certeza de que perderia a carrocinha ainda no primeiro dia de prova pipoqueira, tal o aturimento e arrogância de seu estilo de governo.

Caso o candidato NÃO PERDESSE o carrinho e, ainda por cima, vendesse pipocas, decentemente, ganhasse algum dinheiro, servisse ao público nessa produtiva tarefa: mereceria a homenagem do Tribunal Eleitoral pela incrível façanha. Candidatíssimo, do tipo Magnífico Emérito.

Se, por outras razões, perdesse o mandato não perderia o meio de vida. A tese essencial continuaria: há políticos que jamais passariam no Teste do Carrinho de Pipocas. Nunca trabalharam, nem aprenderiam a trabalhar, jamais. Por isso essa sucessão de governantes que não param de aumentar a imensa “bola de neve” de problemas distritais. Nada resolvem direito. Meia-boca, sempre, de governo a governo.

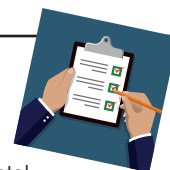
UMA PROVA DE VERDADE

Um bom Curso para Governadores deveria impedir que os governantes se comportassem de modo tolo, imprudente, desavisado, anticientífico, negacionista, estúpido, contraproducente, desastroso.

Penso em governantes que seriam contratados por pessoas realmente exigentes, para gerir negócios de GRANDE RESPONSABILIDADE. E que responsabilidade maior poderia haver que a de operar o Estado?

Governar e trabalhar por políticas públicas fundamentais para o desenvolvimento humano de TODA a população, para a sua saúde, sua educação, sua segurança, sua mobilidade, sua renda, sua habitação? Veja se você acerta alguma destas questões a seguir:

Assinale a alternativa correta:



QUESTÃO 1: SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

- Não existem limites para a sustentabilidade ambiental.
- A sustentabilidade ambiental não pode condicionar a iniciativa econômica.
- A sustentabilidade ambiental é quimera sem fundamento científico.
- Nenhuma das alternativas.

QUESTÃO 2: A CAPITAL DA REPÚBLICA

- O status de Capital da República implica sérias diferenciações nas políticas públicas do Distrito Federal.
- Ser capital da República nada tem a ver com ser Patrimônio Cultural da Humanidade.
- A Autonomia Política consignada pela Constituição de 1988 tornou o Governo Federal sem responsabilidades sobre o DF.
- Nenhuma das alternativas.

QUESTÃO 3: O ENTORNO

- Os municípios goianos, mineiros e baianos do Entorno do DF são puro estorvo e fonte de problemas.
- O Entorno do DF é de responsabilidade dos governos estaduais respectivos (Goiás, Minas Gerais, Bahia).
- O Distrito Federal não foi criado para impulsionar o desenvolvimento da região sob sua influência.
- Nenhuma das alternativas.

QUESTÃO 4: PRESERVAÇÃO DO CUB (Conjunto Urbanístico de Brasília)

- Não devemos engessar a cidade, ao contrário: ela deve responder com rapidez às demandas do mercado e do desenvolvimento.
- A preservação do CUB somente interessa a grupos economicamente inexpressivos que tentam impor os seus valores à nossa progressista sociedade brasileira.
- A preservação do CUB é dinâmica e deve ser administrada pelos representantes das forças políticas e econômicas locais.
- Nenhuma das alternativas.

QUESTÃO 5: LAGO PARANOÁ

- Não há contradição alguma em poluirmos o Lago Paranoá e, simultaneamente, bebermos suas águas.
- O Lago Paranoá é do povo e deve ter suas margens inteiramente liberadas para o usufruto pela população.
- O Lago Paranoá deve ser administrado pelas autoridades ambientais locais, de forma a equilibrar preservação e utilização pública.
- Nenhuma das alternativas.

Como você responde a essas cinco questões? Que novas e provocantes questões você proporá? Pensamos em muitas mais, mas são assunto para um bom Curso para Governadores do DF... Talvez para um bom curso para todos nós, brasilienses. Se nossos governantes parecem não ter conhecimento, nem limites, devemos exigir que tenham. A cidadania evolui com o conhecimento de sua realidade. Os governantes devem ser os melhores, quanto a esse conhecimento – ou jamais progrediremos? ●

OBS: O “gabarito” de respostas a essas questões deverá ser publicado nas próximas eleições – ou quando o curso for compreendido como necessário.



ANDRÉ BERÇOTT

● HISTÓRIA DE BRASÍLIA

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: BRASÍLIA EM CONTEXTO

Ao falarmos da História como Ciência, logo vem à nossa mente um apanhado de fatos, muitos dos quais aprendemos na escola, através de datas, personagens e um emaranhado de detalhes que no fundo nada acrescentam no nosso dia a dia. Na verdade, a História em seu conceito mais primário foi nos ensinada de forma equivocada. Aprendermos a História vai muito além do fato puro e simplesmente, significa termos a chance de criarmos um parâmetro de comparação para desenvolvermos o nosso senso crítico. Senso este fundamental para muitas de nossas tomadas de decisões.

Durante muito tempo a construção de um processo historiográfico era basicamente realizado através de dados oficiais, sem levar em consideração todo o ambiente envolvido. Assim foi durante séculos, em que a história trabalhava de forma singular, sem a presença de outras disciplinas no processo.

No início do século XX, surgiu na França um movimento que propôs uma mudança de paradigma na História. Esse movimento é a Escola dos Annales, e teve como desafio trazer outras áreas da ciência para construção de um novo modelo historiográfico.

Com a entrada da Antropologia, da Sociologia, da Arquitetura, da Psicologia, dentre outras áreas da ciência, a história tornou-se plural, ganhando uma nova personalidade. O processo historiográfico ganhou um novo modelo, passando a contemplar fontes não oficiais.



Foto: Arquivo Público

Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

Antes desse momento, a história atinha-se apenas a buscar fontes escritas, na sua totalidade fornecida por instituições, órgãos públicos, cartórios, dentre outros.

No novo modelo de historiografia, novas fontes passaram a ser incorporadas pelos historiadores. Dessas novas fontes podemos destacar a história oral. Até então a oralidade era utilizada pela Antropologia, que se utilizava das entre-

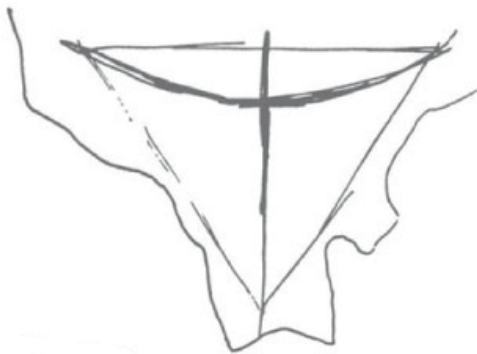
vistas para analisar grupos sociais, e pode ser de grande utilidade no resgate de memória coletiva, sendo um método com grande eficiência para diferentes áreas do conhecimento. (MATOS e DE SENNA 2011)

Seguindo essa tendência podemos então concluir que com a entrada de novas fontes de pesquisa, novas interpretações sobre determinados fatos surgirão, pos-

sibilitando novos debates e reflexões. Como Le Goff disse, a história é uma arte liberal, e portanto, a união entre a memória e a imaginação é válida.¹

Aliado com a história oral, existe algo muito importante no processo historiográfico, que é o tempo histórico. Na composição do tempo histórico existem vários elementos os quais muitas vezes não observamos. Dentre eles podemos destacar o envolvimento emocional do pesquisador, o surgimento de novas gerações com percepções do todo de forma diferenciada que influenciam de forma direta na construção de uma pesquisa histórica.

O tempo entre o fato histórico e a produção de uma pesquisa é determinante no resultado final da mesma. Nesse contexto, o historiador Mark Blundell defende que a utilização da história oral é limitada quanto ao tempo histórico, pois as entrevistas, para terem credibilidade, são realizadas com pessoas que vivenciaram o fato. Entretanto, é fato sabido que para uma maior isenção do pesquisador há a necessidade do tempo histórico. Então, há um paradoxo na utilização desse tipo de fonte no processo de construção historiográfica? Brundell não deixa de ter razão quanto ao argumento da credibilidade, porém, com os recursos tecnológicos atuais, essas fontes podem ser arquivadas por um longo período, quando preservadas de forma adequada, possibilitando a sua utilização pelos pesquisadores em diferentes épocas. O que aqui importa é a forma



como é utilizada a fonte pelo pesquisador, fazendo com que a oralidade seja interpretada de múltiplas formas ao longo do tempo.

Você, caro leitor, pode estar se perguntando: onde Brasília entra nisso tudo? Esta breve introdução teve como objetivo trazer, mesmo que de forma sintética, uma breve explicação sobre o processo de construção de uma pesquisa histórica, para que possamos fazer uma reflexão sobre a história da capital do nosso país.

Na verdade, o processo de construção historiográfica de Brasília tem apresentado diversas interpretações ao longo dos seus 61 anos. Dentro da ideia de que a nossa cidade foi construída através de um processo no qual envolveu a sociedade brasileira de forma ampla, e portanto, as possibilidades de pesquisa são diversas. Cabe aqui destacar que uma visão historiográfica mais diversa, com a ex-

ploração de temas em outras áreas do conhecimento, é um assunto mais recente, e portanto, pesquisas mais específicas têm adquirido pouca notoriedade.

Percebe-se que ainda estamos presos a uma história oficial mais glamourosa, onde as personalidades são evidenciadas, dando pouco destaque às pesquisas coletivas. Falamos muito de JK, Bernardo Sayão, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, dentre outros, deixando pouco espaço para o coletivo. Não fica difícil encontrarmos obras com esse tipo de abordagem. Como exemplo temos o livro *A História de Brasília*, de Ernesto Silva, que aborda a origem da nossa cidade de forma romântica, enaltecendo o feito dos grandes idealizadores. O objetivo deste texto não é julgar se é certo ou errado romantizar a origem da capital, e sim apresentar o potencial da construção histórica do nosso processo, até porque não

levar em consideração esse lado é o mesmo que negar a existência dela.

Fora as versões mais clássicas da nossa história, existem outras abordagens, tais como os filmes *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do cineasta Wladimir Carvalho, que conta a construção da cidade sob a ótica da luta de classes e da desigualdade; e o *Baton e Poeira*, da também cineasta Tânia Fontenelle, que fala sobre a participação das mulheres no processo de construção e ocupação da cidade de Brasília, através de depoimentos de pioneiras que vivenciaram esse processo. Aqui cabe uma ressalva pelo fato de que, apesar de ambas as obras trazerem temas diferentes do habitual, elas mantiveram uma abordagem em que o lado emocional prevaleceu sobre a narrativa. Enquanto o primeiro foi pelo lado do rancor, o outro foi pela linha romantizada.

Portanto, buscar interpretar a história de Brasília da forma mais isenta possível, com a predominância do lado racional sobre o emocional, é o grande desafio. Vale destacar o fato de sermos de uma das gerações que ainda respira a origem da cidade, logo, apesar de com menos intensidade, ainda deixamos a emoção prevalecer sobre a razão.

Por fim, apesar de tudo isso que foi dito, uma coisa é certa: Brasília nunca vai deixar de ser a cidade monumental pela sua grandeza; imponente pela sua arquitetura; e resiliente pelo seu povo, assunto que trarei nas próximas edições da *Revista 15.47*, contando um pouco da sua história, através das Regiões Administrativas (RAs), cidades que sustentam a vitalidade da capital de todos os brasileiros. ●



Foto: Arquivo Público do Distrito Federal



LEONARDO BRANT

● CONVIDADO

CARTA A VERA BRANT

ABRIL DE 2021

Tia,

Quando eu escrevia algo pra você e te enviava, ninguém lia além de nós dois, por isso perdoe algum toque de formalidade e maturidade, pois pra eu escrever pra você é necessário trazer a criança Leonardo, que como toda criança é imatura, extremamente sincera, informal e ingênua, mas a idade tenta escondê-la. Não havia também preocupação em resumir tudo que sinto por você em palavras, pois pra mim você sempre estaria ali junto a mim em espírito, carne e osso. Agora você é luz e parte desta luz habita o meu ser. Tem muita gente lendo um pouco da nossa intimidade!

Resolvi então deixar pra falar mais sobre como anda este planeta e como eu ando nele, afinal quero enviar notícias de como vejo o mundo e como me sinto nele. Minha escrita não pretende ser para te pedir algo, pra reclamar de algo ou pra me lamentar, como nós filhos costumamos fazer com os pais, esquecendo-se de que um dia iríamos lamentar não ter dito só coisas bonitas e só levar notícias alegres. Quando jovens achamos que tudo é eterno e que a palavra perda não está em nosso dicionário pessoal.

Porém, não posso te escrever só pra contar coisas boas. Eu te conheço bem e você não se orgulharia de mim se meu relato deixasse a realidade utópica reinar, assim vamos a ele com doçura e amargura tendo meu toque de percepção e sensibilidade como guia.



O colapso do planeta e dos seres vivos que o habitam nunca esteve tão próximo, desde que o ser humano começou a andar por aqui. A coisa está feia? Muito mais do que isso, está horrorosa. Novidade? Nenhuma! Como você dizia: Tudo tem limite! O podre da sociedade estava sendo amordaçado e mandado pro porão, que mais parece um calabouço, e o vigia desse porão não conseguiu mais manter o cadeado lacrado, porque o local ficou pequeno pra tanta podridão. Agora, os que estavam lá tentam é enviar o amor livre e a própria liberdade pro porão, mas tudo se move e tudo faz parte da grande evolução tão esperada de nossa sociedade. Não é fingindo que o mal não está enraizado na sociedade que alcançaremos esta tão

esperada evolução, acredito que expondo ele verdadeiramente é que ele será vencido. Portanto, pessimismo não soará meu relato, esta situação é interpretada por mim como necessária para um propósito maior.

O leste continua, em sua maioria, abraçado ao radicalismo e campo minado de pólvora. Já o "West" continua amando bang bang, e amando mais a economia do que os seres vivos e o próprio planeta, pois a natureza vem sendo devastada sem piedade, os ingênuos animais dizimados e maltratados, o ser humano continua achando que é o centro do universo e o egoísmo e o interesse imperam nas mentes e corações. O pior é que ambos os lados do planeta têm absorvido mais coi-



sas ruins do que boas um do outro. Eu aqui escutando agora Elis Regina, que você amava, e te escrevendo pra nossa sintonia eclodir e me inspirar.

A terceira grande guerra econômica já começou e a de armas é o grande desejo de muitos, e pra ter lucro, favorecimento e poder as almas vão sendo negociadas. O nacionalismo e o civismo vão se tornando vergonhosamente sinônimo de xenofobia e antônimo de diversidade, liberdade, fraternidade e amor.

O nosso Brasil entre idas e vindas, com inúmeros atropelos, caminha. O sonho seu e de tantos outros de que o Brasil é o país do futuro ainda tem chama, apesar de tanto temporal, mas não daqueles lindos produzidos pela natureza e que você chamava de toró, são temporais de lágrimas, que deixam marcas profundas. As ideologias política e religiosa dos radicais estão dividindo os corações e as almas. A intolerância está decerto em patamares assustadores e preocupantes. A nossa sorte é que hoje são um pouco freadas pela nossa Constituição, escrita por políticos ansiosos por liberdade e cheios de esperança e sonhos, depois de anos de falta de liberdade. Apesar de um pouco utópica e vulnerável e de boas a más interpretações da Constituição, ela vem nos salvando. Os políticos que você detestava pioraram, os que você gostava estão tímidos ou reprimidos e alguns deles decepcionam. O povo e os amigos se revelam pro bem e pro mal. Navegar sem ferir e sem se calar neste caminho é o grande desafio meu e de todos os que sonham com melhores tempos vindos.

O sonho de JK, seu e de tantos sobre a nossa Brasília se realizou! Tudo bem que não totalmente, ainda longe disso, mas Brasília é uma grande e orgulhosa capital de todos os brasileiros, apesar de alguns aventureiros mal-intencionados que tentam descaracterizá-la e vivem a criticá-la, ou a elogiá-la com intenções escusas. Brasília hoje é a terceira maior cidade do Brasil, com

mais de três milhões de habitantes, sua construção vem ajudando a desenvolver enormemente todo o Centro-Oeste e o interior do país, assim como queria JK, seu eterno amigo e conterrâneo. São 61 anos de capital que eu e você comemoramos com essa carta em homenagem a você, que tanto fez por mim, pela humanidade, pelo país, por esta cidade, pela família, por seus amigos e pelos animais. Você, professora, humanista, educadora, escritora, amiga, principalmente das horas difíceis das pessoas, um ser humano da melhor qualidade.

Nossa linda casa está abandonada, infelizmente não fui capaz de torná-la um instituto educativo cultural para a sociedade, mas da janela do meu quarto eu ainda olho pra ela com muito orgulho e nos vejo ali em um passado que jamais voltará. O mundo anda pra frente, assim como deve ser! A nostalgia tem limite também.

Eu venho conseguindo trabalhar para desenvolver o turismo no Brasil, por vezes na esfera acadêmica, governamental e privada, trabalhando às vezes no planejamento nacional e distrital e na recepção de turistas na nossa amada Brasília, o que muito me orgulha, especialmente sendo professor universitário na faculdade UPIS, que sempre acolheu este doido, e assim venho ajudando a formar líderes e pensadores do turismo brasileiro e tentando tornar meus alunos pessoas melhores. Na parte acadêmica eu também vou seguindo seus passos de educadora que é, sendo uma das fundadoras da UnB, de mãos dadas com o grande educador Darcy Ribeiro, seu inseparável amigo que te chamava carinhosamente de Verinha, às vezes Veroca.

Seus demais dois sobrinhos/filhos, Tico e Celso, que são meus irmãos, "fizeram" lindos e amorosos seis filhos, Rafael, Bernardo, Gabriel, Guilherme, Filipe e Maria Alice. Agora você já é bisavó e eu tio-avô, que absurdo! O tempo voa. Ela se chamava Catarina. Bom, já eu tenho

dois filhos, e como sempre são cachorros, Nick e Laika, pois este planeta já tem gente de mais pra meu gosto. Meus outros filhos cães estão aí com você. A partida do Trotsky quebrou meu coração, desmonei em lágrimas, mas sei que ele está bem aí com vocês. Sei que você também tem todos os meus filhos cachorros como netos. Todos seus netos tentando se encontrar e ser alguém na vida e deixar algo válido pro mundo, como deve ser. Só isso deve ser motivo de orgulho para mim, que sou tio, e decerto pra você, que é avó. Todos seus irmãos agora estão com você aí, o último a ir foi meu pai, que não conseguiu superar a paternidade "Verabrantina" repassada por você a mim, mas também, coitado, essa era uma competição ou missão impossível.

Em cada frase que escrevo aqui você fica sabendo um pouco de mim, a partir de como vejo, sinto e interpreto o mundo, e é o que estou sendo agora. A minha loucura maior, entre tantas, talvez seja aquela da minha infância, quando fui a primeira vez assistir a uma aula na tradicional escola classe da SQS 305 sul. No meu primeiro dia de aula no pré-primário a professora perguntou para a turma se algum de nós sabia fazer algo diferente! Eu levantei a mãozinha e o dedinho de criança e falei alto: Eu sei! Pronto, aquele menininho levado inocente e aparentemente desinibido que fui e ainda tenho dentro de mim teve que ir à frente da sala e mostrar o que eu sabia pra turma e pra professora. Não tive dúvidas, abri os bracinhos e cantei: EU TE DAREI AMOR, EU TE DAREI AMOR, EU TE DAREI AMOR.... Assim como Moacir Franco cantava e interpretava, e eu assistindo TV em preto e branco o imitava. A professora não satisfeita, ou muito empolgada, me levou pra um palco no recreio e tive que cantar pra escola toda. Lembre-me disso como se fosse hoje, pois essas coisas marcam e esta tem sido minha tentativa neste mundo. O universo sempre me retribui.

Você que é minha professora do amor sabe que vale a pena né! É,

vale a pena, as decepções nunca dão de me piorar, sempre me fizeram melhorar e crescer. Cada vez mais acredito no amor, até porque as alegrias no amor sempre foram e são infinitamente maiores. Sem perda o amor não ensinaria sua profundidade e as conquistas perderiam parte de seu brilho...

Eu vejo, sinto e me entristeço com pessoas e ideologias que querem aprisionar e até mutilar o amor. Perfuram profundamente os sentimentos e constroem castelos de mágoas, feridas e rancor. Julgam o sentimento alheio, por intolerância e covardia. Orgulho-me de sempre ter deixado meus sentimentos se harmonizarem com a razão, custando o que fosse. Continuo intenso.

Vera, sobre nossa amada Brasília tenho ainda que lhe dizer que alguns vêm tentando até hoje descaracterizar nossa capital, não conservando o patrimônio, não respeitando os títulos formais e informais que a cidade possui, dentre eles: Capital do Brasil, Patrimônio Cultural da Humanidade, Cidade do Design, Capital do Rock, Capital de todos os Brasileiros, e o que mais gosto: Capital da Esperança. Eu como discípulo seu vou continuar lutando e trabalhando pela conservação e promoção de nossa cidade em todas as esferas, em especial no turismo e na cultura. Atualmente faço parte de um grupo chamado Guardiões de Brasília, tendo entre seus integrantes filhos de pioneiros de Brasília, todos comprometidos e superqualificados, que defendem nossa cidade fervorosamente de investidas contra seu modelo referência em arquitetura moderna e modelo de planejamento urbano que não pode e não deve ser descaracterizado. Em um momento crítico do país, onde as agressões a tudo e a todos estão se tornando comuns e ainda estamos vivendo sob o medo da pandemia que assola o mundo e o Brasil, ceifando inúmeras vidas, não podemos baixar a guarda e sempre impedir que agridam nossa amada

capital. Estou lutando para resgatar os valores desta cidade.

Um velho amigo meu que é músico e se chama Philippe Seabra me apresentou um projeto para resgatar o rock da cidade, que é tombado por lei distrital como valor imaterial da cidade, e eu estou ajudando ele como consultor, com a colaboração de amigos consultores, na formatação e adequação para o turismo, e o projeto vem sendo executado pela faculdade UPIS – Departamento de Turismo, com apoio também da SETUR-DF. O projeto cria o roteiro do rock, mapeando e marcando os pontos onde as bandas de rock da cidade se apresentaram ou foram criadas. Este projeto visa também comemorar o Bicentenário da Independência do Brasil e o Centenário da Semana de Arte Moderna, ambos eventos cívico-culturais que ocorrerão em 2022. O projeto pretende ainda que seja criado futuramente o Museu do Rock em nossa amada Brasília, capital do rock nacional, e que sejam executadas outras ações contínuas em prol desse importantíssimo estilo musical, que Brasília sempre se destacou no cenário nacional.

Assim vou me despedindo por hora, pois esta carta tá virando livro, mesmo sabendo e desejando te contar inúmeras outras coisas. Na certeza de que você já a está lendo e na lembrança de seu ensinamento quando escreveu uma carta para JK após a partida dele lá em 1976.

Lembre-se de que sempre defenderei nossa cidade e não deixarei que o seu legado em defesa da cidade e da cultura sejam esquecidos e, principalmente, buscarei sempre que seus ensinamentos, como professora do amor, seja derramado nos corações das pessoas, mesmo que seja por este eterno aprendiz.

Eternas saudades e beijos no seu enorme coração e para a querida Tia Cida, Tio Hélio, Tia Elza, Pai e todos os nossos aí. Amo vocês perdidamente.

LEONARDO BRANT



ANGELO ARRUDA

● CONVIDADO

O SIGNIFICADO DE BRASÍLIA

Quando o Presidente JK resolveu construir uma nova capital do Brasil, certamente já tinha lido sobre as ideias de Dom Bosco ou até alguém levou para ele as propostas de Carmen Portinho nos anos 1930 em seu projeto de engenharia e urbanismo. O que de fato ocorreu é que a decisão de JK passa a dominar os assuntos dos meios político, acadêmico, social, cultural e por que não dizer arquitetônico daqueles tempos da década de 1950.

Brasília é a conjugação de diversos olhares: interiorizar o Brasil; equilibrar o poder político muito centralizado no Rio de Janeiro; avançar nas questões de infraestrutura, provocando a engenharia brasileira e, para nós, arquitetos e urbanistas, foi a grande oportunidade de colocarmos as ideias modernistas em prática. Claro que, em 1957, quando tudo estava começando eu estava nascendo. Portanto essa história merece ser contada pela sua intencionalidade.

Brasília não é uma cidade qualquer. É um exemplo de um esforço entre governo, engenharia, urbanismo e a vontade de fazer algo que pudesse marcar o tempo. E JK fez isso com muita firmeza, determinação e contou com a excepcional qualidade dos profissionais brasileiros, com destaque para o papel de Lucio Costa com sua proposta que determinava um novo olhar sobre a cidade, mas sem surpresas para quem era estudioso do movimento moderno em urbanismo. Anos anteriores já se tinha feito muita coisa no mundo e no Brasil. Jorge Wilhelm já havia divulgado suas ideias que foram anos depois publicadas em livro — *Urbanismo no Subdesenvolvimento*. A matriz modernista era fácil de se projetar, mas difícil de compreender num país de formação colonial portuguesa, com suas esquinas, praças, centros de controle político, etc.

Mas ela nasceu, foi erguida em tempo recorde. E foi inaugurada em 1960, há 61 anos, e consolida com sua urbanização na região Cen-



Foto: Arquivo Público

tro- Oeste, que, junto com ela, explode anos depois. Mas a festa de inauguração não deixou todos satisfeitos. De um lado os cariocas, que perderam poder político, social e econômico; do outro lado, a própria classe operária. Eu tinha um poster com desenho do Oscar Niemeyer que comprei ainda estudante, nos anos 1977, que dizia: “Brasília se inaugura. A cidade está em festa. Onde estão nossos irmãos operários que tudo lhe deram e, em troca, nada receberam?”. Era um surdo protesto de um dos arquitetos autor de vários importantes prédios.

Mas a decisão de JK, além de ter sido, no tempo histórico, muito correta, a meu ver, foi decisiva para que seus novos habitantes passassem a frequentar os espaços de um urbanismo desconhecido para os brasileiros, as experiências nesses 60 anos são enormes. Ao longo desse período, a cidade se organiza, pessoas se mudam para lá, nascem os novos cidadãos e a cidade inicia sua formação definitiva, dando significado para seus moradores e os nascidos por lá.

“Eu não gosto de Brasília porque ela não tem esquinas.” Ouvi isso durante muito tempo. Em compensação, Djavan diz que nada é mais lindo do que o céu de Brasília.

O modernismo no urbanismo colocou em prática, com o projeto de Lucio Costa, a arquitetura de Oscar Niemeyer e de todos os envolvidos, um novo jeito de morar, recrear, trabalhar, viver, enfim.

Hoje, com seus 61 anos de inauguração, que será celebrado neste mês de abril, Brasília continua moderna, mostrando uma lição para todos nós. Quem faz a cidade são seus cidadãos, mas o bom desenho urbano ajuda e muito a fazer uma boa cidade para se viver. ●

ANGELO é arquiteto e urbanista, ex-presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA)



LUCIANO BRASILEIRO

● DIREITO

A QUESTÃO DA IMPENHORABILIDADE DE BEM DE FAMÍLIA DO FIADOR EM CONTRATOS DE LOCAÇÃO COMERCIAL

O contrato de locação comercial, ou contrato de locação não residencial, é regido pela Lei Federal 8.245, de 18 de outubro de 1991, que dispõe sobre as locações dos imóveis urbanos. A Lei Federal 8.009, de 29 de março de 1990, por seu turno, dispõe sobre a impenhorabilidade do bem de família.

Uma das garantias mais usuais no contrato de locação, quer residencial ou comercial, é aquela em que o locatário indica fiadores pessoas físicas, as quais vão responder solidariamente pelo contrato de locação, notadamente em caso de inadimplência do locatário. E como regra comercial, exige-se do locatário que apresente fiadores que sejam proprietários de imóveis.

Por outro lado, a legislação federal em vigor (Lei 8.009/90) assegura a impenhorabilidade do chamado bem de família. O bem de família, na exata definição do legislador infraconstitucional, é um único imóvel utilizado pelo casal ou pela entidade familiar para moradia permanente. Na hipótese de o casal, ou entidade familiar, ser possuidor de vários imóveis utilizados como residência, a impenhorabilidade recairá sobre o de menor valor, salvo se outro tiver sido registrado, para esse fim, no Registro de Imóveis e na forma do Código Civil.

Esse imóvel residencial próprio do casal, ou da entidade familiar, é impenhorável e não responde-

rá por qualquer tipo de dívida civil, comercial, fiscal, previdenciária ou de outra natureza, contraída pelos cônjuges ou pelos pais ou filhos que sejam seus proprietários e nele residam, salvo nas hipóteses previstas na referida lei.

No que nos interessa, o artigo 3º, inciso VII, da referida Lei 8.009/90, estabelece que a impenhorabilidade é oponível em qualquer processo de execução civil, fiscal, previdenciária, trabalhista ou de outra natureza, salvo se movido por obrigação decorrente de fiança concedida em contrato de locação.

Ou seja, em uma execução civil decorrente de inadimplência estabelecida em um contrato de locação, poderia haver a penhora de imóvel do fiador, independentemente de ser considerado bem de família.

O Supremo Tribunal Federal, em 2010, fixou tese em repercussão geral (Tese 295) neste exato sentido: “Esta Corte firmou entendimento no sentido da constitucionalidade da penhora sobre o bem de família do fiador, mesmo após a EC 26/2000.” (STF-RE 612360 – SP.) Naquele momento não se fazia qualquer distinção entre contrato residencial ou contrato comercial.

Entretanto, recente julgado do Supremo Tribunal Federal reabriu a discussão dos limites da penhora do chamado bem de família, quando aquele tribunal assen-

tou que o bem de família do fiador não pode ser penhorado em caso de contrato de locação comercial. Ou seja, uma clara mitigação à Tese 295 da Repercussão Geral do STF.

A decisão monocrática de relatoria da Ministra Cármen Lúcia (STF-RE 1.278.427 – SP) chamou a atenção da comunidade jurídica e do mercado imobiliário, talvez porque tenha citado diversos precedentes do Tribunal no mesmo sentido, sendo que a principal citação, de relatoria da Ministra Rosa Weber, chama a atenção pelo entendimento esposado em trecho da ementa:

“A dignidade da pessoa humana e a proteção à família exigem que se ponham ao abrigo da constrição e da alienação forçada determinados bens. É o que ocorre com o bem de família do fiador, destinado à sua moradia, cujo sacrifício não pode ser exigido a pretexto de satisfazer o crédito de locador de imóvel comercial ou de estimular a livre iniciativa.”

Portanto, sob esses dois pilares, **dignidade da pessoa humana e da proteção à família**, o Supremo Tribunal Federal vem mitigando a penhora de bem de família do fiador de contrato de locação comercial ou não residencial.

Todavia, penso que o Supremo Tribunal Federal ainda vai ter que

avançar sobre o tema. Isso porque existem muitos casos em que o locador comercial é uma pessoa física que depende daquela renda para compor uma aposentadoria, por exemplo.

Inúmeros profissionais liberais, viúvas e viúvos, entre outros, formam carteiras de imóveis residenciais e comerciais no transcorrer de suas vidas profissionais, para quando chegar o tempo de se aposentar, possuírem uma complementação de renda para a manutenção das suas despesas mensais.

Diante de um quadro de inadimplência do locador, onde o acionamento do fiador é inevitável, como ficaria o pagamento da dívida, caso o fiador possuir somente o imóvel bem de família? Como ficam, no caso, a dignidade da pessoa humana e a proteção à família dos proprietários pessoas físicas de imóveis comerciais?

Portanto, creio que o Supremo Tribunal Federal precisa avançar no tema, notadamente para afastar a impenhorabilidade de bem de família de fiador de contrato de locação comercial, quando o locador também for pessoa física e demonstrar que os alugueres provenientes daquele imóvel comercial complementam sua renda mensal. ●

Luciano Brasileiro de Oliveira
Advogado em Brasília –
luciano@brasileiro-oliveira.adv.br



MARIA HELENA COSTA

● SAÚDE E BEM-ESTAR

JOGO DOS ESPELHOS VOCÊ OUSARIA? OUSARÁ?

“A alegria não está nas coisas, está em nós.”

Richard Wagner

Refletimos sobre esperança recentemente. Agora acompanhemos os estudos sobre o modo como as pessoas reagem quanto ao pessimismo e otimismo, relativos a um determinado acontecimento e o impacto gerado nas suas vidas.

Será que as influências desde a infância levam a pessoa a agir do modo como aprendeu, praticou, alinhada à base psicológica gerada com a participação familiar?

Observamos pessoas com tão diferentes visões e perspectivas. Gêmeos idênticos fisicamente pensam de modo diferente sobre um mesmo assunto?

Uma mãe, em busca de fotografias de recém-nascidos, diz que perdeu todos os registros da época. Um dos gêmeos, Pedro, associa a perda à mudança de residência quando nasceram; o outro gêmeo, Carlos, acredita que foram adotados.

Carlos também pensa que Pedro, que nasceu primeiro, é o preferido da família e os acontecimentos ruins em sua vida se devem a essa preferência. Já Pedro tem visão da vida e perspectivas otimistas, mesmo quando por mau comportamento era castigado.

Estilos explanatórios, assim chamados estes comportamentos apresentados por Pedro e Carlos, com análise de fatos, com ponderação entre pontos positivos e aqueles que só conseguem enxergar pontos negativos, mesmo ao alcançar seus objetivos. Martin Seligman diz que constituem o



Foto: Filme "The Circus", Charlie Chaplin - 1928

modo como as pessoas explicam os reveses e fracassos.

Ao observar sua trajetória, olhar seus registros, suas fotografias, quais são os relatos que pode apresentar? O seu copo está meio cheio ou meio vazio?

“A vida inteira é uma experiência. E quanto mais experiências você fizer, melhor.”

Ralph Waldo Emerson

Aqui não nos referimos a jaleco branco, tubos de ensaio e gases perfeitos, mas à mente aberta aliada à capacidade de observar, perceber resultados e contemplar experiências por perspectivas diferentes, novas. Quais são, por exemplo, as suas percepções da natureza, do dia, das estações, do ar que respira? Se não perceber nada disso, siga em frente, me dê um voto de confiança.

Caminhava há pouco e me envolvia plenamente com o pôr do sol e refletia:

Quais são as nossas expressões mais frequentes? Verão, inverno, nascer do sol, chuva?

As nossas palavras ditas mais corriqueiramente? Há muito ouvi que palavras são naves, elas nos transportam. E assim, compreendo que tudo aquilo que manifestamos são naves – elas nos transportam para estados diferentes de humor, emoções, percepção de mundo, de unidade ou isolamento com aquilo que nos cerca.

E temos vivido essa carga gigantesca de angústia, medo, dúvida, raiva, esperança, crenças positivas – vamos de um extremo ao outro em segundos e talvez não sejamos pacientes, não tenhamos o tempo para o olhar interior, para a respiração, que nos permita o encontro com quem somos.

Quem é você?

Que vida manifesta?

Quais as verdades que vive?

De quais você fugirá?

Este momento que nos traz tantas oscilações quer nos mostrar que nada mais há a esconder, fugir... chegamos ao final da linha tênue que nos separa de quem realmente somos, de quem somos em essência e o tempo é para a sua manifestação incondicional.

Portanto, não há como correr, negar, fugir, esconder-se de si mesmo ou de quem quer que seja que está em você. E creio que este momento é o melhor momento para

despertarmos. Ainda: será que temos a consciência de que projetamos para os outros aquilo que não queremos ver, mais ainda, projetamos nossas sombras?

“O melhor trabalho político, social e espiritual que podemos fazer é parar de projetar nossas sombras nos outros.”

Carl G. Jung

Em na minha percepção, esse tempo acabou. Há anos digo a meus clientes, coaches que não existe mais tapete, agora o lixo pula na nossa frente – para o vermos, para aceitá-lo, para nos perdoarmos e perdoarmos todos.

Quero associar a este nosso encontro algumas pinceladas do infinito que acesso ao cursar a *Biodecodage*, um campo de estudo, de soluções para a nossa cura, a nossa transformação em criaturas livres que são aptas a criar caminhos de luz em suas vidas.

Um dos mais produtivos aprendizados que podemos ter é que o culpado pelas nossas vidas não serem equilibradas física, emocional, mentalmente está diante de nós, quando nos vemos ao espelho.

Portanto, caro leitor, se eu puder criar oportunidade de ser útil, veja-se ao espelho agora e observe quem você vê!

Afasto-me emocionalmente de qualquer julgamento e simplesmente se permita ver, como se observasse alguém que não conhece.

Quais são as mensagens que você consegue captar pelo olhar dirigido a você, pela boca, testa, expressão facial geral?

Atenha-se aos olhos e diga a você mesmo o que eles expressam. Será o olhar do nascer ou do pôr

do sol, o olhar do verão ou do inverno, da dúvida ou da clareza, da serenidade ou da inquietude?

O que desejará mudar?

Para mudar, há um passo essencial: aceite, aceite cada percepção surgida.

Perdoe-se, perdoe todos que surgiram em seus pensamentos enquanto observava suas sombras.

E agora tenha a coragem (ação com o coração) de fazer uma lista – sim, ela será muito útil, como um mapa que orientará você rumo a ações transformadoras. Claro, poderá precisar de ajuda e conte conosco. No entanto, celebre agora suas descobertas.

Com a lista, comece a avaliar aquilo que você pode simplesmente deixar ir, entregar ao vento, à chuva, ao sol para muita energia de transformação. E aqueles aspectos que causam maior impacto, os que trazem mais justificativas, aqueles que parecem existir apenas por que os outros existem, os que realmente assustam – escolha apenas um deles.

E então, pratiquemos um exercício:

Escreva o nome que você daria a essa descoberta que existe por causa do outro, porque o outro provoca, faz, fala, age assim... e incomoda tanto você. Escreva essa frase resumo da situação descoberta.

Agora pense em algo que deixa você absolutamente leve, feliz, sereno e reviva isso, até se sentir no momento presente parte do que lhe é tão agradável e gratificante.

Escreva então uma frase que resume essa sensação, esse estado natural que é seu.

Compare então com a frase anterior. Sinta, cada uma, por instantes. Qual delas você deseja manter? Então o que pode fazer com

aquela que nada lhe serve, que você realmente deseja descartar, eliminar? Faça isso. Faça uma bolinha com ela, amasse muito bem, pise, jogue fora, ou queime.

A frase que retrata o momento leveza, serenidade – crie uma linda moldura em volta dela – faça um desenho caprichado.

Você poderá escrevê-la em *post-its* e espalhar por aí, para se lembrar de seus aspectos, momentos luz.

Escreva-me uma mensagem a contar da sua experiência – apenas desejo saber se você foi criador de estado emocional que lhe trouxe mais conforto e aconchego, esperança e alento – assim terá descoberto que os estados emocionais indesejados (criados por quem se viu ao espelho) são desnecessários.

Agora, nutra-se – permita-se um mimo. Cuide de si, mesmo que por instantes. Pode ser um bom banho, um chocolate, chá, taça de vinho, uma música cantada e dançada... um momento seu, único e valioso, pois você se descobriu um grande co criador!

Então, volte ao espelho. Quem é o ser que você percebe agora?

Pergunte-se:

O que posso parar de fazer já, que é um veneno para a minha vida?

O que posso fazer menos para ser mais e mais leve?

O que posso fazer mais que me trará sensações frequentes de confiança e bem-estar?

O que posso começar a fazer agora que me fará ser o olhar atento frente ao espelho e me verei mais e mais leve?

De quem é a responsabilidade por essas ações?

Quem pode me impedir de praticar essas decisões, tomadas por mim? Qual o compromisso de 0 a 100% em realizar essas ações?

Saiba que será uma alegria receber

o seu compartilhar. Envie e-mail, conte-me seus pequenos passos – acredite, serão passos de um gigante. E sou com você. ●

BIBLIOGRAFIA

- FLÈCHE, Christian. *Sentir para Sanar*. Paraná: Instituto e Editora Cintia Chiarelli, 2020.
- SELIGMAN, Martin E.P. *Florescer: Uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.
- TRACY, Brian. *Engajamento Total! / Brian Tracy; Matta, Villela da; Victoria, Flora*; 2016. São Paulo: SBCoaching Editora, 2016.
- VICTORIA, Flora. *Semeando Felicidade*. São Paulo: SBCoaching Publishing, 2016.

Maria Helena Costa, ama o despertar em pessoas – estas formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser – conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. O desenvolvimento Pessoal associado à Carreira e ao Positive Coaching demonstram neste momento alinhar ferramentas adequadas à realidade que se reconfigura para o profissional integral.

- Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto. Pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento.
- Executiva e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching.
- Aluna da Escola Francesa de Biodecodificação.
- Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação, qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes.

[linkedin.com/in/maria-helena-costa-9047aa2b](https://www.linkedin.com/in/maria-helena-costa-9047aa2b)
www.carreiraesucesso.br



MARIA LUIZA JÚNIOR

● FEMININOS MÚLTIPLOS

CARTA PARA DOMENICA

Salvador, BA, abril de 2021.

Minha querida neta,

Domenica Coronel Bazila, por ser a *pioneira* na minha linhagem dedico a você lembranças que desejo sejam somadas ao amor à cidade *que nasceste*, fortalecendo o sentimento de pertencimento à nova era, pós-pandemia COVID-19. Saúde!

Sou grata por ter vivido em Brasília, da adolescência à idade adulta; da minha formação política à alegria ímpar de ser mãe de seu papai Bira, e a avó de Akin e Rafiki, seus irmãos, assim como Você, brasilienses do “quadrado goiano”. O futuro lhes pertence...

Domenica, a minha “menina-mulher” desenvolta não irá se perder nas tesourinhas da cidade, certamente sentirá falta delas em outras plagas por onde andar, a tecnologia do século XXI poderá nos distanciar no entendimento de nossas realidades. Jamais dispense seu patrimônio híbrido, RS/DF/SC/MG/BA, se vanglorie da soma de sua origem europeia, africana e indígena brasileira.

A distância geracional sugere uma facilidade de deixar seus pais na retaguarda, no salutar afã de viver o *laissez-faire* sócio contestador de sua juventude... Querida, uma doce ironia, na vanguarda estarão seus irmãozinhos, tanto para a proteção quanto para a contenção. Aprenda a contrabalançar as forças para bem viver.





O Plano Piloto sempre foi a minha praia, meu ninho ali na Asa Norte, Super Quadra 312, “A 12” para os íntimos. Durante muito tempo, foi a segunda SQN completa, imponente entre os barracos de madeira que persistiram na W-3 Norte. Na “12”, logo na entrada, acontecia o “Projeto Cabeças”, depois “Painel das Artes”, encontro musical de roqueiros à Woodstock. Artistas notáveis: Fagner, Beirão, Ney Matogrosso, os irmãos Climério, Clésio e Clodo, foram contemporâneos e vizinhos meus.

Crianças brincavam sob os pilótis, livres e ruidosas, seus patins tinham quatro rodinhas metálicas. Seu pai ainda um bebê, andando pelos gramados, recolhia os esquecidos tacos de madeira com os quais a criança jogava o “bete” – uma versão pobre do críquete.

A construção do Jardim de Infância, forçou a mudança dos jogos de vôlei para o estacionamento entre o J e o K, reconhecido berçário de atletas como sua tia Maria Estela Junior. Os vizinhos que ali estacionavam seus Fusca/Brasília/Chevete/Corcel/Opala/Kombi prontamente os deslocavam para deixar a área livre. Dos campeona-

tos de vôlei surgiu a Mirinzada, incluindo outras modalidades, a disputa se fazia com times de outras superquadras. Moradora do J, estudante de Educação Física, sua tia, Maria de Fátima Junior, foi a treinadora vitoriosa da meninada da 312. O sucesso da Mirinzada foi tamanho, com apoio e supervisão do MEC fechando o Eixão para o campeonato, que se instituiu, em definitivo, o Eixão do Lazer, aos domingos e feriados.

Nos anos 1970, não estavam abertas as passagens subterrâneas para pedestres, interligando as avenidas Ws às Ls. Estudava no CAN – Colégio da Asa Norte, rebatizado Paulo Freire, para ir a pé, da W-2 para o colégio na L-2, tinha a enfrentar a poeira vermelha da Asa Norte subdesenvolvida, e o desafio maior de atravessar o Eixão de mão-dupla, por entre carros a mais de 80km/hora. Acaso as domingueiras gorjetas, do trabalho de garçonne na churrascaria de seu bisavô, na piscina pública da Água Mineral, somassem C\$ 0,32 – trinta e dois centavos de Cruzeiro – às segundas-feiras, era possível ir de ônibus. A primeira vez, o cobrador me indicou a parada, desci do ônibus e caminhei por duas quadras, até ser alertada por outro aluno que eu, a mineira da tricentenária Campo Belo/MG, estava no sentido contrário ao colégio. (...) difícil aprendizado, me locomover na Cidade Moderna.

Aprovada no vestibular da UnB em 1974, aluna do Curso de Comunicação; novos amigos, memoráveis professores, uma biblioteca fantástica, restaurante universitário – o Bandeirão. Minhocão Norte e Minhocão Sul de livre caminhar. Ali, ampliei minha consciência política, participei da luta contra a interferência dos militares na Universidade, ostensiva na permanência

do obtuso reitor Azevedo. Já em 1977, grávida de sete meses de seu pai, em mais um protesto no Minhocão, um elemento da repressão ordenou que eu saísse dali, sem olhar para trás. No dia seguinte as manchetes dos jornais estampavam somente as fotos dos estudantes presos. Meu colega de curso, Wanderley Barroso, foi preso quando retornou à manifestação depois de me acompanhar em segurança até a L-2. Naquele dia não peguei carona nem de Mercedes, nem de BMW daquelas dadas “cotistas” do Regime Militar, que nem sequer fizeram vestibular e eram estudantes que intimidavam até nossos professores.

O Movimento Estudantil priorizava o marxismo como a solução para os problemas nacionais, mantendo veto às questões afetas às mulheres e aos negros, por isso, formamos por nossa conta, os estudantes negros da UnB, um primeiro grupo de estudos da questão racial. Posteriormente, com a adesão de outros participantes de fora do ambiente estudantil, nomeamos o grupo de CEAB – Centro de Estudos Afro-brasileiros. Em 1981, liderei a dissidência do CEAB para salvaguardar os propósitos e ideais da luta contra o racismo, formando com aguerridos militantes, o MNU/DF – Movimento Negro Unificado do Distrito Federal, consoante a existência do MNU em outros estados da Federação.

Comumente no meu trajeto de saída do trabalho no Setor Bancário Sul à 312 Norte, se não seguia a pé, havia a opção de parar na Rodoviária e no compasso de espera, ao som de camelôs e preguiças, meio faminta, a refeição decente fora o almoço no Bandeirão da UnB, conferia o tempo previsto para a saída do ônibus e o número de pessoas na fila. Ligeira, ia ao box da Viçosa comprar “pastel com caldo de cana”. O perfeito combo: dieta calórica e correria, euzinha era magra, 63 kg distribuídos em 1,75m de altura.

Outro lado do percurso se revertia na oportunidade de colocar um filme fotográfico a revelar, um livro a encomendar, e nos fins de semana, a diversão certa de um lançamento cult no Cinema Um, ou, um blockbuster no Cine Atlântida, bem ali no CONIC. Mais adiante, chegava-se ao pioneiro Conjunto Nacional, que pôs fim às compras em lojas de belas vitrines da W-3 Sul.

Na 508 Sul, o Teatro de Arena serviu de palco de peças consagradas como “O Inspetor Geral”, o musical “Arena Conta Zumbi” e também para disfarçadas “conversas” na vigência do AI-5. Naquele espaço de arquibancadas de madeira, as apresentações de grupos candangos e nacionais se sucediam, e foram vitais para nós jovens, que nos encontrávamos no olho do furacão da Ditadura Militar.

A minha maior alegria em termo de espetáculo aconteceu no Ginásio de Esportes, o show do famoso grupo americano, os “The Jackson Five”, sob a liderança do infante Michael Jackson, reconhecido posteriormente como “O Rei do Pop”.

Brasília sempre teve uma dialética ímpar. Do arquiteto comunista que projeta uma Catedral Católica simbolizando mãos em oração aos céus; dos Ipês floridos que anunciam a seca implacável do Cerrado. Da proibição de uso de buzinas e sons de divertimentos nas entrequadras aos subversivos cantares das cigarras.

De uma Legião Urbana que faz um “Faroeste Caboclo” na coexistência de um Bumba-Meu-Boi do Séo Teodoro; de um Estádio de Futebol com o nome do mais célebre jogador do Botafogo e onde a torcida do Flamengo, só do Flamengo, faz a festa de maior bilheteria do DF... Não vou me alongar para que você pergunte a seu papai o que veio depois...

Saudações quilombolas, de sua avó, Luiza. ●



CAROLINA SENA

● CONVIDADA

A MATERNIDADE NA PANDEMIA

Ser mãe é padecer no paraíso. Toda mulher escuta essa frase desde pequena e vem a pergunta: “Como é ser mãe? É amar? Cuidar? Educar?” Algo que parece ser até impossível, porque os filhos nascem, mas não vêm com bula descrevendo como fazer. É um verdadeiro desafio a ser cumprido para o resto da vida.

No fim do ano de 2019 o mundo recebe a notícia de um novo vírus que estava causando muitas mortes lá do outro lado do planeta, precisamente na China, o chamaram de SARS-coV-2, que ficou conhecido popularmente por Coronavírus, porque parecia com uma coroa. Ele transmite uma doença chamada Covid-19 (junção de co, de corona; vi, de vírus; e d de disease, palavra em inglês que significa doença. O 19 indica o ano que surgiu). Mais uma enfermidade surge, mas muitos aqui no Brasil pensaram: “Ah... isso não vem para cá!” É... o achismo durou pouco. Em 26 de fevereiro de 2020 foi divulgado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil. Em 11 de março do mesmo ano a OMS (Organização Mundial da Saúde) decretava que o mundo vivia uma pandemia.

Em menos de um mês, o brasileiro começou a sentir as mudanças de comportamento. Novos protocolos sanitários foram estabelecidos no cotidiano. O uso do álcool em gel, a obrigatoriedade da máscara na rua, estabelecimentos comerciais, escolas e faculdades. Mas o poder de transmissão do vírus fez com que uma reviravolta acontecesse. Aulas suspensas,



Foto: Arquivo Público

eventos de todos os tipos proibidos, comércio não essencial fechado, parques não poderiam receber visitantes, tudo isso para evitar a aglomeração de pessoas, o aumento da transmissão do vírus e o colapso hospitalar. As cidades pareciam verdadeiros desertos. Cenas praticamente nunca vistas no Brasil.

Mas qual a relação dessa pandemia com a maternidade? De amor e ódio. Uma mãe quer sempre proteger os seus filhos. Como as escolas tiveram as aulas suspensas, as crianças e adolescentes foram obrigados a ficar em suas casas, sem contato físico com seus colegas e professores. E como seriam

essas aulas? Perderiam o ano letivo? Não! Aí é que vem a tecnologia. Ela nunca foi tão requisitada como nestes tempos de pandemia. Todos foram obrigados a ter aulas online e se adaptar a essa nova forma de aprendizado. As mães exerceriam o papel de professoras-auxiliares, por estarem ao lado de seus filhos acompanhando-os na hora das aulas.

O desafio é enorme! As mães de hoje são como mulheres-pólvora. Precisam trabalhar em home-office, cuidam da casa e estão juntas dos filhos em classe virtual. Antes as coisas eram bem diferentes, cada um no seu canto. Agora não! A família está reunida em casa com

seus afazeres escolares e de trabalho. Ao final do dia, ou até mesmo da madrugada, as mães estão exaustas! Elas se dividem com os pais nas tarefas da casa e com os filhos, mas ao final de uma jornada todos pedem arrego por causa de uma rotina muito cansativa. Em contrapartida, de algo ruim pode-se tirar o que tem de bom. É uma ótima oportunidade de se ver como os filhos se comportam durante o aprendizado, o que estão vendo de conteúdo e como o mesmo é ensinado pelo professor. Não vemos tudo isso quando deixamos nossos filhos na escola. E o melhor, viver por mais tempo a vida em família. Aproveitar o maior presente que podemos ter que são nossos entes queridos.

Dói num coração materno ver seu filho trancado em casa. Não poder brincar no parque de diversões, ir à festa de um colega da escola ou até mesmo viajar para conhecer novos lugares. O vírus nos tirou isso tudo. A saúde mental foi afetada e temos que lidar com tudo isso. A frase que mais se escutou durante a pandemia foi: “É preciso reinventar!” Buscar novas brincadeiras e distrações para que as crianças não entrem em depressão. Socializar é importante para o desenvolvimento humano, mas temos que ter aquele “jogo de cintura” para entender que, por enquanto, não podemos fazer muitas coisas que fazíamos antes, sem pensar que pode acontecer algo ruim. É preciso trabalhar muito a paciência. Isso tudo será temporário, não sabemos por quanto tempo. Temos que ter fé e esperança de que tudo isso vai passar. ●



JÉZER JUNIOR

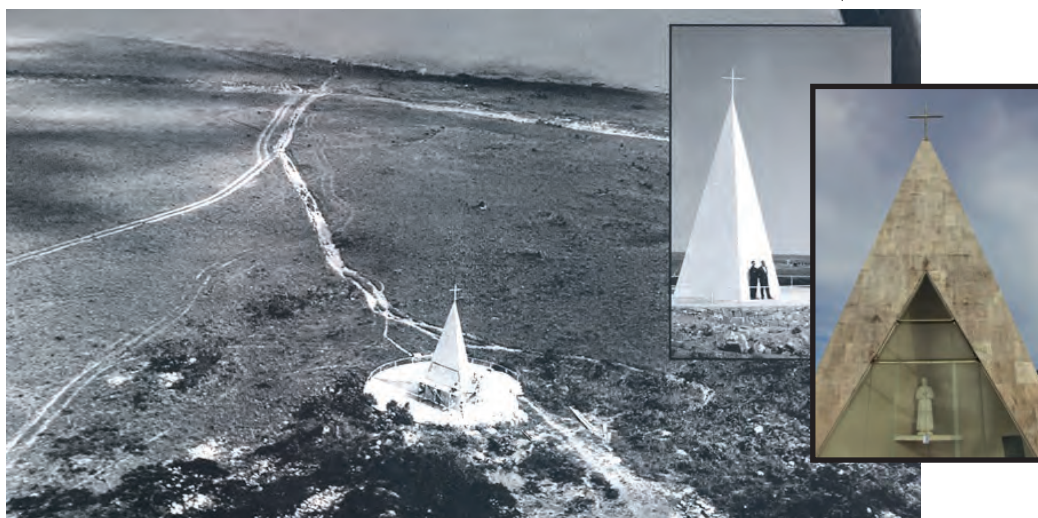


LUCIANA AZEVEDO

● BRASÍLIA EM ORAÇÃO

SÃO JOÃO BOSCO

Foto: Arquivo Público



Ermida Dom Bosco: projeto de Oscar Niemeyer, foi a primeira obra em alvenaria na Nova Capital. Com forma de pequena pirâmide de base triangular, e revestida em mármore branco com cruz de metal no topo, a ermida situa-se às margens do Lago Paranoá. (ARQUIVO Público do Distrito Federal. A história de Brasília em cartões postais. Brasília, Arq. DF, 2010).

Já na época do Brasil Colônia, havia surgido a ideia de levar a capital do país para a região central, visando evitar ataques pelo mar. Em 1823, José Bonifácio de Andrada e Silva, conhecido como “Patriarca da Independência”, reforçou a proposta de levar a sede do país para o interior do território e sugeriu pela primeira vez o nome “Brasília”.

A construção da nova capital federal, no planalto central, foi motivada pelo sonho de São João Bosco, conhecido como Dom Bosco, ocorrido em agosto de 1883, no qual o Santo fazia uma viagem à América do Sul, passando por várias regiões entre a Colômbia e o sul da Argentina, vislumbrando povos e riquezas. Frise-se que ele nunca esteve no continente sul-americano.

O trecho que se referiria ao sonho profético está presente no livro *Memórias Biográficas de São João Bosco*, escrito pelo assistente do Santo, o padre Lemoyne, e foi colocado na Ermida Dom Bosco. Diz ele: “Entre os paralelos 15° e 20° havia um leito muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então, uma voz disse repetidamente: ‘Quando escavarem as minas escondidas no

meio destes montes aparecerá aqui a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!”.

Esse trecho específico passou a ser associado com Brasília, que ficaria, no futuro, dentro da área descrita e na margem de um lago, o Paranoá. Por essa razão, Dom Bosco acabou sendo proclamado copadroeiro da capital federal. E, para homenagear o Santo, no exato ponto onde passa o paralelo de 15°, foi construída a Ermida Dom Bosco.

Conta-se que Dom Bosco, desde pequeno, teve diversas revelações, a partir de sonhos proféticos, que se realizariam dias, semanas, anos e até um século depois. Entre as revelações estavam, ainda, a morte de personalidades, conhecidos, colegas, filhos espirituais e a localização geográfica associada à fundação da cidade de Brasília.

Em sua homenagem, a Igreja construída pelos salesianos recebeu o nome de Dom Bosco, passando a ser chamada Santuário São João Bosco em 2017, sendo um dos templos mais bonitos da cidade e eleito, em 2008, pelo Bureau Internacional de Capitais Culturais (IBOCC), uma das sete maravilhas do patrimônio cultural e material de Brasília.

O Santuário, administrado pela Congregação Salesiana, é, portanto, dedicado ao copadroeiro da cidade, São João Bosco, que tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cujas proclamações oficiais ocorreram em 10 de junho de 1962.

O Santuário foi projetado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves, As paredes são formadas por 80 colunas com mais de 15 metros de altura, que se unem no alto em arcos góticos, e têm como especial des-

taque seus 2,2 mil m2 de vitrais que combinam 12 tonalidades de azul, num suave degradê do mais claro ao mais escuro, com pontilhado branco, dando a impressão de se estar sob um céu estrelado. O altar é de uma única peça de mármore, as estátuas de Dom Bosco e de Nossa Senhora Auxiliadora são de mármore de Carrara, e a cruz do altar foi esculpida pelo artista Gottfredo Tralli em uma única peça de cedro. Do lado de fora, o paisagismo foi projetado por Roberto Burle Marx. Uma cripta, localizada no subsolo, junto de uma estátua em tamanho natural de Dom Bosco, foi criada para receber, em 2017, a relíquia de Dom Bosco (um pedaço do osso do braço direito).

Por todo o Santuário destacam-se também as obras do artista brasileiro Gianfrancesco Cerri: um quadro em bronze na pia batismal, a pintura em acrílico no sa-



Vista interior do Santuário Dom Bosco

crário e os relevos em cobre entalhados em mármore nas 12 portas do templo. Na fachada principal do Santuário está representado o sonho de Dom Bosco e, nas laterais, visões missionárias e passagens da vida do Santo.

Na Catedral Metropolitana de Brasília, junto à imagem da Pietá, encontra-se a imagem de Dom Bosco, que pesa duas toneladas, esculpida pelo artista italiano de Turim, Mauro Baldasari, em uma peça única de mármore de Carrara. O escultor explica os significados de sua obra: as mãos do santo apontam, a da direita, para a entrada da Catedral, num gesto de acolhimento aos visitantes; a da esquerda, para o altar, onde estão Jesus na Eucaristia e Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira

Foto: Arquivo Público



São João Bosco

ra da cidade. O corpo esculpido com acentuada concavidade apresenta sua total doação aos jovens. Na grande peça, presa atrás da imagem, desenhos correspondem às cenas que representam os sonhos de Dom Bosco. Dentre essas, destaca-se, no lado esquerdo, a imagem da Catedral de Brasília, localizada entre os paralelos 15° e 20° do globo terrestre.

Dom Bosco nasceu em 15 de agosto de 1815, na Itália, sendo batizado com o nome de Giovanni Melchior Bosco, ordenando-se sacerdote em 1841, aos 26 anos. Foi um homem de muita fé, oração e dedicação aos jovens, principalmente aos pobres e abandonados. Por essa razão passou a ser proclamado “Pai e Mestre da Juventude”. Na Itália, o tratamen-

Foto: Arquivo Público



Vista interior da Catedral Metropolitana de Brasília



São João Bosco

to respeitoso de Dom (de Dominus, isto é, senhor) é dado habitualmente aos sacerdotes seculares. Dom Bosco faleceu em 31 de janeiro de 1888, aos 72 anos, na cidade de Turim, na Itália. Em 1934 foi canonizado e declarado Santo pelo Papa Pio XI.

Conta-se, em sua biografia, que certo dia de 1847, tendo meditado muito sobre o modo de fazer o bem à juventude, Nossa Senhora apareceu-lhe e o levou a um jardim admirável onde havia ali um belíssimo pórtico, com plantas trepadeiras carregadas de folhas e flores. O pórtico levava a um caramanchão encantador, rodeado e coberto de roseiras maravilhosas, em plena floração, cujo terreno estava todo coberto de rosas. A Bem-aventurada Virgem disse-

QR_Code
UM TOUR PELO
SANTUÁRIO
DOM BOSCO.



-lhe, então: “Fica sabendo que o caminho que percorrerás entre rosas e espinhos significa o cuidado que deverás ter pela juventude. Deves caminhar com os sapatos da mortificação. Os espinhos significam os obstáculos, os sofrimentos e as insatisfações que vos tocarão a todos. Mas não percais a coragem. Com a caridade e com a mortificação, superareis tudo, e chegareis às rosas sem espinhos”.

Dom Bosco, quando jovem, além dos estudos dedicou-se a alguns entretenimentos, como canto, piano, declamação, teatro, atividades como saltos, corridas e outras diversões. Foi, portanto, uma pessoa normal, mas dedicada a servir a Deus, no seu estado clerical, procurando fazer o que Deus quer e querendo o que Deus faz. Esse é o maior exemplo de vida que São João Bosco deixou para a humanidade, a ser seguido pelos homens em qualquer que seja o estado de vida.

Dentre as diversas frases pronunciadas por São João Bosco, destacam-se: “A juventude é a porção mais delicada e preciosa da sociedade humana”; “A leitura dos jornais rouba grande parte do tempo aos estudos sérios e atrai a alma para muitas coisas inúteis”; “A nossa cruz são os sofrimentos que todos encontramos na nossa vida”; “A verdadeira causa de todos os males é o pecado. O pecado torna os povos infelizes”; “A vingança do verdadeiro católico é o perdão e a oração pela pessoa que ofende”; “Amai esta vossa mãe celeste, recorrei a ela de coração”; “Do próximo, ou falar o bem ou calar a boca”. ●



F. J. ALENCAR

● PSICOLOGIA

PANDEMIA E A NEGAÇÃO



ilustração: Jô

O povo brasileiro, festeiro, irreverente e até, por que não dizer, inconsequente, tem agora de lidar com uma situação bastante diferente, urgente e perigosa, um inimigo invisível. Um povo acostumado às partidas de futebol, baladas e carnavais, vê-se diante de uma situação real e concreta que põe a termos suas fantasias e suas melhores expectativas.

Desde que, embora negligentemente, as autoridades governamentais passaram a informar, e insistentemente os profissionais de saúde e os meios de comunicação, do risco de uma pandemia, uma grande parcela da população se mostrou quase que indiferente, motivada quiçá pela falta de conhecimento, pelas credences próprias da cultura, que tornam um povo com mente facilmente manipulável e que acaba acreditando que a pandemia é mais uma ação demoníaca e que se coloca como a prova da verdade estabelecida nas Escrituras Sagradas. De outro lado, não menos fruto de manipulação, uma grande parcela, dita esclarecida, “politiza” a situação e coloca o vírus como motivo de uma polarização, ou seja, de como combatê-lo.

Se já não bastasse, eis que aparece o grupo dos “especialistas”, cada um mais probo que o outro, um verdadeiro duelo de **egos**.

Nesse caldo de informações e desinformações, crenças e descrenças, o que podemos observar é que o futuro vai se tornando um mar de incertezas.

O brasileiro necessita descobrir uma maneira própria de enfrentar essas situações bem como enfrentar a finitude da vida. Isso se torna preponderante para que aprendamos a construir soluções em relação ao que nos é demandado. Não é apenas se recusando a aceitar a presença do vírus ou minimizá-lo, como ao considerá-lo uma “gripezinha”, que iremos enfrentá-lo. Isso é negar a realidade, podendo trazer drásticos resultados.

Já se pode observar o aumento de sintomas como ansiedade, depressão e violência, manifestações da sombra, ou seja, segundo Jung, tudo aquilo que não está à luz da consciência, aqueles conteúdos que foram reprimidos, rejeitados ou não foram vivenciados, o que contraria a visão de muitos, para os quais a pandemia serviria para uma reflexão do ser humano e para o desabrochar de um novo *modus vivendi*. Apenas fantasias.

Tudo nos leva a crer que o brasileiro está diante de uma emoção básica: o medo – medo da do-

ença, medo do desemprego, medo da inflação, medo da morte. Isso pode levar a pessoa, ou já está levando, a um outro patamar dessa emoção, qual seja, o pânico.

O ser humano é dotado de certos mecanismos de defesa. Parece-nos que no momento o nosso povo oscila entre o pânico e a **negação**, esse, um mecanismo que se apresenta diante de situações que nos cause sofrimentos. Entretanto, negar uma realidade do “jeitinho brasileiro”, com piadas, caricaturas, não é e não será a solução, até porque, como sabemos, a negação não elimina a realidade, como, por exemplo, negar o próprio medo, já que isso não irá cessá-lo. Negar poderia inclusive propiciar comportamentos perversos para com aqueles mais fragilizados e em grupos de risco. Negar nos evita entender.

Finalmente, temos diante de nós a oportunidade de refrearmos nossos **egos**. Devemos, a partir dessa difícil situação, fortalecer o senso de cuidado coletivo trocando o **EU** pelo **NÓS**.

●
Psicólogo F.J. de Alencar Araripe
Analista de orientação junguiana e terapeuta de base reichiana.



JULIANA RAMPIM

● GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

COMIDA E AFETO

<https://paraboloide.com/15-47-artigos-expandidos>

A cozinha é sempre quente, é o lugar onde todo mundo se enfia, não importa o tamanho dela!

Eu amo cozinhar para os outros, em especial doces, e como dizem minhas filhas, eu sempre customizo as receitas por mudá-las ao meu modo. No fim cozinhamos juntas, com o mesmo gosto pela cozinha, eu e as minhas meninas, desde pequeninhas!

De vez em quando o meu mais velho, com seus incríveis 15 anos, surge na cozinha e se intitula

“exprementador” oficial, mas é claro que sempre arrumamos algo para ele ajudar e ficar por ali para muita conversa e risadas.

Chamo isso de terapia de família! Na cozinha aprendemos a jogar juntos, a superar o medo, a servir ao outro, e a tornar o dia a dia mais belo. Beleza, verdade e bondade estão presentes ali.

Ultimamente testamos receitas e repetimos as de que mais gostamos, e cada uma tem sua história, seu aroma... Ao ver isso resolvi escrever as nossas receitas contando

também a história que existe por trás para fazer um livro e deixar para os filhos.

Comecei então a remexer as caixas velhas, aquelas que a gente guarda em cima do armário e só lembra que existe na mudança, e achei um caderno antigo com folhas soltando e amareladas, o caderno de receitas da minha mãe, sem data, mas estimo que seja de 1970. Com a letra dela, da minha mãe, da avó, que não pôde ver os netos nascerem, que não pôde ver a filha casar-se, mas que se faz presente nas delícias que a gente faz. ●





**Especial
Receita
de amigo!**

QRCode ou LINK?
Busque pelo livro e depois
contem-me se gostaram!



paraboloide.com/editora-paraboloide





JORGE NASSAR

● O TOM DA CONVERSA

HOMENAGEM PÓSTUMA A TONINHO MAYA

★24.7.1961 | †06.2.2021

Toninho Maya, nascido em 24/7/1961 em Abaetetuba (PA), estava com 59 anos, grande parte deles destinados ao amor que nutria pela música. Era considerado um dos melhores músicos de jazz da cidade e, por sua dedicação à música em Brasília, recebeu da Câmara Legislativa do DF, em 2001, o título de Cidadão Honorário de Brasília pelo trabalho prestado para a música/cultura do DF.

Músico e produtor musical, Toninho Maya participou na produção de trabalho de vários músicos e bandas no seu estúdio – Artimanha. Destacam-se as gravações que fez para os grupos Os Raimundos, Maskavo Roots, Pato Fu, Renato Matos, Adriano Faquini e Célia Porto. Algumas dessas gravações com a participação do falecido produtor musical Tom Capone.

Guitarrista, violonista e compositor, exerceu a atividade musical desde 1978. Integrou grupos de música instrumental como o CHAKRAS,

BANDA ARTIMANHA e ÁRIA TRIBO, que executavam composições próprias, temperadas nos ritmos brasileiros e afro-americanos.

Acompanhou artistas como Leila Pinheiro, Zélia Duncan, Cássia Eller, Dinho Ouro Preto, Eliete Negreiros, Rosa Passos, expoentes da música brasileira, além de expoentes da música de Brasília como Invoquei o Vocal, Célia Porto, Renato Matos, Flávio Faria, Adriano Faquini, Pierre Aderne, entre outros.

Toninho dividiu o palco com grandes instrumentistas brasileiros, como Vídor Santiago, Jorge Elder, Adriano Giffoni, Márcio Menezes, Rênio Quintas, Renato Vasconcelos, Nema Antunes, Sérgio Galvão e Lula Galvão.

Toninho vinha também, recentemente, desenvolvendo trabalho solo e em grupo com abordagens acústicas. Usando o violão com cordas de nylon, passava pelo jazz, MPB, funk, blues, rock e até forró, nos grupos Jazz e Mais, com

Isaac Gomes e Sidney Sheykor; no Gangaceiros do Cerrado; e no Duplo Click, com Edilenio Souza.

Toninho Maya deixa um grande número de fãs saudosos de seus acordes e improvisos e de sua personalidade generosa, depois de 43 anos de dedicação e amor à música em toda a sua diversidade! ●





PAULO ALMEIDA

● UM PROJETO PARA BRASÍLIA - ROTAS DE TURISMO

TURISMO MUSICAL: BRASÍLIA GANHARÁ ROTA DO ROCK

Imagine quantas pessoas já tiraram fotos na faixa de pedestres da Abbey Road, em Londres, reproduzindo a icônica capa do álbum homônimo dos Beatles. Graças ao grupo e a uma pose feita em uma manhã de agosto de 1969, até hoje, a faixa continua atraindo milhões de visitantes ao norte de Londres. Quem já viveu, não esquece fácil esse tipo de experiência.

Ao redor do mundo, o turismo musical é visto como uma forma de estimular o crescimento econômico, contribuir para a revitalização urbana e atrair novos públicos. Já existe até nome para esse hábito de associar música a geografia: "topofilia musical", termo utilizado pela pesquisadora Leonieke Bolderman, da Universidade de Groningen, nos Países Baixos, para explicar a conexão que criamos com um lugar por meio de produtos musicais.

Muitas vezes, essa relação costuma surgir antes da visita em si — quando, por exemplo, você sonha em conhecer Estocolmo, na Suécia, para o turismo do ABBA; Dublin para conhecer a história do U2; Nova York para um workshop de jazz, e acaba resultando no desejo real de viajar até aquele destino específico. Quer um exemplo mais atual? Segundo um levantamento do site "Hotéis.com", em julho de 2017, foi relatado que o interesse turístico em Porto Rico aumentou 45% desde o sucesso da canção *Despacito*, de Luis Fonsi, grande hit mundial em 2017. Os operadores turísticos citam o videoclipe da canção como a ra-



Foto: Arquivo Público

zão pela qual lugares mostrados no videoclipe, como o bar La Factoría ou o bairro La Perla do assentamento de Old San Juan, são hoje muito mais populares.

No Brasil, o segmento musical como destino turístico, muitas vezes, não é tratado como atração principal e as luzes que merece. Mas se ainda falta muito para o país compreender de fato a importância desse segmento, uma coisa é certa: considerar a música sob a perspectiva da consolidação de um destino é um acerto estratégico e tanto.

É com esse viés que a Secretaria de Turismo do DF (Setur-DF) está estruturando a Rota Brasília

Capital do Rock, um projeto inédito, elaborado em parceria com a faculdade União Pioneira de Integração Social (Upis) e a curadoria do vocalista da Plebe Rude, Philippe Seabra. A proposta é oferecer a moradores e visitantes uma experiência única de conhecer Brasília pelo olhar desse estilo já consagrado na história da cidade, famosa por revelar bandas que ganharam projeção nacional, como Legião Urbana, Plebe Rude, Raimundos, Natiruts, Capital Inicial, Detrito Federal, Cássia Eller, Maskavo, Scalene, entre outros. Tanto que, em 2016, o rock foi tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do DF, nos termos da Lei Distrital nº 5.615.

"O segmento do rock para a atração do turismo no DF sempre foi uma iniciativa a ser resgatada pela nossa secretaria. E poder estruturar este projeto de forma integrada com todo o nosso governo, iniciativa privada, academia e ao lado de músicos que escreveram e viveram de perto esse movimento com tanta energia, é a maior verdade que podemos entregar a nossa população e visitantes. Uma rota que valoriza nossa história, nosso turismo criativo e ao mesmo tempo resgata a memória de grandes músicos que iniciaram suas carreiras de sucesso na nossa capital", afirma a secretária de Turismo, Vanessa Mendonça. Ela reforça que a rota fortalecerá ainda mais Brasília como destino turístico.



Foto: Arquivo Público

co, fomentando, por meio da economia criativa, o desenvolvimento local, gerando mais emprego e renda.

O projeto foi lançado no dia 23 de março deste ano no Salão Nobre do Palácio do Buriti, com a presença do secretário de Economia do DF, André Clemente; a secretária de Turismo do DF, Vanessa Mendonça; além dos músicos Philippe Seabra, da banda Plebe Rude; Kiko Peres, da banda Natiruts; Digão, dos Raimundos; PC Cascão, da Detrito Federal; e Geraldo Ribeiro, da Blitx 64.

“As pessoas estão esquecendo a história desse estilo musical que, mesmo com pouca estrutura, veio do entusiasmo e se fortaleceu na capital do nosso país. E a proposta da rota é mostrar a essa nova geração que coisas importantíssimas aconteciam aqui durante essa época tão eferescente, na qual

o rock explodia e alcançava o cenário nacional”, avaliou Philippe Seabra.

Para a estruturação da rota, aproximadamente 30 pontos que fazem parte da história do Rock de Brasília foram mapeados pela Setur-DF. Regiões como o Parque Vivencial II, local do “Rock na Ciclovia”, no Lago Norte; e a SQS 104 Sul, quadra onde os Paralamas do Sucesso moravam; o Cave, no Guará, local do primeiro show da Legião Urbana em Brasília; e o Teatro Rolla Pedra, em Taguatinga, estão entre os locais que serão visitados.

Tendo a rota como bússola, as pessoas descobrirão ainda que o Giraffas, na QI 9 do Lago Sul, foi local do segundo show da Plebe Rude, ao ar livre, com uma tomada emprestada da lanchonete que estava iniciando as atividades. Não poderia faltar o icônico Bei-

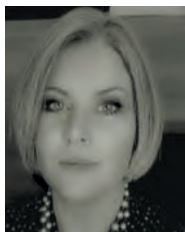
rute, na 109 Sul, ponto de encontro obrigatório de toda a geração de Brasília, eternizado no filme *Somos tão jovens*, obra biográfica sobre a juventude do cantor Renato Russo, lançada em 2013 e dirigida por Antonio Carlos da Fontoura.

Memória afetiva para muitos moradores e descoberta para os turistas, que ao percorrer a rota acabam impulsionando toda a cadeia produtiva, seja movimentando o setor hoteleiro, utilizando os transportes, estendendo o passeio a um restaurante ou ainda conhecendo tantos outros atrativos da capital. “A rota é o início de uma ação. Ao mesmo tempo em que ela busca sensibilizar a população para valorizar o que a cidade tem de melhor, ela atrai mais visitantes impulsionando o lugar como destino turístico”, avaliou Leonardo Brant, professor de turismo da Upis.

A rota Brasília Capital do Rock irá integrar diversas outras rotas criadas pela Setur-DF para ajudar moradores e visitantes a conhecerem melhor os atrativos da capital federal. A Coleção Rotas Brasília, por exemplo, conta com a Rota Fora dos Eixos; do Cerrado; da Paz; Cultural; Náutica, Cívica e Arquitetônica. Essas já estão mapeadas e disponibilizadas no site da Setur-DF.

A expectativa é que a rota Brasília Capital do Rock esteja disponível no formato digital até o dia 21 de abril, quando a capital completa 61 anos. Enquanto isso, que tal escutar uma playlist no Spotify da Setur-DF, feita com a curadoria especial do Philippe Seabra, vocalista da Plebe Rude? Acesse:





ANGELINA QUAGLIA

● 15.47 ENTREVISTA

RÁDIO ROCK BRASÍLIA



Com apenas 61 anos Brasília tem se notabilizado em apresentar talentos em diversas áreas da sociedade. Uma das áreas com maior destaque é a música, que deu ao Brasil, e por que não ao mundo, nomes como Cássia Eller, Oswaldo Montenegro, Célia Porto, isso sem falar das grandes bandas de Rock surgidas nas décadas de 70 e 80. Aliás, Rock esse que conseguiu fincar raízes com a ajuda de pessoas apaixonadas pela sua diversidade – e com a vontade de estabelecer um legado – que passaram a difundi-lo através de um dos meios mais eficazes de comunicação, o rádio, que desde o início do século XX, presta um serviço de informação e de entretenimento. Nesta edição, a *Revista 15.47*, para retratar melhor esse processo, entrevistou duas pessoas que, através do rádio, divulgam com bastante competência o rock: o mestre Marcos Pinheiro, carioca, que chegou a Brasília em 1983 e desde 1991 transmite o programa *Cult 22*, e a sua discípula, que também é mestre, Denise Cecilia Coelho, jornalista brasiliense, com mais de 20 anos de experiência, que trabalhou e aprendeu os grandes truques da divulgação com Marcos Pinheiro na rádio Cultura e hoje comanda, em conjunto com Leandro Duarte, a radioweb Radio Rock Capital.



MARCOS PINHEIRO

1 – Marcos, você é um dos pioneiros do rádio e da comunicação do Rock em Brasília. Então, desde o momento que você começou com a rádio, que adaptações você teve que fazer para chegar hoje com a rádio online? Como foi esse desafio?

Vamos voltar ao princípio. Eu comecei fazendo rádio em março de 1990 com um programa chamado *FM Esporte* veiculado semanalmente pela Rádio Cultura FM (100,9MHz) até o fim de 1992. Foi lá que conheci o Carlos Marcelo, então estudante da UnB, que futuramente viria a se tornar editor do *Correio Braziliense* e atualmente é editor-chefe do *Estado de Minas*. Como o programa, entre as notícias esportivas, trazia também uma programação musical voltada para o rock e pop, percebemos que tínhamos gostos em comum. Daí surgiu a ideia de fazermos juntos um programa exclusivamente dedicado ao Rock de várias épocas e



CULT 22 - com Abelardo Mendes Jr (2005)



Cult 22 - com Abelardo Mendes Jr e Carlos Marcelo (2009)



Cult 22 - 8.10.2011 - Especial 20 Anos



estilos – e que naturalmente foi logo abrindo espaço para a produção independente de Brasília. Em 4 de outubro de 1991 nasceu então o programa Cult 22, que foi veiculado ininterruptamente por mais de 20 anos, todas as sextas-feiras, pela mesma emissora. Em maio de 2012 saímos do ar devido a divergências com a então direção da rádio. Retornamos em outubro de 2013 em outro canal, a Transamérica FM (100,1MHz), onde fica-

mos por quase três anos. Até que em agosto de 2016 voltamos para a Cultura FM e por lá continuamos todas as sextas-feiras, das 21h às 23h, com uma equipe que hoje conta com mais seis colaboradores – o Carlos Marcelo infelizmente saiu no final de 1996 devido a outros compromissos profissionais. Em outubro de 2021 o Cult 22 comemora 30 anos de existência. De lá pra cá, naturalmente, muita coisa foi mudando e/ou se

adaptando às novas tecnologias. De textos datilografados em máquinas de escrever, pesquisas de informações feitas em revistas ou livros e músicas tocadas necessariamente por meio de LPs e CDs, passamos por uma grande “revolução” a partir do fim dos anos 1990 com a Internet, os compartilhamentos em mp3 e os streamings. Em 1997 criamos a primeira versão do nosso site, que 10 anos depois se tornou também um blog, abrigado no endereço www.cult22.com, que traz informações sobre a história, os quadros, os *set lists* e os *podcasts* do programa – além de agenda de eventos, cobertura de shows e outras divulgações. Em 2008 criamos uma conta no twitter.com/cult22 e no ano seguinte uma fanpage em facebook.com/cult22. Entre 2013 e 2014 tivemos uma experiência embrionária de radioweb dentro do site, abordada por dificuldades logísticas na época. Voltamos em meados de 2018, mas efetivamente passamos a funcionar a partir de março de 2019. É a Radioweb *Cult 22* (www.cult22.com) que, além de retransmitir o programa *Cult 22* diretamente da Cultura FM, ainda conta com mais 12 programas entre produções próprias e de colaboradores, incluindo parcerias com outras *webrádios* do Distrito Federal. Nesse período de pandemia tudo tem sido gravado de casa mesmo – inclusive o *Cult 22*, que, para não perder o hábito do “ao vivo”, mantém promoções durante o programa pela fanpage e pelo instagram.com/cult22.

2 – Como você começou a divulgar o Rock em Brasília? Como a propagação era feita quando você começou? Quais eram as bandas e o cenário da época? Do seu início até hoje qual foi o momento mais marcante para você?

Como expliquei, começamos com o programa *Cult 22* no final de 1991. Paralelamente estava nascendo em Brasília uma nova leva de bandas de Rock que queriam se

“desapegar” daquela geração anterior – Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Finis Africae, Detrito Federal, Liga Tripa, Mel da Terra, etc. – e diversificar a sonoridade. Do som progressivo, punk e pós-punk dos anos 1980, essa galera partiu para outros horizontes: heavy metal, hardcore, indie, shoegaze, misturas com eletrônica, black music ou sons brasileiros. No cenário mundial o Rock ganhava novamente força na mídia com a explosão do grunge (Nirvana, Pearl Jam, Alice in Chains) e de outras vertentes. Além disso, o Brasil passou a ter o canal MTV, que se tornou forte propagador dessa nova realidade musical e a organizar festivais internacionais do porte do “Rock in Rio” (que voltou em 1991) e “Hollywood Rock”. Logo surgiram eventos independentes como o “Abril pro Rock” (Recife), “Junta Tribo” (Campinas-SP), “Goiania Noise” e, mais pra frente, o brasiliense “Porão do Rock”, além do já existente “Ferrock”. Em menor escala, existia por aqui também o projeto “Feira de Música”, que quinzenalmente era palco para o som independente local de diversos estilos. No meio dessa eferescência, o *Cult 22* passou a ser a grande fonte de informações, numa era pré-Internet, sobre rock nas rádios brasilienses, entrevistando as bandas, divulgando os shows e veiculando as músicas. E muita coisa que rolava no programa nas sextas-feiras passou a fazer parte da programação diária da Rádio Cultura FM, o que reforçou essa “conspiração do bem”. Daí surgiram bandas como Raimundos (temos orgulho de ter sido o primeiro programa do mundo a tocar músicas deles), Little Quail and the Mad Birds, Maskavo Roots, Oz, Pravda, Low Dream, Os Cabeloduro, DFC, Dungeon, Restless, Câmbio Negro e Rumbora, entre outras. Não há como negar que foi uma geração que está marcada saudosamente em nossa memória afetiva – e que foi bem retratada no documentário *Geração Baré Cola – Usuários do Rock*, de 2017, dirigido pelo fotógrafo Patrick Grosner.



Cult 22 Transamérica - 20.2.2015 (com Autoramas)



Cult 22 - 12.8.2016 (com Carmem Tereza, irmã de Renato Russo, e Marielle Loyola, ex-Arte no Escuro)



Cult 22 - 14.10.2016 (com jornalistas e produtores de outras rádios)

3 – Além das bandas conhecidas nacionalmente, como Legião Urbana, dentre outras, quais que você considera que ficaram marcadas em Brasília, levando em consideração a marca que a cidade tem como Capital do Rock?

Em termos de sucesso nacional, o rock de Brasília teve a tríade que estourou a partir da segunda metade dos anos 1980: Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. O Raimundos comandou com mais força a geração 1990, mas outras bandas tiveram momentos de brilho como Little Quail, Maskavo Roots, Rumbora e Câmbio Negro. Com a entrada das novas tecnologias, a relação do mercado fonográfico foi mudando, já que as vendas de disco caíram vertiginosamente com os compartilhamentos de mp3. Ao mesmo tempo o rock foi perdendo espaço na grande mídia. Então, na década seguinte o único nome local que se destacou no país – e mais no meio independente – foi o Móveis Coloniais de Acaju. No presente quem tem chamado mais atenção é o Scalene, que já foi atração de festivais internacionais como “Lollapalooza” e “Rock in Rio”, após ter sido vice-campeão num reality show musical da TV Globo. Mas houve bandas que ficaram pelo “meio do caminho”, que poderiam ter ido mais longe. Eu particularmente cito o próprio Maskavo Roots – que depois virou Maskavo, com mais sucesso, mas voltado para o reggae –, o Bois de Gerião e o Pravda.

4 – Em uma perspectiva de futuro, daqui a uns 10 anos, na sua opinião, tirando as bandas que já deixaram as suas marcas, quais bandas têm potencial para serem lembradas pelo público?

Difícil fazer essa projeção porque, como expliquei, o mercado mudou e o Rock anda muito em baixa na grande mídia nacional nos últimos 10, 15 anos. As músicas não tocam mais nas principais emis-

soras, a não ser em rádios especializadas no estilo, que não são muitas em termos de “dial” no território nacional: Kiss FM, 89FM, Cidade FM, etc. Para a produção independente é ainda pior: somente rola em algumas emissoras públicas e comunitárias ou em *webrádios*, que proliferaram nos últimos anos, mas ainda não têm tanta audiência no país a ponto de reverter essa onda. E que perdem para plataformas de streaming como Spotify ou Deezer, que se tornaram refúgio das pessoas que querem escapar das mesmices da mídia tradicional. Com esse mercado em nichos, ficou mais difícil formar público para novas bandas, sobretudo as de rock, apesar de muitos festivais independentes continuarem sobrevivendo pelo país. Tudo isso, claro, até o início de 2020: com a pandemia, o caos se instaurou no meio cultural em geral e as lives têm sido o principal recurso para as coisas não pararem de vez – mas com pouco (ou nenhum) retorno financeiro. Sem gente para assistir a shows, sem retorno de mídia, os músicos com o tempo vão perdendo o entusiasmo e as bandas se dissolvem. É um ciclo lamentável. Respondendo então à sua pergunta inicial: o Scalene é a banda brasileira de maior projeção da geração 2010 e acho que pode ir mais longe. Outra que tem “potencial pop” é a Lupa. Há vários nomes bacanas na atual cena, mas que sinceramente não sei se vão alçar voos pela conjuntura perversa. Só o tempo vai dizer...

5 – Com a ascensão de novas tecnologias, onde o acesso a música tornou-se cada vez mais fácil e diverso, como você vê o cenário atual da divulgação do Rock, através da rádio?

As dificuldades da divulgação do Rock nas rádios já foram explicadas na resposta anterior. No caso do *Cult 22*, em particular, continuamos sempre conectados com o que está rolando na cena brasileira e nos reinventamos a partir da Radioweb. O canal nasceu



CULT 22 - 13.1.2017 (com Marcelo Nova, do Camisa de Vênus)



CULT 22 - 5.10.2018 - ESPECIAL 27 ANOS



CULT 22 - 10.5.2019 (com Digão e Caio - Raimundos)



CULT 22 - 13.12.2019 (com Philippe Seabra e André X, da Plebe Rude)



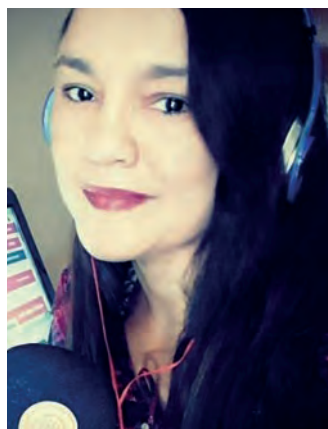
CULT 22 - 4.10.2019 - Especial 28 Anos



CULT 22 - 2.10.2020 - ESPECIAL 29 ANOS

como extensão do programa: em vez de apenas duas horas semanais de rock de todos os tempos e estilos, o ouvinte pode acompanhar 24h por dia dessa mistura de som internacional, nacional e de Brasília, do clássico ao independente, dos anos 1950 aos 2020. E paralelamente acompanhar outras produções específicas. Nesse processo, decidimos criar um novo programa, espécie de "spin-off", que é o *Cult Brasil*. Como recebemos muito material de bandas independentes e não tínhamos como tocar todas as sextas-feiras devido a outras demandas do *Cult 22*, surgiu esse espaço semanal dedicado exclusivamente aos lançamentos locais e nacionais, no ar às terças-feiras, das 20h às 21h, pela *Radioweb Cult 22*. Começamos no fim de março de 2020, início da pandemia, e o retorno tem sido ótimo. Muitos artistas, bandas e assessorias enviam material e compartilham a divulgação do programa, o que fortaleceu as nossas redes sociais. Além disso, temos desde 2016 uma coluna semanal, às quartas-feiras, em nosso blog dedicada aos lançamentos

de videoclipes do rock brasileiro. Dentro do programa *Cult 22* continuamos recebendo os músicos para entrevistas. Nesse período em sistema home office, os papos vêm sendo gravados por meio de videoconferência, onde aproveitamos para otimizar o tempo e o espaço e juntar três ou quatro bandas diferentes numa mesma conversa. Em outubro, como expliquei, vamos completar 30 anos e a ideia é fazer um evento, mas que provavelmente não será possível em 2021. Esperamos conseguir algo, nem que seja no início do próximo ano.



DENISE COELHO

1 – Me fala sobre a sua formação inicial, e por que criar uma rádio de Rock online, e como está sendo esse processo?

A minha formação é jornalismo, me formei em 1998 e passei boa parte da minha vida profissional, uns 15 anos, trabalhando com rádio. Sempre trabalhei com público, nunca tinha trabalhado com a divulgação do rock, apesar de ser apaixonada pelo estilo e sempre ter pensado, de alguma forma, em trabalhar com ele. Naquela época era muito mais difícil ter uma rádio. Em 2020 conheci o analista de sistemas Leandro Duarte, que se encantou pelo projeto, viabilizando-o através de uma radioweb. Para mim, não era uma novidade, pois, já trabalhava na agência radioweb, acabando por facilitar o processo. O projeto-piloto foi o programa *Rock daqui*, que já era uma ideia antiga, desde a minha graduação, e tinha como objetivo divulgar as bandas do DF e do entorno.

2 – A criação da Rádio aconteceu um pouco antes da chegada da pandemia ao Brasil, como isso tem influenciado no dia a dia de vocês?

Pode parecer estranho, mas a chegada da pandemia acabou nos beneficiando, pois a Rádio está dando possibilidade às bandas divulgarem os seus trabalhos, fazendo com que passe a existir uma integração de todos os envolvidos.

3 – Na resposta anterior você falou de integração das pessoas envolvidas no processo do Rock brasileiro, como você percebe o processo de produção do Rock no DF, tanto na qualidade, quanto na integração entre elas?

No Distrito Federal existem várias bandas com qualidade. O que percebo é uma dispersão, onde cada um faz o seu trabalho e ponto. A rádio acabou dando essa oportunidade de integrar os artistas nesse

sentido, buscando trazer de volta o lado glamouroso conquistado nos anos 80. A rádio tem como objetivo unir as pessoas em torno do rock.

4 – Dentro do Rock existem vários estilos, gerando vários públicos. Qual está sendo a receptividade desses públicos, levando em consideração que a Rádio tem divulgado os diversos estilos do Rock?

Pelo fato de que sempre tivemos como objetivo manter os amantes do rock conectados, decidimos divulgar todos os seus estilos, desde o Underground até o Pop rock, e confesso que no início ficamos receosos quanto à receptividade do público, porém estamos tendo uma resposta muito positiva por parte deles.

5 – Ainda falando dos estilos, como você percebe o rock dentro de uma construção cultural e de sociedade?

O rock tem a capacidade de transitar em diversas formas de sentimentos, diferente de outros estilos musicais. O rock é protesto, aborda diversos temas sociais, além da energia que ele transmite quando ouvimos o som de uma guitarra, além de ele ser uma válvula de escape. Não existe nada melhor do que um show de rock após uma semana intensa de trabalho.

6 – Como você avalia esse um ano de Rádio Rock Capital, e quais são as expectativas para o futuro da emissora?

Quando começamos pensamos em divulgar apenas o rock local, porém, o projeto ganhou uma dimensão maior e já está sendo procurado por empresas e agências do Brasil e do exterior. Todos os envolvidos na Rádio estão aqui porque acreditam no projeto, são parceiros e voluntários. Hoje já estamos com mais de 7 mil seguidores no Instagram e no Facebook e agora com um canal do Youtube. ●



RUBENS PERLINGEIRO

● CRÔNICAS DO RUBENS

LEI DO ENGASGO

Após um primeiro olhar, pensei que eu havia lido erroneamente. O cartaz na lanchonete mencionava “Lei do Engasgo”. Como? Tornou-se proibido engasgar-se ou passou a ser obrigatória sua ocorrência periódica? Após rápida pesquisa, descobri que o título se refere à execução da chamada “Manobra de Heimlich” nos estabelecimentos que servem comida. Os funcionários devem ser treinados a aplicá-la em fregueses que se mostrem sufocados com um pastel, uma coxa de peru, um caroço de abacate ou algo semelhante. Trata-se de um tranco aplicado

com as mãos fechadas sobre o peito da vítima, acionado por um indivíduo posicionado por trás dela, que usa sua própria barriga como escora. Dependendo da estética das nádegas de uma vítima feminina, há o risco de a operação ser estendida intencionalmente. Talvez algum masculino não muito convicto até finja estar engasgado.

A iniciativa foi boa, mas o nome da referida Lei, aprovada pela famigerada Câmara Legislativa do Distrito Federal, soa um pouco estranho. Embora salve vidas, o eficiente tranco já causou alguns

constrangimentos, como o lançamento inesperado de sorrisos a distância, alguns chegando a mergulhar na sopa de comensais situados em mesas adjacentes. Em consequência, deputados já pensam em aprovar a “Lei da Catapulta”, que obrigará os executores da manobra salvadora a colocarem à frente da boca do engasgado uma espécie de peneira destinada a recolher dentaduras voadoras.

Como ficou convenionado que quem está em perigo deve levantar o braço direito, é preciso cuidado ao se fazer sinal para pedir a conta. ●



Foto: Arquivo Público



JOÃO OLEGÁRIO

● UM OLHAR SEMPRE POSSÍVEL

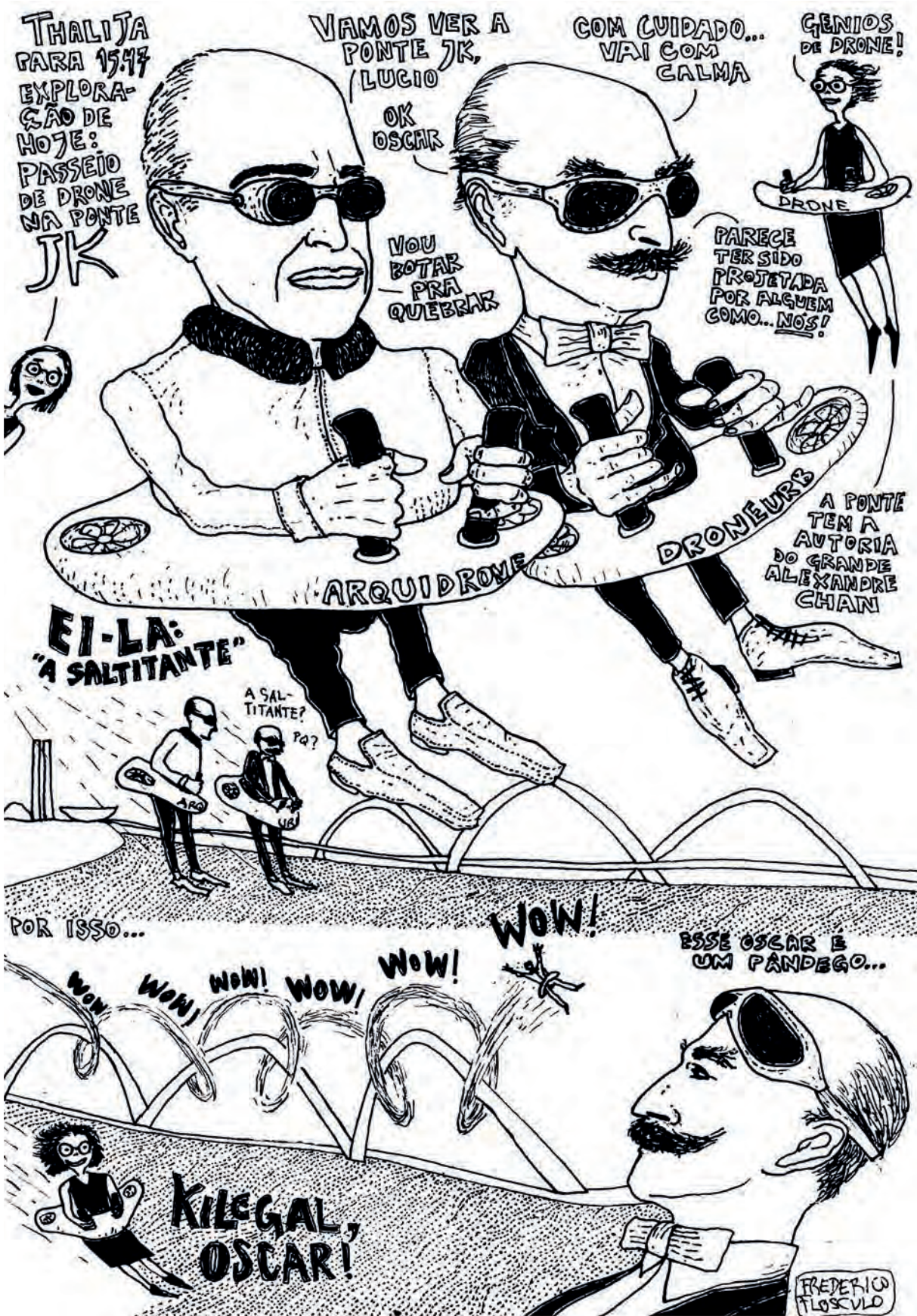
“FOTOMENAGEM” A LUIS HUMBERTO

★29.9.1934 | †12.2.2021

A memória
Foi feita
Para esquecer
O esquecimento
Foi feito
Para nos angustiar
O medo
Foi feito
Para nos diminuir
O amor
Foi feito
Para nos fazer crescer
O tempo
Foi feito
Para nos consumir
A vida
Foi feita
Para ser bem vivida
Com coragem
Muita coragem

(L.H.)





Brasília, 21 de abril de 2021

Cara Brasília,

Primeiramente gostaria de dar-lhe os parabéns! Que seus próximos anos sejam repletos de amor, cuidado e zelo por você! Esperamos que tenha gostado dos presentes que fizemos!

Hoje, mesmo não parecendo, estamos felizes por seu aniversário, porém, não estranhe a falta de festejos e "estardalhaços" por seu dia, é que estamos de luto!

Por aqui todos perderam alguém. Foram Doras, Arpads, Anas, Carlos, Paulos, Marias, Josés, Américos, Leilas, e tantos outros que partiram arrebatados por uma doença que só depende da redução da ganancia dos homens, do imediatismo dos governos, e da solidariedade entre os seres humanos, para evitar tanta dor!

Hoje é seu dia, mas peço desculpas, mais uma vez justificando-me, pois a dor do luto tem doído mais que a vontade de festejar!

Te amos, cidade única!

Parabéns, e um grande beijo!

Equipe da revista 15.47

Revista 15.47 de arquitetura, arte, patrimônio e cultura.
PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, nº. 04 (abril - 2021)
Brasília - Brasil - Online

Bimensal

Sumário em Português

Disponível em: <https://paraboloide.com/revista-15-47>

**1-Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design
8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo**

DIREÇÃO EXECUTIVA, DIREÇÃO DE ARTE E DE EDIÇÃO

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

DIRETORIA 15.47 / EQUIPE EDITORIAL

ANDRÉ BERÇOTT
BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT
CAROLINA ARAUJO
FREDERICO FLÓSCULO
JÉSER JUNIOR
JOÃO DINIZ
JORGE NASSAR
JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO
LUCIANA AZEVEDO
MALU PERLINGEIRO
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA
RUBENS PERLINGEIRO
VIVI MANZUR

REVISÃO/DIAGRAMAÇÃO

ENY JUNIA LIMA CARVALHO (REVISORA)
JOÃO OLEGÁRIO (DIAGRAMAÇÃO E DESIGN)
ANGELINA QUAGLIA (DESIGN)

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
JOÃO DINIZ
JOÃO OLEGÁRIO
MALU PERLINGEIRO
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA

FOTOGRAFIA DE CAPA

FRANCISCO WILLIAN SALDANHA

AGRADECIMENTOS AOS FOTÓGRAFOS E GALERIAS

AOS FOTÓGRAFOS, EDITORAS, SITES E AMIGOS QUE, DEVIDO À PANDEMIA, AUXILIARAM
COM FOTOGRAFIAS E IMAGENS EXTRAS, NOSSO OBRIGADO!

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

**BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CONTATO@PARABOLOIDE.COM**

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538